J. KRISHNAMURTI

A ÚNICA REVOLUÇÃO

J. KRISHNAMURTI

A ÚNICA REVOLUÇÃO

3ª Edição
Tradução de
Moacir Amaral e Rachel Fernandes

Divisão para edição e reedição de livros da
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Rua dos Andradas, 29 - sala 1007
20051 000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel. (21) 2232 2646
semcaminho@hotmail.com
www.krishnamurtisemc.hpg.com.br

ÍNDICE

ÍNDIA

CALIFÓRNIA

EUROPA

ÍNDIA

1. A BÊNÇÃO DO AMOR

Meditação não é um escape do mundo; não é atividade egocêntrica, isolante; porém, antes, a compreensão do mundo e de seus costumes. Pouco tem o mundo para oferecer além de alimento, roupa, morada, prazer e suas aflições.

Meditação é abandonar o mundo, pois temos que ser totalmente estranhos a ele. Então, o mundo tem significado e a beleza do céu e da terra é constante. Então, o amor não é prazer. Daí nasce uma ação que não é resultado de tensão, de contradição, da busca de autopreenchimento ou da arrogância do poder.

O quarto dava para o jardim e, dez ou doze metros abaixo, estendia-se o largo rio, sagrado para alguns mas, para outros, uma bela extensão de água, aberta aos céus e à glória da manhã. A outra margem era sempre visível, com sua aldeia e suas árvores copadas e o campo de trigo de inverno, recentemente plantado. Do quarto, via-se a estrela matutina e o sol elevando-se lentamente acima das árvores; e o rio tornava-se um caminho dourado para o sol.

À noite o quarto era muito escuro e a larga janela mostrava todo o céu do sul. Nesse quarto, certa noite, entrou, com muito alvoroço, uma ave. Ao acender a luz e sair da cama, nós a vimos debaixo da cama. Era uma coruja. Media cerca de quarenta e cinco centímetros

de altura, tinha olhos enormes e um bico temível. Ficamo-nos fitando, bem perto um do outro, a poucos centímetros de distância. Assustava-a a luz e a proximidade de um ser humano. Estivemos um bom tempo a encarar-nos, sem piscar, e nem uma só vez ela perdeu sua altivez e sua selvagem dignidade. Era possível ver suas garras cruéis, as leves penas e as asas apertadas contra o corpo. Tínhamos vontade de tocá-la, de afagá-la, mas isso, de modo nenhum, ela permitiria. Assim, pouco depois, apagamos a luz e por alguns momentos houve silêncio no quarto. Passados alguns instantes, um bater de asas – pudemos sentir o ar contra o rosto – e a coruja saiu pela janela. Não voltou mais.

Era um templo muito antigo; dizia-se que devia ter mais de três mil anos, mas sabemos como o povo exagera. Sem dúvida, ele era velho; fora templo budista e, cerca de sete séculos antes, tornara-se templo hinduísta, sendo o Buda substituído por um ídolo hindu. Dentro era muito escuro e tinha uma estranha atmosfera. Havia pórticos com colunatas e longos corredores belamente entalhados; havia o cheiro de morcegos e de incenso.

Os devotos, recém-banhados, entravam de mãos postas e circulavam por esses corredores, prostrando-se toda vez que passavam diante da imagem, vestida de sedas brilhantes. Um sacerdote cantava no santuário e era agradável ouvir o sânscrito bem pronunciado. Cantava sem pressa, e as palavras vinham, claras e graciosas, das profundezas do templo. Havia crianças, mulheres idosas e rapazes. Os homens que vestiam roupas ocidentais devido à profissão tinham guardado suas calças, seus casacos europeus e vestido *dhotis*, e ali estavam de mãos postas e ombros nus, com muita devoção, sentados ou de pé.

E havia um poço cheio de água – um poço sagrado – com muitos degraus que a ele desciam e, em torno dele, colunas de rocha esculpida. Entra-se no templo pela estrada de terra, cheia de barulho, batida por um sol brilhante e causticante, e ali havia muita sombra e paz. Não havia velas nem pessoas ajoelhadas; apenas os que

tinham feito a peregrinação em torno do santuário, a mover silenciosamente os lábios, em oração.

Naquela tarde um homem veio nos visitar. Disse-nos ser seguidor da tradição Vedanta. Falava muito bem inglês, educado que fora em uma de nossas universidades, e tinha um intelecto brilhante, arguto. Advogado, ganhava muito dinheiro e seus olhos penetrantes nos olhavam especulativamente, medindo, pesando, e com certa ansiedade. Parecia ter lido muito, inclusive alguma coisa da teologia ocidental. Homem de meia-idade, um pouco magro, alto, com a dignidade de advogado ganhador de muitas causas.

Disse: "Ouvi a sua fala, e o que você diz é pura Vedanta, modernizada, mas da velha tradição". Perguntamo-lhe o que entendia por Vedanta. Respondeu: "Nós cremos que só existe Brahma, que cria o mundo e sua ilusão; e o *Atman* – que habita todo ser humano – pertence àquele Brahma. O homem deve despertar dessa consciência cotidiana da pluralidade e do mundo manifesto, assim como se desperta de um sonho. Tal como o sonhador cria a totalidade do seu sonho, assim a consciência individual cria a totalidade do mundo manifesto e das outras pessoas. Voce não diz tudo isso, mas certamente o tem em mente, porque nasceu e foi criado neste país e, embora tenha passado a maior parte de sua vida no estrangeiro, faz parte desta antiga tradição. A Índia o produziu, quer você goste ou não; você é produto da Índia e tem mentalidade indiana. Os seus gestos, a sua imobilidade de estátua, quando fala, todo o seu aspecto faz parte desta velha herança. O seu ensinamento é, com certeza, a continuação do que os nossos antepassados ensinaram, desde tempos imemoriais".

Deixemos de lado se este que lhe fala é um indiano criado nesta tradição, condicionado por esta cultura, se ele é uma síntese desse antigo ensinamento. Em primeiro lugar, ele não é um hindu, isto é, não pertence a esta nação ou à comunidade dos brâmanes, embora nela nascido. Rejeita toda essa tradição de que está revestido. Nega que seu ensinamento seja a continuação dos ensinamentos antigos. Não

leu nenhum dos livros sagrados da Índia ou do Ocidente porque eles são desnecessários ao homem que está atento ao que acontece no mundo – o comportamento dos seres humanos, com suas intermináveis teorias, com a propaganda aceita de dois ou cinco mil anos, que se tornou a tradição, a verdade, a revelação.

Para esse homem – que total e completamente rejeita aceitar a palavra, o símbolo e seu condicionamento –, para ele a verdade não é uma coisa de segunda mão. Se o tivesse escutado realmente, senhor, desde o começo ele tem dito que qualquer aceitação da autoridade é a negação mesma da verdade, e tem insistido que devemos ficar fora de toda cultura, tradição e moralidade social. Se o tivesse escutado, então não diria que ele é um indiano ou que está continuando a tradição antiga, traduzida em linguagem moderna. Ele rejeita totalmente o passado, seus instrutores, seus intérpretes, suas teorias e fórmulas.

A verdade nunca está no passado. A verdade do passado são cinzas da memória; a memória pertence ao tempo, e não existe verdade nas cinzas mortas do ontem. A verdade é uma coisa viva, não contida na esfera do tempo.

E, assim, tendo colocado tudo isso de lado, podemos agora considerar a questão central. Certamente, senhor, a própria asserção dessa crença é uma teoria inventada por uma mente imaginativa – seja Shankara, seja o moderno e acadêmico teólogo. Pode-se experimentar uma teoria e dizer que é assim; mas isso é ser como um homem criado e condicionado no mundo católico e que tem visões de Cristo. Tais visões, é óbvio, são a projeção de seu próprio condicionamento, e os que foram criados na tradição de Krishna têm experiências e visões oriundas de sua cultura. Assim, a experiência não prova nada. Reconhecer a visão como sendo de Krishna ou de Cristo é o resultado de conhecimento condicionado; tal visão, portanto, não é real, em absoluto, porém uma fantasia, um mito fortalecido pela experiência e totalmente nulo. Por que você quer mesmo uma teoria e por que precisa de alguma crença? Essa constante asserção de crença é sinal de medo – medo da vida de cada dia, medo do sofrimento, medo da morte e da total falta de significação da vida. Vendo tudo isso, você inventa uma teoria e, quanto mais ardilosa e

erudita essa teoria, mais peso tem. E, após dois ou dez mil anos de propaganda, ela se torna, invariável e tolamente, "a verdade".

Mas, se você não prega nenhum dogma, então se vê frente a frente com o que realmente é. O que é – é pensamento, prazer, sofrimento e o medo da morte. Quando você compreende a estrutura de seu viver diário – com sua competição, avidez, ambição e busca do poder – então verá não só o absurdo das teorias, salvadores e *gurus*, mas também poderá encontrar o fim do sofrimento, o fim de toda a estrutura construída pelo pensamento.

O aprofundamento e compreensão dessa estrutura é meditação. Então você verá que o mundo não é uma ilusão, mas uma terrível realidade que o homem, nas relações com seus semelhantes, construiu. Isso é o que precisamos compreender e não essas teorias extraídas da Vedanta, com os rituais e toda a parafernália da religião organizada.

Quando o homem, sem nenhum motivo, é livre do medo, da inveja ou do sofrimento, só então a mente está naturalmente em paz e tranqüila. Pode, então, não só ver a verdade na vida diária, de momento a momento, mas também ir além de toda a percepção; por conseguinte, existe o findar do observador e da coisa observada, cessa a dualidade.

Mas, além de tudo isso, e sem relação com essa luta, essa vaidade e esse desespero, existe – e isto não é uma teoria – uma corrente sem começo nem fim; um movimento imensurável que a mente jamais pode apreender.

Ao ouvir isso, obviamente você vai fazer uma teoria do que ouviu e, se gostar dessa nova teoria, irá propagá-la. Mas o que você propaga não é a verdade. A verdade se apresenta somente quando você está livre da dor, da ansiedade e da agressividade que ora enchem o seu coração e mente. Quando se percebe tudo isto e se chega àquela bênção chamada amor, então você saberá a verdade do que foi dito.

2. A VERDADE ESTÁ ALI ONDE VOCÊ NUNCA OLHA

O importante na meditação é a qualidade da mente e do coração. Não é o que você alcança ou diz alcançar, mas a qualidade da mente que é inocente e vulnerável. Pela negação encontra-se o estado positivo. Juntar experiência ou nela viver nega a pureza da meditação. A meditação não é um meio que leva a um fim. Ela é meio e fim. A mente nunca se tornará inocente através da experiência. A negação da experiência é que faz nascer o estado positivo da inocência, que não pode ser cultivado pelo pensamento. O pensamento nunca é inocente. A meditação é o findar do pensamento, mas não por parte do meditador, pois o meditador é a meditação. Se não existe meditação, então você é como um homem cego num mundo cheio de beleza, de luz e de cor.

Caminhe pela praia e deixe essa qualidade meditativa vir a você. Se ela não vier, não a busque. O que se busca se tornará a memória do que foi e, o que foi, é a morte do que é. Ou, ao caminhar pelas colinas, deixe que tudo lhe fale da beleza e da dor da vida, de modo que você desperte para o seu próprio sofrimento e o seu terminar. A meditação é a raiz, a planta, a flor e o fruto. São as palavras que separam o fruto, a flor, a planta e a raiz. Nessa separação, a ação não cria bondade; virtude é a percepção total.

Era uma estrada longa e sombreada, arborizada de ambos os lados – uma estrada estreita que serpenteava através dos maduros e reluzentes trigais. O sol fazia sombras definidas, e as aldeias existentes em ambos os lados da estrada eram sujas, mal conservadas, flageladas pela pobreza. As pessoas de mais idade tinham o aspecto doente e triste, mas as crianças gritavam e brincavam na poeira, atirando pedras nas aves pousadas no alto das árvores. Era uma manhã fresca muito agradável e uma brisa refrescante soprava sobre as colinas.

Os papagaios e os mainás faziam muita algazarra naquela manhã. Mal se podia ver os papagaios entre as folhas verdes das árvores; nos tamarindeiros haviam alguns buracos, que eram suas moradas. Seu vôo em ziguezague era sempre cheio de gritos ásperos e barulhentos. Os mainás, bastante mansos, andavam pelo chão. Deixavam a gente chegar bem perto deles e, só então, alçavam vôo. O dourado papa-moscas, de plumagem verde-dourada, estava pousado nos fios, do outro lado da estrada. Era uma bela manhã, e o sol ainda não tinha esquentado demais. Pairava no ar uma bênção e aquela paz que precede o despertar do homem.

Por aquela estrada ia passando um veículo de duas rodas puxado por um cavalo, com um tablado de quatro varas e uma coberta de lona. Nele, atravessado entre as rodas e envolto num pano branco e vermelho, era conduzido um cadáver para ser queimado à margem do rio. Ao lado do cocheiro estava sentado um homem, um parente talvez, e o morto ia sacolejando para cima e para baixo, por aquela estrada nada suave. Vinham de longe, pois o cavalo estava banhado de suor; o corpo morto veio sendo sacudido por toda aquela distância e já devia estar completamente rígido.

O homem que nos visitou mais tarde, naquele dia, disse ser instrutor de artilharia na marinha. Veio com a mulher e dois filhos, e parecia muito sério. Após as saudações, disse que desejava encontrar Deus. Não articulava bem as palavras, talvez por ser bastante tímido. As mãos e o rosto revelavam habilidade, mas existia uma certa dureza na voz e no olhar – pois, afinal de contas, ele era um instrutor de métodos

de matar. Deus parecia estar tão remoto de suas atividades cotidianas! Tudo isso parecia tão esquisito, pois ali estava um homem que se dizia seriamente empenhado na busca de Deus e, ainda assim, para ganhar o sustento, era forçado a ensinar aos outros a arte de matar.

Disse ser religioso e haver percorrido muitas escolas de diferentes assim-chamados santos. Estava insatisfeito com tudo e agora fizera uma longa viagem, de trem e de ônibus, a fim de encontrar-se conosco, pois desejava saber como chegar àquele mundo estranho que os homens e os santos sempre procuraram. A mulher e os filhos mantinham-se sentados, muito calados e respeitosos; e, do lado de fora, num galho pertinho da janela, estava pousada uma pomba marrom-claro, a arrulhar baixinho para si mesma. O homem nunca olhava para ela, e as crianças e a mãe continuavam sentadas, muito rígidas, nervosas e sem sorrir.

Não se pode encontrar Deus; não há caminho para Ele. O homem inventou muitos caminhos, muitas religiões, muitas crenças, salvadores e instrutores, que ele pensa que o ajudarão a encontrar a felicidade duradoura. O lamentável da busca é que ela conduz a uma certa fantasia mental, uma certa visão que a mente projetou e mediu pelas coisas conhecidas. O amor que ele busca é destruído pela sua maneira de viver. Não se pode ter uma arma em uma das mãos e Deus na outra. Deus é apenas um símbolo, uma palavra que, com efeito, perdeu sua significação, porque as igrejas e os lugares de devoção a destruíram. Naturalmente, se você não acredita em Deus, você é igual ao crente; ambos sofrem e passam pelo sofrimento de uma vida curta e vã; e as amarguras de cada dia tornam a vida uma coisa sem significação. A realidade não se encontra no fim da corrente do pensamento, e o coração vazio se enche com as palavras do pensamento. Tornamo-nos muito espertos, inventando novas filosofias, e depois existe a amargura do fracasso delas. Inventamos teorias de como alcançar a realidade final, e o devoto vai ao templo e se perde no meio das imaginações de sua própria mente. O monge e o santo não encontram aquela realidade porque ambos pertencem a uma tradição, a uma cultura que os aceita como santos e monges.

A pomba voou, e a beleza da montanha de nuvens paira sobre a terra – e a verdade está ali onde você nunca olha.

3. VEJA A BELEZA DAQUELA FLOR!

Era um antigo jardim mongol, com muitas árvores frondosas. Nele havia grandes monumentos, com seus interiores escuros, com sepulcros de mármore, e as chuvas e o tempo tinham escurecido as pedras e tornado as cúpulas mais escuras ainda. Havia centenas de pombos pousados nessas cúpulas. Eles e os corvos disputavam um lugar, e na parte mais baixa das cúpulas estavam os papagaios, que chegavam em grupos, de todos os lados. Havia gramados bem cuidados, bem aparados e regados. Era um lugar tranqüilo, e era de admirar não estar tão cheio de gente. À tarde, os empregados das redondezas vinham, de bicicleta, reunir-se em um dos gramados para jogar cartas. Era um jogo que eles entendiam, mas sem pé nem cabeça para um observador de fora. Grupos de crianças brincavam no gramado de uma outra tumba.

Havia um túmulo especialmente grandioso, com grandes arcos bem proporcionados e, atrás dele, um muro assimétrico. Era feito de tijolos e o sol e a chuva tinham-no tornado escuro, quase preto. Havia um aviso proibindo colher flores, mas ninguém parecia darlhe muita atenção, pois as pessoas as colhiam mesmo assim.

Havia uma alameda de eucaliptos e, atrás dela, um jardim de rosas, cercado de um muro a desmoronar-se. Esse jardim, com rosas magníficas, era bem cuidado e belo, a grama sempre verde e bem aparada. Parecia que poucas pessoas entravam nele, e ali podia-se

passear a sós, vendo o sol deitar-se atrás das árvores e da cúpula do sepulcro. Principalmente à tarde, com longas e escuras sombras, aquele jardim era cheio de paz, longe do barulho da cidade, da pobreza, e da fealdade dos ricos. Ciganos arrancavam as ervas daninhas do gramado. Era um lugar positivamente belo, mas que o homem, pouco a pouco, estava destruindo.

Havia um homem sentado de pernas cruzadas, em um dos cantos remotos do gramado, sua bicicleta ao seu lado. Tinha os olhos fechados e os lábios se moviam. Ele estava lá, naquela posição, por mais de meia hora, completamente alheio ao mundo, aos passantes, aos guinchos dos papagaios. Seu corpo estava completamente imóvel. Nas mãos, tinha um rosário coberto com um pedaço de pano. Seus dedos eram o único movimento visível, afora os lábios. Vinha diariamente, à tardinha, talvez após o seu dia de trabalho. Ele era um homem um tanto pobre, bem nutrido, e vinha sempre para aquele mesmo canto, onde ficava inteiramente absorto. Se você lhe perguntasse o que estava fazendo, responderia que estava meditando, repetindo uma certa oração ou *mantra* – e, para ele, aquilo era o bastante. Encontrava naquilo alívio para a monotonia da vida diária. Estava sozinho no gramado. Atrás dele, um jasmineiro em flor; um grande número de flores jazia no chão e a beleza daquela hora o rodeava. Mas ele nunca a olhava, porque estava todo perdido na beleza da sua própria criação.

Meditação não é a repetição de uma palavra, nem o experimentar de uma visão, nem o cultivo do silêncio. A conta do rosário e a palavra podem de fato aquietar a mente tagarela, mas isso é uma forma de auto-hipnose. Você poderia igualmente tomar uma droga.

Meditação não significa envolver-se num padrão de pensamento, no encantamento do prazer. A meditação não tem começo e, portanto, não tem fim.

Se você diz: "Começarei hoje a controlar os meus pensamentos, sentando tranqüilamente em postura meditativa, respirando ritmadamente" – nesse caso você é apanhado pelos artifícios com os

quais uma pessoa engana a si própria. Meditação não é uma questão de estar absorvido em alguma idéia ou imagem grandiosa: isso só dá uma aquietação momentânea, como uma criança absorvida por um brinquedo fica quieta por um certo tempo. Mas, tão logo o brinquedo deixa de ser interessante, recomeçam a inquietação e as travessuras. Meditação não é seguir um caminho invisível, que conduz a uma bem-aventurança imaginária. A mente meditativa está vendo – observando, escutando, sem a palavra, sem comentário, sem opinião –, atenta ao movimento da vida em todas as suas relações, do começo ao fim do dia. E à noite, quando todo o organismo está em repouso, a mente meditativa não tem sonhos, porque esteve desperta todo o dia. Só os indolentes tem sonhos; só os semi-adormecidos é que precisam ser advertidos dos seus próprios estados. Mas enquanto a mente vê, escuta o movimento da vida – o externo e o interno –, a essa mente vem um silêncio não construído pelo pensamento.

Não é um silêncio que o observador possa experimentar. Se ele o experimenta e reconhece, isso já não é mais silêncio. O silêncio da mente meditativa não se encontra entre os limites do reconhecimento, porque é um silêncio sem fronteiras. Existe apenas silêncio – no qual cessa o espaço da divisão.

As colinas estavam sendo tomadas pelas nuvens e a chuva tornava reluzentes as rochas – grandes blocos de granito – nelas espalhadas. Havia uns vestígios de preto no granito cinza e, naquela manhã, aquela rocha escura estava sendo lavada pela chuva, e se tornava cada vez mais preta.

As lagoas se enchiam, e as rãs emitiam sons guturais. Um grupo de papagaios voltava dos campos em busca de abrigo, e os macacos trepavam pelas árvores, e a terra vermelha ia ficando mais escura.

Há um silêncio peculiar quando está chovendo, e naquela manhã todos os barulhos do vale pareciam suspensos – os barulhos da fazenda, do trator, do cortar lenha. Existiam apenas os pingos que caíam do telhado e o gorgolejar das calhas.

Era extraordinário sentir a chuva cair sobre o corpo, molhar até os ossos, e sentir a terra e as árvores recebendo a chuva com grande deleite; pois estivera longo tempo sem chover e agora se fechavam as rachaduras da terra. Os ruídos dos muitos pássaros foram silenciados pela chuva; as nuvens vinham chegando do leste, escuras, carregadas, e estavam sendo impelidas para o oeste; as colinas eram carregadas por elas, e o cheiro da terra se espalhava por todos os cantos. Choveu o dia todo.

E, na quietude da noite, as corujas piavam umas para as outras, pelo vale.

Ele era professor primário, brâmane, e trajava um *dhoti* limpo. Estava descalço e vestia uma camisa ocidental. Asseado, olhos penetrantes, maneiras aparentemente suaves, seu cumprimento mostrava humildade. Ele não era muito alto e falava bem inglês, pois lecionava esse idioma na cidade. Disse que não ganhava muito e, como todos os professores do mundo, achava difícil viver de seu ordenado. É claro que era casado e tinha filhos, mas parecia colocar isso tudo de lado, como se fosse coisa completamente sem importância. Era um homem orgulhoso, com aquele orgulho peculiar que não vem do sucesso, que não é o orgulho dos bem-nascidos ou dos ricos, mas o orgulho de uma raça antiga, do representante de uma velha tradição e sistema de pensamento e moralidade – o que, em verdade, nada, absolutamente, tinha que ver com o que ele realmente era. Seu orgulho estava no passado que ele representava, e seu desprezo das presentes complicações da vida era o gesto de um homem que as considera inevitáveis, se bem que desnecessárias. Tinha a dicção do sul, dura e alta. Disse ter ouvido as palestras, aqui, debaixo das árvores, durante muitos anos. De fato, seu pai costumava trazê-lo, quando ele era jovem, ainda na faculdade. Mais tarde, depois de arranjar seu atual e mísero emprego, continuou a vir todos os anos.

"Eu tenho ouvido você por muitos anos. Talvez eu entenda intelectualmente o que você vem dizendo, mas não parece penetrar muito profundamente. Gosto do ambiente em que você fala, sob as

árvores, e olho para o pôr-do-sol quando você chama a atenção para isso – como você o faz freqüentemente em suas palestras – mas não sou capaz de sentir isso, não sou capaz de tocar a folha e de sentir a dança alegre das sombras no chão. Eu não tenho quaisquer sentimentos, de fato. Li muito, naturalmente, tanto literatura inglesa como nacional. Sei recitar poemas, mas a beleza existente além das palavras sempre me fugiu. Estou endurecendo, não só com minha mulher e meus filhos, mas também com todos. Na escola estou gritando mais. Eu me pergunto por que perdi o deleite no pôr-do-sol – se alguma vez o tive! Eu me pergunto por que já não sou sensível aos males existentes no mundo. Parece que vejo tudo intelectualmente, e sou capaz de argumentar bem – pelo menos penso que sou – com quase todo mundo. Assim, por que existe essa separação entre o intelecto e o coração? Por que perdi o amor e o sentimento de genuína piedade e afeição?"

Olhe aquela buganvília lá fora. Você a vê realmente? Você vê a luz nela, sua transparência, suas cores, sua forma e sua qualidade?

"Eu olho para ela, mas ela não significa absolutamente nada para mim. E como eu há milhões. Assim, eu volto a essa questão – por que existe esta separação entre o intelecto e o sentimento?"

Será porque fomos educados incorretamente, cultivando apenas a memória e, desde a mais tenra infância, nunca nos foi mostrado uma árvore, uma flor, um pássaro, uma extensão de água? Será porque tornamos a vida mecânica? Ou por causa do excesso de população? – para cada emprego há milhares de candidatos. Ou por causa do orgulho – orgulho de nossa competência, orgulho da raça, orgulho de nosso pensamento afiado? Você acha que é isso?

"Se você está me perguntando se sou orgulhoso – sim, eu sou."

Mas esta é apenas uma das razões por que o assim-chamado intelecto predomina. Será porque as palavras se tornaram extraordinariamente importantes e não aquilo que está acima e além da palavra? Ou é porque você está inibido, bloqueado de diferentes maneiras, talvez sem ter nenhuma consciência disso? No mundo moderno o intelecto é adorado, e quanto mais esperta e sagaz é a pessoa, mais progride.

"Talvez sejam todas essas coisas juntas, mas têm elas alguma importância? É claro que podemos prosseguir infindavelmente, analisando, descrevendo a causa, mas irá isso desfazer a separação entre a mente e o coração? É isso o que quero saber. Li alguns livros de psicologia e nossa própria literatura antiga, mas nada disso me entusiasma, e assim agora eu vim vê-lo, embora talvez seja tarde demais para mim."

Você realmente se importa que a mente e o coração se unam? Você não está realmente satisfeito com suas capacidades intelectuais? Não será apenas acadêmica a questão de como unir a mente e o coração? Por que você se incomoda com isso, fazer os dois se unirem? Essa preocupação é ainda do intelecto – não é? – e não oriunda de um interesse real na deterioração do seu sentimento, que é parte de você. Você dividiu a vida em intelecto e coração e você observa intelectualmente o coração murchando, e está verbalmente preocupado com isso. Deixe-o murchar! Viva apenas no intelecto. Isso é possível?

"Eu tenho sentimentos."

Mas não são esses sentimentos, em verdade, sentimentalismo, complacência emocional consigo mesmo? Não é disso que estamos falando, certamente. Estamos dizendo: Fique morto para o amor, isso não importa. Viva inteiramente no seu intelecto, e nas suas manipulações verbais, nos seus argumentos astutos. E quando você vive aí, realmente, que acontece? Aquilo a que você se opõe é a destrutividade desse intelecto, que você tanto adora. Essa destrutividade cria uma multidão de problemas. Você provavelmente vê os efeitos das atividades intelectuais no mundo – as guerras, a competição, a arrogância do poder – e talvez você tenha medo do que está para acontecer, medo da situação sem saída e do desespero do homem. Enquanto existir essa divisão entre os sentimentos e o intelecto – um a dominar o outro –, um destruirá o outro, inevitavelmente; não há possibilidade de uni-los. Você pode ter ouvido anos seguidos as palestras e talvez tenha feito grandes esforços para unir a mente e o coração, mas tal esforço é da mente e, portanto, domina o coração. O amor não pertence a nenhum dos dois, porque nele não tem a qualidade de

dominação. Não é uma coisa fabricada pelo pensamento ou pelo sentimento. Não é uma palavra do intelecto ou uma resposta dos sentidos. Você diz: "Eu preciso ter amor, e para tê-lo devo cultivar o coração". Mas esse cultivo é da mente e, dessa maneira, você mantém ambos sempre separados; eles não podem ser unidos para fins utilitários. O amor está no começo e não no fim de algum esforço.

"Então, que devo fazer?"

Seus olhos nesse momento se tornavam mais brilhantes; havia um movimento no seu corpo. Olhava pela janela e, lentamente, começava a inflamar-se.

Você não pode fazer nada. Fique fora disso! E escute; e veja a beleza daquela flor.

4. NÃO HÁ NADA PERMANENTE SOBRE A TERRA E EM NÓS MESMOS

Meditação é a revelação do novo. O novo está além e acima do passado repetitivo – e a meditação é o fim dessa repetição. A morte que a meditação traz é a imortalidade do novo. O novo não se acha na área do pensamento, e a meditação é o silêncio do pensamento.

Meditação não é uma conquista, nem é o capturar de uma visão, nem excitação da sensação. É como o rio, que não é para ser domado, correndo rapidamente e transbordando suas margens. É música sem som; não pode ser domesticada nem utilizada. É o silêncio no qual o observador deixou de existir desde o começo.

O sol ainda não tinha se levantado; podia-se ver a estrela matutina por entre as árvores. Havia um silêncio que era realmente extraordinário. Não o silêncio entre dois barulhos ou entre duas notas, mas o silêncio completamente sem causa, o silêncio que devia existir no início do mundo. Esse silêncio preenchia todo o vale e as colinas.

As duas grandes corujas, chamando uma a outra, nunca perturbavam esse silêncio, e um cão que ao longe latia para a lua, ainda no céu, fazia parte dessa imensidão. O orvalho era espesso, e quando o sol apareceu por detrás da colina, ela reluziu com muitas cores e com o brilho que vem com os primeiros raios do sol.

As folhas delicadas do jacarandá estavam pesadas com o orvalho, e os pássaros vieram tomar o seu banho matinal, agitando as asas para que o orvalho que cobria aquelas folhas delicadas lhes penetrasse entre as penas. Os corvos eram particularmente persistentes; saltavam de um galho para outro, pondo a cabeça entre as folhas, agitando as asas, e alisando as penas com o bico. Havia uma meia dúzia deles naquele galho pesado e havia muitos outros pássaros, espalhados por toda a árvore, tomando o seu banho matinal.

E esse silêncio se estendia e parecia ultrapassar as colinas. Ouviam-se os costumeiros barulhos de crianças gritando e risos; a fazenda começava a despertar.

O dia ia ser frio, e as colinas recebiam agora a luz do sol. Eram colinas muito velhas – provavelmente as mais velhas do mundo – com rochas de formas estranhas que pareciam ter sido caprichosamente esculpidas e equilibradas umas sobre as outras; mas não havia vento nem toque capaz de desfazer esse equilíbrio.

Era um vale muito longe das cidades, e a estrada que o atravessava levava a outra aldeia. A estrada era irregular e não havia carros nem ônibus a perturbar a quietude milenar daquele vale. Havia carros de bois, mas o movimento deles fazia parte das colinas. Havia o leito seco de um rio por onde só corria água após chuvas pesadas e a cor era uma mistura de vermelho, amarelo e marrom; e também ele parecia mover-se com as colinas. E os aldeões que passavam em silêncio eram como as rochas.

O dia foi passando e, ao fim da tarde, quando o sol estava se pondo atrás das colinas, ao oeste, o silêncio veio vindo, de longe, por sobre as colinas, através das árvores, envolvendo as pequenas moitas e a velha árvore *banyan*. E, assim que as estrelas se tornaram brilhantes, o silêncio cresceu em grande intensidade; você mal conseguia suportá-lo.

As lamparinas da aldeia foram apagadas e, com o sono, a intensidade daquele silêncio se tornou mais profunda, mais ampla, e incrivelmente opressiva. Até as colinas se tornaram mais quietas, pois elas também tinham cessado seus murmúrios, seu movimento, e pareciam ter perdido o seu imenso peso.

Ela disse ter quarenta e cinco anos; estava vestida com cuidado em um sári, e com alguns braceletes nos pulsos. O senhor mais idoso que a acompanhava disse ser seu tio. Sentamo-nos todos no chão, de onde se via um grande jardim com uma árvore *banyan,* umas poucas mangueiras, as radiantes buganvílias e as palmeiras em crescimento. Ela estava terrivelmente triste. As mãos se moviam incessantemente, estava tentando conter-se, para não irromper em palavras e, talvez, em lágrimas. O tio disse: "Viemos falar com você sobre a minha sobrinha. O marido dela morreu há alguns anos atrás, e em seguida o filho, e agora ela não pára de chorar e envelheceu terrivelmente. Não sabemos o que fazer. Os habituais conselhos médicos não parecem dar resultado, e ela está perdendo o contato com os outros filhos. Ela está emagrecendo. Não sabemos como isso irá acabar, e ela insistiu em que viéssemos procurar você".

"Perdi meu marido há quatro anos. Era médico e morreu de câncer. Ele deve ter escondido a doença de mim, e só um ano antes de sua morte vim a sabê-lo. Ele estava em agonia, embora os médicos lhe dessem morfina e outros sedativos. Diante de meus olhos ele foi definhando até morrer."

Parou, quase sufocada pelas lágrimas. Havia uma pomba pousada num ramo, a arrulhar baixinho. Era de cor cinza-amarronzado, de cabeça pequena e corpo grande – não muito grande, pois era uma pomba. Em seguida, saiu voando e o ramo ficou balançando para cima e para baixo, pela pressão ao alçar vôo.

"Por alguma razão não posso suportar esta solidão, esta existência sem sentido que levo sem ele. Eu amava os meus filhos; tinha três, um menino e duas meninas. Um dia, no ano passado, o menino escreveu-me do colégio que não estava passando bem, e após alguns dias recebi um telefonema do diretor, comunicando-me que tinha morrido."

Aí ela começou a soluçar descontroladamente. Depois, mostrou uma carta do menino em que ele dizia que desejava voltar para casa, porque não estava se sentindo bem e acrescentando que esperava que

ela estivesse bem de saúde. Ela explicou que ele se mostrara preocupado por causa dela e não desejara ir para o colégio; queria ficar perto dela. Mas, de certo modo, ela o forçara a ir, temendo que o seu sofrimento o afetasse. Agora, era tarde demais. As duas meninas, ela disse, não estavam plenamente conscientes de tudo o que sucedera, porque eram muito novas ainda. De repente, não se conteve: "Não sei o que fazer. Esta morte abalou todas as bases de minha vida. Qual uma casa, nosso casamento foi cuidadosamente construído, sobre o que considerávamos fundações inabaláveis. Agora tudo foi destruído por esse enorme acontecimento".

O tio devia ser um crente, um tradicionalista, porque acrescentou: "Deus lhe trouxe esta aflição. Ela assistiu a todas as cerimônias necessárias, mas de nada lhe serviram. Eu creio na reencarnação, mas ela não acha nenhuma consolação nisso. Nem quer falar sobre esse assunto. Para ela tudo perdeu a significação, e não tivemos possibilidade de lhe dar qualquer conforto".

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. O lenço dela já estava bem encharcado; um lenço limpo, retirado da gaveta, serviu-lhe para enxugar as lágrimas na face. A buganvília vermelha espiava pela janela, e a luz brilhante do sul estava em cada folha.

Você quer conversar seriamente sobre isso, ir até as raízes disso tudo? Ou quer ser confortada por alguma explicação, algum argumento racional, e ser distraída do seu sofrimento por algumas palavras agradáveis?

Respondeu: "Gostaria de entrar nisso profundamente, mas não sei se tenho a capacidade ou a energia necessária para enfrentar o que você vai dizer. Quando o meu marido era vivo, costumávamos vir a algumas de suas palestras; mas, agora, eu posso achar muito difícil acompanhá-lo".

Por que você está sofrendo? Não dê uma explicação, pois será apenas uma construção verbal do seu sentimento, que não será o fato verdadeiro. Assim, quando faço uma pergunta, por favor, não a responda. Apenas escute, e descubra por você mesma. Por que existe esta aflição causada pela morte – em toda casa, rica ou pobre, do homem mais poderoso da terra ao mendigo? Por que você está

sofrendo? É pelo seu marido ou por você mesma? Se você está chorando por ele, as suas lágrimas podem ajudá-lo? Ele partiu, irrevogavelmente. O que quer que faça, você nunca o terá de volta. Nem lágrimas, nem crença, nem cerimônias ou deuses o farão voltar. É um fato que você tem que aceitar; você não pode fazer nada sobre isso. Mas, se você está chorando por você mesma, por causa da sua solidão, da sua vida vazia, por causa dos prazeres sensuais que você teve e do companheirismo, então você está chorando por seu próprio vazio, por pena de você mesma, não é? Talvez, pela primeira vez na vida, você está consciente da sua própria pobreza interior. Você investiu em seu marido – se me permite dizê-lo gentilmente – e isso veio lhe proporcionando conforto, satisfação e prazer, não foi? Tudo o que agora você sente – essa sensação de perda, a agonia da solidão e da ansiedade – tudo isso é uma forma de autopiedade, não é? Olhe para isso! Não endureça o seu coração, dizendo: "Eu amo meu marido e não estava pensando nem um pouquinho em mim mesma. Queria protegê-lo, embora freqüentemente tentasse dominá-lo; mas era tudo para o bem dele e nunca pensei em mim mesma". Agora que ele se foi, você está percebendo o seu próprio estado real, não é? A morte dele abalou você, mostrando-lhe o verdadeiro estado de sua mente e de seu coração. Você pode não querer olhá-lo; pode rejeitá-lo, por medo, mas se o observar um pouco mais, verá que está chorando por sua própria solidão, por sua pobreza interior – ou seja, por autopiedade.

"Você é um tanto cruel, não é?" – disse ela. "Eu vim ter com você em busca de um conforto real, e o que você está me dando?"

Essa é uma das ilusões que a maior parte das pessoas têm – que existe uma tal coisa como conforto interior; que outra pessoa pode lhe dar isso – ou que você mesma o pode encontrar. Receio que essa coisa não exista. Se você está buscando conforto, está destinada a viver na ilusão e, quando essa ilusão é quebrada, você fica triste porque esse conforto lhe é tirado. Assim, para compreender o sofrimento ou ir além dele, é preciso ver realmente o que está acontecendo, interiormente, e não encobri-lo. Apontar tudo isso não é crueldade, é? Não é uma coisa feia a se evitar. Quando você vê tudo isso muito

claramente, então sairá desse estado imediatamente, sem um arranhão, imaculada, renovada, não tocada pelos eventos da vida. A morte é inevitável para todos nós; não se pode fugir dela. Tentamos achar todo tipo de explicação, aferramo-nos a toda espécie de crença, na esperança de ir além dela, mas, não importa o que façamos, ela está sempre ali; amanhã, ou na próxima esquina, ou muitos anos adiante – está sempre ali. A pessoa tem que entrar em contato com esse enorme fato da vida.

"Mas...", disse o tio – e lá veio a tradicional crença no *Atman,* na alma, a entidade permanente que continua a existir. Ele estava agora no seu próprio campo, bem apoiado por argumentos e citações afiados. Você o via endireitar-se subitamente e nos seus olhos brilhar o fogo da batalha – a batalha das palavras. A simpatia, o amor e a compreensão tinham desaparecido. Achava-se em seu terreno sagrado – da crença, da tradição – nivelado pelo peso enorme do condicionamento: "Mas o *Atman* habita em cada um de nós! Ele renasce e continua, até descobrir que é Brahma. Temos de passar pelo sofrimento para alcançar essa realidade. Vivemos na ilusão; o mundo é uma ilusão. Só há uma única realidade...".

E lá se foi ele! Ela me olhava, sem lhe prestar muita atenção, e um sorriso suave esboçou-se em seu rosto; e ambos olhávamos a pomba, que reaparecera, e para a radiante buganvília vermelha.

Não há nada permanente, nem sobre a terra nem em nós mesmos. O pensamento pode dar continuidade àquilo em que pensa; pode dar permanência a uma palavra, uma idéia, uma tradição. O pensamento pensa a si mesmo como permanente – mas, ele é permanente? O pensamento é a resposta da memória, e a memória é permanente? Ele pode construir uma imagem e dar a essa imagem continuidade, permanência, chamando-a *Atman* ou do que você quiser, e pode lembrar do rosto do marido ou da esposa e agarrar-se a isso. Tudo isso é a atividade do pensamento, que cria o medo e, a partir desse medo, existe a ânsia de permanência – o medo de amanhã não termos o que comer, onde morar, o medo da morte. Esse medo é resultado do pensamento, e Brahma é também produto do pensamento.

Disse o tio: "A memória e o pensamento são como uma vela. Nós a apagamos e tornamos a acendê-la; você esquece e, mais adiante, você torna a lembrar novamente. Você morre e torna a nascer numa outra vida. A chama da vela é a mesma – e não é a mesma. Há, portanto, na chama uma certa qualidade de continuidade".

Mas a chama que foi apagada não é a mesma que a chama nova. Existe um terminar do velho para que comece o novo. Se há uma continuidade constante, modificada, então não há nada de novo realmente. Os milhares de dias passados não podem ser renovados; até a própria vela se consome. Tudo tem que acabar para que exista o novo.

O tio já não podia agora amparar-se em citações ou crenças ou no que diziam os outros, assim recolheu-se em si mesmo e se tornou quieto, perplexo e um pouco irritado, pois tinha exposto a si mesmo e, como a sobrinha, não desejava encarar o fato.

"Eu não estou interessada em nada disso," disse ela. "Estou totalmente infeliz. Perdi meu marido e meu filho e restam-me aquelas duas crianças. O que eu devo fazer?"

Se você se interessa pelas duas crianças, não pode então estar preocupada consigo mesma e com sua infelicidade. Você tem que cuidar delas, educá-las corretamente, criá-las livres da mediocridade geral. Mas, se você está consumida por sua própria autopiedade, que chama de amor pelo seu marido, e se você se recolhe no isolamento, então você está também destruindo as outras duas crianças. Consciente ou inconscientemente, todos nós somos extremamente egoístas, e desde que obtenhamos o que desejamos, achamos que tudo vai bem. Mas, no momento em que acontece um evento que abala tudo isso, choramos em desespero, esperando achar outros confortos, que, com certeza, serão novamente abalados. Assim, esse processo continua, e se você quer continuar presa a ele, sabendo de tudo o que ele implica, então vá em frente. Mas, se você vê o absurdo disso tudo, então, naturalmente, você pára de chorar, deixa de se isolar,e vive com as crianças com uma nova luz, e com um sorriso em seu rosto.

5. QUE É IMORTALIDADE?

O silêncio tem muitas qualidades. Há o silêncio entre dois barulhos, o silêncio entre duas notas e o silêncio que se estende no intervalo entre dois pensamentos. Há aquele silêncio peculiar, sereno, penetrante, que chega com o anoitecer no campo; há o silêncio por entre o qual se ouve o latido de um cão ao longe ou o apito de um trem em uma subida íngreme; o silêncio em uma casa quando todos foram dormir, e sua peculiar intensidade quando você desperta no meio da noite e ouve a coruja piando no vale; e existe aquele silêncio antes da resposta do companheiro da coruja. Há o silêncio da casa velha e abandonada, e o silêncio de uma montanha; o silêncio entre dois seres humanos quando viram a mesma coisa, sentiram a mesma coisa e agiram.

Naquela noite, particularmente naquele vale longínquo, com suas velhas colinas e rochedos de formas peculiares, o silêncio era tão real como a parede que você toca. E, pela janela, olhamos as estrelas brilhantes. Não era um silêncio autogerado; não era porque a terra estava quieta e os aldeões adormecidos, mas veio de todas as partes – das estrelas distantes, daquelas colinas escuras, e de nossa própria mente e coração. Esse silêncio parecia envolver todas as coisas, do minúsculo grão de areia, no leito do rio – onde só corria água em tempo de chuva – à alta e frondosa árvore *banyan;* e agora começava a soprar uma leve brisa. Há o silêncio da mente que nunca é

tocada por barulho algum, por nenhum pensamento, ou pelo vento passageiro da experiência. Esse silêncio que é inocente e, assim, infinito. Quando existe esse silêncio da mente, a ação brota dele, e essa ação não causa confusão ou miséria.

A meditação de uma mente que está totalmente silenciosa é a bênção que o homem está sempre buscando. Nesse silêncio estão todas as variedades de silêncio.

Existe aquele estranho silêncio de um templo ou de uma igreja vazia, ao longe, no campo, sem o barulho de turistas e de devotos; e o silêncio pesado que se estende por sobre as águas faz parte do silêncio existente fora da mente.

A mente meditativa contém todas essas variedades, mudanças e movimentos do silêncio. Esse silêncio da mente é a verdadeira mente religiosa, e o silêncio dos deuses é o silêncio da terra. A mente meditativa flui nesse silêncio, e o amor é o modo de ser dessa mente. Nesse silêncio há felicidade e risos.

O tio voltou, dessa vez sem a sobrinha que havia perdido o marido. Estava vestido com um pouco mais de cuidado, e também parecia mais perturbado e preocupado; seu rosto se tornara mais escuro por causa de sua seriedade e ansiedade. O chão onde estávamos sentados era duro, e lá estava a buganvília, olhando-nos pela janela. E a pomba provavelmente viria um pouco mais tarde. Ela chegava sempre àquela hora da manhã. Pousava sempre naquele galho, no mesmo lugar, de costas para a janela, a cabeça voltada para o sul, e seus arrulhos entravam, baixinhos, pela janela.

"Eu desejava conversar sobre a imortalidade e o aperfeiçoamento da vida, em sua evolução para a realidade final. Do que você disse outro dia, você tem a percepção direta do que é verdadeiro, e nós, que não sabemos, apenas acreditamos. Realmente não sabemos nada sobre o *Atman*. Estamos familiarizados somente com a palavra. Para nós o símbolo se tornou o real, e se você descreve o símbolo – como o fez no outro dia – ficamos assustados. Mas, apesar desse medo, continuamos apegados a ele, porque em verdade só sabemos o que

nos foi ensinado, o que os instrutores anteriores disseram, e o peso da tradição está sempre conosco. Assim, em primeiro lugar, eu gostaria de saber, para mim mesmo, se existe essa Realidade que é permanente, essa Realidade – chame-a como quiser – *Atman ou* alma – que continua após a morte. Eu não temo a morte. Enfrentei a morte de minha mulher e de alguns dos meus filhos, mas estou seriamente interessado nesse *Atman* como uma realidade. Existe, em mim, essa entidade permanente?"

Quando falamos em permanência queremos dizer alguma coisa que continua apesar da constante variação existente em torno dela, apesar das experiências, apesar de todas as ansiedades, sofrimentos, brutalidades – não é? Algo que seja imperecível? Em primeiro lugar, como se pode descobrir? Ela pode ser procurada pelo pensamento, por palavras? Você pode achar o permanente por meio do impermanente? Você pode achar o que é imutável através disso que muda constantemente – o pensamento? O pensamento pode dar permanência a uma idéia, *Atman ou* alma, e dizer "Isso é o real", porque o pensamento alimenta o medo daquela constante mudança e, a partir desse medo, ele busca uma coisa permanente – uma relação permanente entre seres humanos, uma permanência no amor. O pensamento, em si, é impermanente, é variável e, portanto, tudo o que inventa como coisa permanente é, tal como ele mesmo, impermanente. Ele pode se agarrar a uma memória por toda a vida e chamar essa memória de permanente, e querer então saber se ela continuará após a morte. O pensamento criou essa coisa, deu-lhe continuidade, nutriu-a, dia após dia, e agarrou-se a ela. Essa é a maior das ilusões, porque o pensamento vive no tempo, e o que ele experimentou ontem, ele se lembra hoje e amanhã; o tempo nasce disso. Assim, há a permanência do tempo, e a permanência que o pensamento deu a uma idéia de, no fim, se alcançar a verdade. Tudo isso é produto do pensamento – o medo, o tempo e a realização –, o eterno vir a ser.

"Mas quem é o pensador – esse pensador que tem todos esses pensamentos?"

Existe algum pensador, ou só existe o pensamento que fabrica o pensador? E, tendo estabelecido o pensador, então inventa o permanente, a alma, o *Atman*.

"Você quer dizer que eu cesso de existir quando não penso?"

Já lhe aconteceu alguma vez, naturalmente, de você se encontrar num estado em que o pensamento está totalmente ausente? Nesse estado, você está consciente de si mesmo como pensador, observador, experimentador? O pensamento é resposta da memória, e o feixe de lembranças é o pensador. Quando não há pensamento, existe realmente o eu, sobre o qual fazemos tanto estardalhaço? Não nos referimos a uma pessoa em estado de amnésia, ou que está sonhando acordada, ou controlando o pensamento a fim de silenciá-lo, mas sim à mente que está totalmente desperta, totalmente alerta. Se não há pensamento nem palavra, a mente não está numa dimensão totalmente diferente?

"Certamente há alguma coisa bem diferente quando o eu não está agindo, não está se afirmando, mas isso não significa necessariamente que o eu não existe, só porque não age."

Claro que ele existe! O eu, o ego, o feixe de lembranças existe. Só notamos que existe quando responde a um desafio; mas ele existe, talvez em estado de sono ou de suspensão, aguardando a primeira oportunidade de reagir. Um homem ávido está ocupado a maior parte do tempo com sua avidez; poderá haver momentos em que ela não esteja ativa, mas ela está sempre lá.

"Que é essa entidade viva que se expressa na avidez?"

Ainda é a avidez. Não são duas coisas separadas.

"Eu entendo perfeitamente isso que você chama de ego, o eu, sua memória, sua avidez, sua agressividade, suas exigências de todo tipo, mas, não existe mais nada além desse ego? Na ausência desse ego, você quer dizer que existe esquecimento?"

Quando cessa o barulho feito por aqueles corvos, existe alguma coisa: essa coisa é a tagarelice da mente – os problemas, preocupações, conflitos, e mesmo essa indagação do que fica após a morte. Essa pergunta só pode ser respondida quando a mente já não é ávida ou invejosa. O que nos interessa não é o que existe depois que o eu deixa de existir, mas, sim, o findar de todos os atributos do ego. Este é o verdadeiro problema, não o que é a realidade, ou se existe alguma coisa permanente, eterna, mas se a mente que é tão condicionada pela

cultura em que vive, e pela qual é responsável, se tal mente pode libertar-se e descobrir.

"Então, como que eu começo a libertar-me?"

Você não pode se libertar. Você é a semente dessa aflição, e quando pergunta "como", você está pedindo um método que irá destruir o "você", mas, no processo de destruir o "você", você está criando outro "você".

"Se eu posso perguntar outra questão, que é então imortalidade? Mortalidade é morte, mortalidade é a norma da vida, com suas aflições e dores. O homem sempre buscou uma imortalidade, um estado sem morte."

Mais uma vez você voltou à questão de alguma coisa que é atemporal, que é além do pensamento. O que é além do pensamento é inocência, e o pensamento, faça o que fizer, jamais a alcançará, porque o pensamento é sempre velho. É a inocência, tal como o amor, que é imortal, mas, para ela existir, a mente deve ser livre dos milhares de ontens com suas lembranças. E a liberdade é um estado em que não existe o ódio, não existe a violência, não existe a brutalidade. Sem abandonarmos todas essas coisas, como poderemos perguntar o que é imortalidade, o que é amor, o que é a verdade?

6. O COMEÇO E O FIM DE TODA BUSCA

Se você se dispõe a meditar, não será meditação. Se você se dispõe a ser bom, a bondade jamais florescerá. Se você cultiva a humildade, ela deixa de existir. A meditação é como a brisa, que entra quando deixamos a janela aberta; mas se deliberadamente a conservamos aberta, se deliberadamente a convidamos a entrar, ela nunca aparecerá.

A meditação não é um caminho do pensamento, porque o pensamento é astuto, com infinitas possibilidades de enganar a si próprio, e, assim, ele se perde da meditação. Como o amor, a meditação não pode ser buscada.

O rio estava muito sereno naquela manhã. Na sua superfície se viam os reflexos das nuvens, do novo trigo de inverno e, mais adiante, a mata. Nem o barco do pescador parecia perturbá-lo. A quietude da manhã se estendia sobre a região. O sol começava a aparecer no alto das árvores; uma voz chamava ao longe e, nas proximidades, um cântico em sânscrito estava no ar.

Os papagaios e os mainás ainda não tinham iniciado a busca de alimento; os abutres, pousados no alto da árvore, pesados, de pescoços nus, aguardavam a carniça que vinha boiando rio abaixo. Com freqüência se via algum animal morto flutuando, e um ou dois

abutres sobre ele, e os corvos esvoaçando ao redor, esperando seu bocado. Um cachorro nadava até lá, mas, não encontrando apoio para os pés, voltava à margem e ia-se embora. Passava um trem, com grande barulho de ferros, pela ponte, que era bem longa. E, além da ponte, rio acima, estendia-se a cidade.

Era uma manhã cheia de tranqüilidade e deleite. A pobreza, a doença e a dor ainda não tinham começado a percorrer a estrada. Havia uma ponte oscilante atravessando o riacho; e onde esse pequeno riacho de águas sujas, barrentas, se juntava ao grande rio, esse ponto era tido como o mais sagrado e, nos dias de festa, vinha banhar-se ali muita gente – homens, mulheres, crianças. Fazia frio, mas ninguém parecia importar-se com isso. E o sacerdote do templo existente do outro lado da estrada fazia um dinheirão. Começava a fealdade.

Era um homem barbudo e usava um turbante. Tinha um negócio qualquer e, pela aparência, parecia ser próspero. Bem nutrido. Ele era lento no andar e no pensar. Suas reações mais lentas ainda. Precisava de vários minutos para compreender uma simples frase. Disse que tinha seu *guru* particular e, ao passar, sentira um impulso de aproximar-se, para conversar sobre coisas que lhe pareciam importantes.

"Por que", perguntou, "você é contra os *gurus*? Isso parece tão absurdo. Eles sabem e eu não sei. Podem guiar-me, ajudar-me, dizer-me o que devo fazer, e livrar-me de muitas dores e tribulações. São como uma luz no meio da escuridão, e precisamos ser guiados por eles, senão nos perdemos, confusos e muito infelizes. Eles me disseram para não o procurar, mostrando-me o perigo daqueles que não aceitam o conhecimento tradicional. Disseram-me que se desse ouvidos a outros, eu iria demolir o edifício que com tanto cuidado tinham construído. Mas a tentação de vir e vê-lo foi muito forte, e aqui estou!"

Parecia um tanto satisfeito por ter cedido à tentação.

Que necessidade há de um *guru*? Ele sabe mais do que você? E, que sabe ele? Se diz que sabe, não sabe realmente, e, de mais a mais, a palavra não é o estado real. Pode alguém ensinar aquele

extraordinário estado da mente? Poderá descrevê-lo para você, despertar o seu interesse, seu desejo de possuí-lo, de experimentá-lo – mas, não pode dá-lo a você. Você tem que caminhar por si mesmo, você tem que viajar sozinho e, nessa jornada, você tem que ser seu próprio mestre e discípulo.

"Mas tudo isso é muito difícil, não?", ele disse, "e os passos podem ser facilitados pelos que experimentaram aquela realidade".

Eles se tornam autoridade e tudo que você tem que fazer, de acordo com eles, é apenas seguir, imitar, obedecer, aceitar a imagem, o sistema que oferecem. Desse modo, você perde toda a iniciativa, toda percepção direta. Você está meramente seguindo o que eles pensam ser o caminho para a verdade. Mas, infelizmente, não há nenhum caminho para a verdade.

"O que você quer dizer?" – exclamou, muito chocado.

Os seres humanos são condicionados pela propaganda, pela sociedade na qual cresceram – cada religião afirmando que o seu caminho é o melhor. Existem mil *gurus*, cada um deles sustentando que seu método, seu sistema, seu modo de meditação é o único caminho que conduz à verdade. E se você observar, todo discípulo tolera, condescendentemente, os discípulos de outros *gurus*. A tolerância é a maneira civilizada de aceitar a separação entre os homens – política, religiosa e socialmente. O homem inventou muitos caminhos, dando conforto a cada crente, e assim o mundo está fragmentado.

"Você quer dizer que devo largar o meu *guru*? Abandonar tudo o que ele me ensinou? Eu me perderia."

Mas você não tem que estar perdido para descobrir? Nós temos medo de estarmos perdidos, de ficarmos incertos, e por isso vivemos a correr atrás dos que nos prometem o céu, no campo religioso, político ou social. Assim, eles estão realmente encorajando o medo e nos conservando prisioneiros desse medo.

"Mas eu posso andar por mim mesmo?" – perguntou com voz incrédula.

Tem aparecido tantos salvadores, mestres, *gurus*, líderes políticos e filósofos, e nem um só deles o salvou de sua própria aflição e

conflito. Então, por que segui-los? Talvez possa haver uma outra abordagem para todos os nossos problemas.

"Mas eu sou sério o bastante para empenhar-me nisso tudo por mim mesmo?"

Você é sério somente quando começa a entender – não através de outra pessoa – os prazeres que agora buscamos. Você está vivendo no nível do prazer. Não que não deva haver prazer, mas se essa busca de prazer é para você tudo na vida, do começo ao fim, então, obviamente, você não pode ser um homem sério.

"Você me faz sentir desamparado e sem esperança."

Você se sente sem esperança porque quer as duas coisas. Você quer ser sério e quer também todos os prazeres que o mundo pode lhe dar. Esses prazeres são tão insignificantes e triviais que você deseja acrescentar-lhes o prazer que você chama de Deus. Quando você vê tudo isso, por si mesmo e não de acordo com outra pessoa, então esse ver fará de você o discípulo e o mestre. Este é o ponto principal. Então você é o professor, e aquele que é ensinado, e o ensinamento.

"Mas", alegou, "você é um *guru*. Nesta manhã você me ensinou alguma coisa, e aceito-o como meu *guru*".

Nada foi ensinado; mas você viu. O ver lhe mostrou. O ver é o seu *guru*, se você gosta de colocar desse modo. Mas cabe a você ver ou não ver. Ninguém pode forçá-lo. Porém, se você olha porque quer ser recompensado ou porque tem medo de ser punido, esse motivo impede o ver. Para ver, você deve estar livre de toda autoridade, tradição, medo, e do pensamento, com suas palavras afiadas. A verdade não se encontra em um lugar distante; ela se encontra no ver o que é. Ver a si mesmo como se é – com aquele percebimento em que não entra a escolha – é o começo e o fim de toda busca.

7. POR QUE EXISTE TÃO POUCA BELEZA EM NOSSA VIDA?

O pensamento não pode conceber nem formular para si mesmo a natureza do espaço. Seja lá o que ele formule, tem em si mesmo a limitação de suas próprias fronteiras. Não é o espaço onde ocorre a meditação. O pensamento tem sempre um horizonte. A mente meditativa não tem horizonte. A mente não pode passar do limitado ao imenso, nem pode transformar o limitado em ilimitado. Um tem que cessar para que o outro exista. Meditação é o abrir a porta para uma vastidão que não se pode imaginar ou especular a respeito. O pensamento é o centro em torno do qual existe o espaço da idéia, e esse espaço pode ser expandido através de novas idéias. Mas essa expansão por qualquer forma de estimulação não é a vastidão na qual não existe centro. A meditação é o entendimento desse centro e, assim, vai além dele. O silêncio e a vastidão vão juntos. A imensidão do silêncio é a imensidão da mente em que não existe um centro. A percepção desse espaço e silêncio não é do pensamento. O pensamento só pode perceber sua própria projeção, e o reconhecimento disso é o seu próprio limite.

Atravessava-se o riacho por uma ponte precária de bambu e barro. O riacho juntava-se ao grande rio e desaparecia nas águas da

forte correnteza. A pequena ponte tinha buracos, por isso era preciso andar com bastante cuidado. Subia-se o barranco de areia e passava-se pelo pequeno templo e, pouco mais adiante, por um poço tão velho como todos os poços da terra. Ele estava no canto de uma aldeia, onde havia muitas cabras e homens famintos e mulheres envolvidas em panos sujos, pois fazia muito frio. Eles pescavam no grande rio, mas, de alguma forma, eram muito magros, emaciados, já velhos, e alguns bem estropiados. Na aldeia os tecelões produziam os mais bonitos brocados e sáris de seda, em pequenas salas sujas e sombrias, com suas pequenas janelas. Era um ofício que passava de pai para filho, mas quem enriquecia eram os intermediários e os lojistas.

Não se atravessava a aldeia, porém virava-se à esquerda, seguindo um caminho que se tornara sagrado, pois acreditava-se que Buda tinha andado nesse caminho há uns dois mil e quinhentos anos atrás e, de todos os cantos do país, vinham peregrinos percorrê-lo. Esse caminho passava por campos verdes, bosques de mangueiras e goiabeiras e por templos espalhados. Existia uma antiga aldeia, talvez mais velha que o Buda, também muitos santuários e lugares onde os peregrinos podiam passar a noite. Estavam todos dilapidados e ninguém parecia se importar; as cabras vagavam por toda a parte. Havia grandes árvores; um velho tamarindo com abutres em cima e um bando de papagaios. Eles chegavam e desapareciam entre as folhas verdes; ficavam da mesma cor que as folhas; você ouvia os seus gritos, mas não podia vê-los.

De ambos os lados do caminho estendiam-se trigais de inverno; e, à distância, estavam os aldeões e a fumaça do fogo onde estavam cozinhando. O ar estava muito parado e a fumaça subia verticalmente. Um boi, pesado e de ar feroz, mas bastante inofensivo, vagava pelos campos, comendo os grãos que o fazendeiro transportava através do campo. Chovera durante a noite e a poeira densa se depositara. O sol iria esquentar durante o dia, mas agora havia nuvens pesadas e era agradável passear, mesmo de dia, sentindo o cheiro da terra limpa, vendo a beleza da terra. Era uma terra muito antiga, cheia de encantamento e de sofrimento humano, com sua pobreza e seus templos inúteis.

"Você tem falado bastante sobre a beleza e o amor e, depois de ouvi-lo, vejo que não sei o que é beleza nem o que é amor. Sou um homem comum, mas tenho lido muito, tanto filosofia como literatura. As explicações que nos dão parecem ser diferentes do que você está dizendo. Eu poderia citar o que disseram os antigos deste país sobre o amor e a beleza, e também como isso tem sido expresso no Ocidente, mas sei que você não gosta de citações, pois denotam autoridade. Mas, se você tem disposição para tal, poderíamos entrar neste assunto? – e então, talvez, eu seja capaz de entender o que é a beleza e o amor."

Por que é que em nossa vida existe tão pouca beleza? Por que são necessários os museus com seus quadros e estátuas? Por que você precisa ouvir música? Ou ler descrições de paisagens? Pode-se ensinar bom gosto, ou a pessoa já o tem por natureza, mas bom gosto não é beleza. Acha-se a beleza na coisa que foi criada – na elegância do avião moderno, no compacto gravador de fitas, no hotel moderno, no templo grego – a beleza das linhas, da máquina muito complexa, do arco de uma bela ponte sobre um abismo?

"Mas, você acha que não há beleza nas coisas belamente construídas e que funcionam com precisão? Não há beleza nas obras de arte da mais alta qualidade?"

Claro que há. Quando você examina um relógio por dentro, é realmente notável sua delicadeza, e há nele uma certa qualidade de beleza, e também nas antigas colunas de mármore ou nas palavras de um poeta. Mas, se a beleza é só isso, nesse caso é apenas uma resposta superficial dos sentidos. Quando você vê uma palmeira solitária contra o sol poente, é a cor, a quietude da palmeira, a tranqüilidade da tarde que fazem você sentir o belo, ou é a beleza, como o amor, uma coisa que está além do tato e da visão? É uma questão de educação, de condicionamento, que diz: "Isso é belo e aquilo não é"? É uma questão de costume, hábito, estilo, que diz: "Isso é sórdido, mas aquilo é ordem e o florescimento do bom"? Se tudo é só uma questão de condicionamento, nesse caso a beleza é produto da

cultura e da tradição e, portanto, não é beleza. Se a beleza é produto ou a essência da experiência, então, tanto para o homem do Ocidente como para o homem do Oriente, a beleza depende da educação e da tradição. É o amor, como a beleza, produto do Oriente ou do Ocidente, do cristianismo ou do hinduísmo, ou monopólio do Estado ou de uma ideologia? Obviamente não é nada disso.

"Então, que é ela?"

Você sabe, a austeridade existente no abandono de si mesmo é beleza. Sem austeridade não há amor, e sem o abandono de si mesmo a beleza não tem realidade. Queremos dizer por austeridade não a severa disciplina do santo, ou do monge, ou do inspetor com sua orgulhosa abnegação ou a disciplina que lhes confere poder e fama; isso não é austeridade. A austeridade não é severa, não é uma maneira disciplinada de impor a própria importância. Não é negação do conforto, nem votos de pobreza ou de celibato. Austeridade é a culminância da inteligência. Essa austeridade só pode existir com o abandono de si mesmo, e não pode existir pelo exercício da vontade, da escolha, do propósito deliberado. É o ato de beleza que abandona, e é o amor que traz a profunda clareza interior da austeridade. A beleza é esse amor, em que o ato de medir chega ao fim. Então, esse amor, faça o que fizer, é beleza.

"O que você quer dizer com 'faça o que fizer'? Se há abandono de si mesmo, então não resta mais nada para se fazer."

O fazer não é separado do que é. É a separação que traz conflito e fealdade. Quando não existe essa separação, então o próprio viver é o ato do amor. A profunda simplicidade interior da austeridade conduz a uma vida sem dualidade. Essa é a jornada que a mente teve que fazer para alcançar esta beleza sem a palavra. Essa jornada é meditação.

8. NÃO HÁ CAMINHO PARA A VERDADE

A meditação é um trabalho árduo. Exige a disciplina em sua forma mais elevada – não conformismo, não imitação, não obediência –, a disciplina oriunda do percebimento constante, não só das coisas que nos cercam, externamente, mas também interiormente. Assim, a meditação não é uma atividade de isolamento, mas, sim, ação na vida diária, que exige cooperação, sensibilidade e inteligência. Se não se lançam as bases de uma vida íntegra, a meditação se torna uma fuga e, portanto, completamente sem valor. Uma vida íntegra não é seguir a moralidade social, mas a libertação da inveja, da avidez e da busca de poder – tudo que gera inimizade. A libertação dessas coisas não vem através da ação da vontade, mas, sim, ao serem percebidas no autoconhecimento. Sem conhecer as atividades do eu, a meditação se torna excitação dos sentidos e, por conseguinte, muito pouco significativa.

Naquela latitude quase não há crepúsculo ou aurora e, naquela manhã, o rio, largo e profundo, parecia chumbo fundido.

O sol ainda não se elevara sobre a terra, mas notava-se um clarão no leste. Os pássaros não tinham ainda iniciado o seu coro de toda manhã, e os aldeões ainda não gritavam uns para os outros. Bem alta no céu achava-se a estrela da manhã e, enquanto a observá-

vamos, foi empalidecendo mais e mais, até que o Sol apareceu acima das árvores e o rio se converteu em prata e ouro.

Então os passarinhos começaram a cantar e a aldeia despertou. E aí, de repente, sobre o peitoril da janela, apareceu um macaco grande, cinzento, de cara preta e densos pêlos acima da testa. Suas mãos eram negras e a cauda longa pendia do peitoril para dentro do quarto. Ficou sentado, muito quieto, quase imóvel, a olhar-nos, sem um movimento. Estávamos bem próximos, uns poucos centímetros a nos separar. E subitamente estendeu o braço, e ficamos de mãos dadas por algum tempo. Sua mão era áspera, preta e empoeirada, pois ele subira por sobre o telhado, sobre o pequeno parapeito acima da janela, desceu e ali se sentou. Parecia completamente à vontade, e o que surpreendia era que ele era extraordinariamente alegre. Não havia qualquer medo, qualquer constrangimento; era como se estivesse em sua casa. Ali estava ele, e o rio – agora dourado brilhante – e do outro lado, a verde margem e as árvores distantes. Devemos ter estado um bom tempo de mãos dadas; depois, como que casualmente, ele retirou a mão, mas permaneceu onde estava. Olhávamos um para o outro e víamos brilhar seus olhos pretos, pequenos e cheios de estranha curiosidade. Ele tinha vontade de entrar no quarto, mas hesitava; depois, estendeu os braços e as pernas, alcançou o parapeito, passou ao telhado e desapareceu. De noite, estava lá de novo, no alto de uma árvore, comendo alguma coisa. Acenamos-lhe com a mão, mas não houve resposta.

Ele era um *sannyasi,* um monge, de rosto bonito e delicado e mãos sensíveis. Asseado, trajava vestes recém-lavadas, embora não estivessem passadas a ferro. Disse que viera de Rishikesh, onde passara muitos anos sob a orientação de um *guru* que se retirara para as altas montanhas e ficara só. Ele disse que estivera em muitos *ashrams.* Deixara o lar muitos anos antes, talvez aos vinte anos de idade. Não pôde se lembrar ao certo com que idade partira. Tinha pais e vários irmãs e irmãos, mas perdera completamente o contato com eles. Fizera aquela longa viagem porque ouvira de vários *gurus* que devia

vir ver-nos e também porque tinha lido pequenos trechos, aqui e ali. Ultimamente conversara com um companheiro *sannyasi*, e assim ele estava aqui. Não se podia adivinhar a sua idade; já passara da meia- idade, mas a voz e os olhos eram ainda jovens.

"Tem sido minha sina vagar pela Índia, visitando os vários centros, com seus *gurus*, alguns muito eruditos, outros ignorantes, embora com uma qualidade que indica que tem algo de especial neles; outros, porém, são meros exploradores, recitadores de *mantras*; esses haviam, freqüentemente, estado no estrangeiro e se tornaram populares. Havia muito poucos que estavam acima disso tudo, mas entre esses poucos se achava o meu recente *guru*. Agora ele se retirou para uma parte isolada e remota do Himalaia. Um grupo dos nossos vai vê-lo uma vez por ano para receber sua bênção."

É necessário o isolamento do mundo?

"Obviamente a pessoa tem que renunciar ao mundo, porque o mundo não é real, e a gente tem que ter um *guru* para nos ensinar, porque o *guru* experimentou a realidade e irá ajudar os que o seguem a realizar aquela realidade. Ele sabe e nós não sabemos. Surpreende-nos você dizer que nenhum *guru* é necessário, porque você está indo contra a tradição. Você mesmo se tornou um *guru* para muitos, e não se pode encontrar a verdade sozinho. A gente deve ter ajuda – os rituais, a orientação dos que sabem. Talvez no fim tenhamos que ficar sós, mas agora não. Somos crianças e temos necessidade dos que se adiantaram no caminho. É só sentando aos pés do homem que sabe que a gente aprende. Mas você parece negar tudo isso, e vim para, seriamente, descobrir por quê."

Olhe aquele rio – a luz da manhã nele e aqueles campos cintilantes de trigo, verdes e viçosos e as árvores mais além! Há uma grande beleza, e os olhos que a vêem devem estar cheios de amor para a compreenderem. E ouvir o barulho daquele trem, sobre a ponte de ferro, é tão importante como ouvir o canto do pássaro. Assim, olhe e escute o arrulhar daqueles pombos. E olhe o tamarindeiro, com aqueles dois papagaios verdes. Para que os olhos os vejam deve haver comunhão com eles – com o rio, com o barco que passa cheio de aldeões, cantando e remando. Isso faz parte do mundo. Se você

renuncia, você está renunciando à beleza e ao amor – à própria terra. O que você está renunciando é a sociedade dos homens, mas não as coisas que o homem criou a partir do mundo. Você não está renunciando à cultura, à tradição, ao saber; tudo isso vai com você quando você se retira do mundo. Você está renunciando à beleza e ao amor porque tem medo dessas duas palavras e do que está por trás delas. A beleza está associada à realidade sensual, com sua implicação sexual e o amor que está envolvido nela. Essa renúncia tornou egocêntricas as pessoas chamadas religiosas – talvez num nível mais elevado que o do homem mundano, mas ainda é egocentrismo. Quando você não tem a beleza e o amor, não há possibilidade de encontrarmos aquela coisa imensurável. Se você observa diretamente o domínio dos *sannyasis* e dos santos, verá que aquela beleza e aquele amor estão muito longe deles. Poderão falar a seu respeito, mas são rígidos disciplinadores, violentos em suas regras e exigências. Assim, essencialmente, ainda que coloquem a túnica cor de açafrão ou a túnica negra ou a túnica púrpura dos cardeais, são todos muito mundanos. É uma profissão como outra qualquer; isso, decerto, não se pode chamar espiritual. Alguns deles deveriam ser homens de negócios e não ostentar ares de espiritualidade.

"Mas, senhor, você está sendo um tanto severo, não está?"

Não, estamos meramente afirmando um fato, e o fato não é nem severo, nem agradável, nem desagradável; é assim. A maioria de nós se recusa a encarar as coisas como são. Mas tudo isso é bastante claro e patente. O isolamento é a norma da vida, a norma do mundo. Cada ser humano, com suas atividades egocêntricas, está a isolar-se, quer seja casado, quer não, quer fale de cooperação ou de nacionalidade, de realizações e de sucessos. Só quando esse isolamento se torna extremo, sobrevém uma neurose que às vezes produz – se o indivíduo tem talento – obras de arte, boa literatura, etc. Esse retraimento do mundo, com todo seu barulho, brutalidade, ódio e prazer, faz parte do processo de isolamento, não é? Só que o *sannyasi* o pratica em nome da religião ou de Deus, e o homem competitivo o aceita como parte da estrutura social.

Nesse isolamento você realmente alcança certos poderes, uma certa qualidade de austeridade e sobriedade, que conferem determinado senso de poder. E o poder, seja o do campeão olímpico, seja o do primeiro ministro, seja o do chefe de todas as igrejas e templos – é sempre o mesmo. Poder, em qualquer forma, é o mal – se podemos usar esta palavra – e o homem poderoso jamais pode abrir a porta para a realidade. Assim, isolamento não é o caminho.

A cooperação é necessária ao viver; e não há cooperação no seguidor ou no *guru*. O *guru* destrói o discípulo, e o discípulo destrói o *guru*. Nessa relação entre professor e aluno, como pode haver cooperação – trabalhar juntos, investigar juntos, viajar juntos? Essa divisão hierárquica, que faz parte da estrutura social, quer no terreno religioso, quer no exército, quer no mundo dos negócios, é essencialmente mundana. E, quando um homem renuncia ao mundo, continua enredado na mundanidade.

Não-mundanidade não é usar tanga, ou tomar uma só refeição por dia, ou repetir um certo *mantra* ou frase sem sentido, ainda que estimulante. É mundanidade renunciar ao mundo e, interiormente, continuar a fazer parte desse mundo de inveja, avidez, medo, de aceitação da autoridade, de separação entre o homem que sabe e o que não sabe. Ainda é mundanidade buscar a realização, seja na fama, seja nisso que se pode chamar o ideal, ou Deus ou outro nome que você quiser. É a tradição cultural estabelecida que é essencialmente mundana, e retirar-se para uma montanha, para longe do homem, não liberta da mundanidade. A realidade não se encontra, em circunstância alguma, nessa direção.

O homem deve ser só, mas esse "ser só" não é isolamento. Implica estar liberto do mundo da avidez, do ódio e da violência, com todos seus métodos sutis, e da dolorosa solidão e desespero. Ser só é ser "estrangeiro", não pertencer a nenhuma religião ou nação, a nenhuma crença ou dogma. É essa solidão que descobre uma inocência que nunca foi tocada pela maldade do homem. É a inocência que pode viver no mundo, com toda sua agitação, e ainda assim não pertencer a ele. Ela não está coberta por qualquer roupagem em especial. O florescer da bondade não se encontra ao longo de nenhum caminho, porque não há caminho para a verdade.

9. QUE É FELICIDADE?

Não pense que a meditação seja uma continuação e expansão da experiência. Na experiência existe sempre a testemunha, que está sempre ligada ao passado. A meditação, ao contrário, é a completa inação, que é o findar de toda experiência. A ação da experiência tem suas raízes no passado e, assim, está presa ao tempo; leva à ação que não é ação e produz a desordem. Meditação é a total inação da mente que vê o que é, sem o embaraço do passado. Essa ação não é resposta a nenhum desafio, mas, sim, é a ação do próprio desafio, na qual não existe dualidade. A meditação é o esvaziar da experiência e acontece todo tempo, consciente ou inconscientemente; assim, não é uma ação restrita a um certo período do dia. É uma ação contínua, de manhã à noite – observação sem observador. Portanto, não há divisão entre a vida cotidiana e a meditação, a vida religiosa e a vida profana. A divisão vem somente quando o observador está preso ao tempo. Nessa divisão há desordem, infelicidade e confusão, que é o estado da sociedade.

Assim, a meditação não é individualista nem comunitária; transcende ambas as coisas e, portanto, abrange ambas. Isso é amor, e o florescer do amor é meditação.

Estava frio de manhã, mas à medida que o dia foi avançando, tornou-se bem quente e, ao atravessar a cidade pela rua estreita,

apinhada de gente, poeirenta, suja, barulhenta, você se dava conta que todas as ruas eram assim. Era quase visível a explosão demográfica. O carro precisava ir muito devagar, porque as pessoas andavam bem no meio da rua. O calor aumentava. Gradualmente, à força de buzinar, conseguimos, com muita satisfação, sair da cidade. Passamos pelas fábricas e por fim entramos na zona rural.

A região estava seca. Chovera havia algum tempo e as árvores esperavam agora as próximas chuvas; iriam esperar muito tempo. Passamos por aldeões, gado, carros de bois, e búfalos que se recusavam a sair do meio da estrada; depois, passamos por um velho templo que parecia abandonado, mas tinha a classe de um antigo santuário. Da mata saiu um pavão: seu pescoço azul cintilava ao sol. Não pareceu importar-se com o carro, pois atravessou a estrada com muita dignidade e desapareceu no campo.

Começamos então a galgar ladeiras íngremes, às vezes com profundos barrancos de ambos os lados.

Agora começava a esfriar, e as árvores estavam mais viçosas. Depois de dar várias voltas pelas colinas, chegamos à casa. A estas horas já escurecera completamente. As estrelas se tornaram muito claras. Tinha-se a impressão de que se poderia alcançá-las com a mão. O silêncio da noite se estendia sobre a terra. Aqui o homem podia estar só, sem ser perturbado, olhando as estrelas e a si próprio, infinitamente.

O homem contou que um tigre matara um búfalo na véspera e com toda a certeza voltaria à presa. Perguntou-nos se tínhamos vontade de ver o tigre, mais tarde, à noite. Dissemos que teríamos muito prazer. Replicou: "Então vou preparar um abrigo numa árvore, perto do cadáver, e amarrar um cabrito vivo à árvore. O tigre irá primeiro até o cabrito vivo, antes de voltar à caça morta anteriormente". Dissemos que, à custa do cabrito preferíamos não ver o tigre. Pouco depois, após alguma conversação, ele partiu. Nessa noite, nosso amigo nos disse: "Tomemos o carro e vamos à floresta; talvez nos encontremos com o tigre". Assim, ao pôr-do-sol, rodamos uns nove ou

dez quilômetros pela floresta e, naturalmente, não vimos tigre nenhum. Então voltamos, com os faróis acesos, clareando a estrada. Tínhamos perdido as esperanças de ver o tigre e continuamos o nosso passeio, sem pensar mais nele. Assim que acabamos de fazer uma curva, lá estava ele, no meio da estrada, enorme, olhos brilhantes e fixos. O carro parou e o animal, grande e ameaçador, veio em nossa direção, rosnando. Estava pertinho de nós agora, bem à frente do radiador. Depois contornou-o e veio andando ao longo do carro. Colocamos a mão para fora para tocá-lo enquanto passava, mas nosso amigo, que entendia alguma coisa de tigres, agarrou-nos o braço e puxou-o bruscamente para dentro. O tigre era de bom comprimento e, como as janelas estavam abertas, podia-se cheirá-lo, e seu cheiro não era repulsivo. Havia nele uma selvageria dinâmica, e grande força e beleza. Ainda a rosnar, desapareceu na floresta e continuamos nosso caminho, de volta à casa.

Ele veio com sua família – a mulher e vários filhos. Não parecia muito próspero, embora todos estivessem muito bem trajados e alimentados. As crianças ficaram sentadas em silêncio, durante algum tempo, até lhes ser sugerido que fossem para fora brincar. Então, saltaram impetuosamente e correram porta afora. O pai era funcionário de uma certa categoria; cumpria suas atribuições, e isso era o bastante. Perguntou: "Que é felicidade, e por que razão não dura toda a vida? Já tive momentos de grande felicidade e também, naturalmente, momentos de grande aflição. Tenho lutado para viver feliz, mas existe sempre o sofrimento. É possível permanecer com a felicidade?"

O que é felicidade? Você sabe quando está feliz, ou só um momento mais tarde, quando já acabou? A felicidade é prazer? E pode o prazer ser constante?

"Eu diria que – pelo menos para mim – o prazer faz parte da felicidade que conheci. Não posso imaginar felicidade sem prazer. O prazer é um instinto primário do homem, e se o excluímos como pode haver felicidade?"

Nós estamos examinando a questão da felicidade, não estamos? E se, nesta investigação, pressupomos qualquer coisa ou temos alguma opinião ou julgamento, não teremos possibilidade de ir muito longe. Para se investigar problemas humanos complexos, deve haver liberdade desde o começo. Se não a temos, ficamos como um animal preso a um poste, que só pode ir até onde permite a corda. Isso é o que sempre acontece. Temos conceitos, fórmulas, crenças ou experiências que nos prendem, e a partir delas tentamos examinar, procurar, o que naturalmente impede uma investigação muito profunda. Assim, se podemos sugerir, não suponha nem acredite em nada, mas tenha olhos que possam ver claramente. Se felicidade é prazer, então é também dor. Não se pode separar o prazer da dor. Os dois não andam sempre juntos?

Assim, o que é prazer, e o que é felicidade? Você sabe, se, ao examinar uma flor, você arrancar, uma a uma, todas as suas pétalas, não sobrará flor alguma. Terá na mão pedaços da flor, mas os pedaços não fazem a beleza da flor. Assim, examinando esta questão, não a estamos analisando intelectualmente e, portanto, tornando a coisa toda árida, sem sentido, vazia. Nós estamos olhando para isso com olhos que cuidam, com olhos que compreendem, olhos que tocam sem despedaçar. Assim, por favor, não a despedace, ficando de mãos vazias. Deixe de lado a mente analítica.

O prazer é encorajado pelo pensamento, não é? O pensamento pode dar-lhe continuidade, uma aparência de duração que chamamos felicidade; assim como o pensamento pode também dar duração ao sofrimento. O pensamento diz: "Gosto disso e não gosto daquilo. Gostaria de conservar isso e livrar-me daquilo". Mas o pensamento criou ambas as coisas, e a felicidade se tornou agora uma forma de pensar. Quando você diz: "Quero permanecer neste estado de felicidade" – você é o pensamento, é a memória da experiência prévia, que você chama prazer e felicidade.

Assim, o passado, ou ontem, ou muitos ontens – que é pensamento – está dizendo: "Gostaria de viver naquele estado de felicidade que experimentei". Você está fazendo do passado morto uma realidade presente, e teme perdê-lo amanhã. Assim, você construiu uma

corrente de continuidade. Essa continuidade tem suas raízes nas cinzas de ontem e, por conseguinte, não é, de modo nenhum, uma coisa viva. Nada pode florescer nas cinzas – e o pensamento é cinzas. Assim, você fez da felicidade uma coisa do pensamento e, para você, ela é realmente uma coisa do pensamento.

Mas existe alguma coisa além do prazer, da dor, da felicidade e do sofrimento? Existe um estado de bem-aventurança, de êxtase, não tocado pelo pensamento? Pois o pensamento é muito trivial e não tem nada original nele. Fazendo essa pergunta, o pensamento deve abandonar a si próprio. Quando o pensamento abandona a si próprio, há a disciplina do abandono, que se torna a graça da austeridade. Então, a austeridade não é rigorosa e brutal. A austeridade rigorosa é produto do pensamento, uma reação violenta contra o prazer e a permissividade.

Desse profundo auto-abandono – que é o pensamento abandonando a si mesmo, pois vê claramente o seu próprio perigo – toda a estrutura da mente se torna quieta. Esse é, com efeito, um estado de atenção pura, de onde vem uma bem-aventurança, um êxtase que não pode ser colocado em palavras. Quando é colocado em palavras, não é o real.

10. A REALIDADE DO VIVER

A meditação é um movimento na quietude. O silêncio da mente é o caminho da ação. A ação nascida do pensamento é inação e gera desordem. Esse silêncio não é produto do pensamento nem é o fim da tagarelice da mente. A mente quieta só é possível quando o próprio cérebro está quieto. As células cerebrais, que durante tanto tempo foram condicionadas para reagir, projetar, defender, afirmar, só se tornam quietas através do ver o que realmente é. Desse silêncio, a ação que não produz desordem só é possível quando o observador, o centro, o experimentador, chegou a um fim, pois ver é agir. Ver só é possível a partir de um silêncio no qual toda a avaliação e todos os valores morais chegaram a um fim.

Esse templo era mais velho do que os seus deuses. Eles permaneciam aprisionados no templo, mas o próprio templo era muito mais antigo. Tinha paredes grossas e, nos corredores, pilares esculpidos com cavalos, deuses e anjos. Essas esculturas tinham uma certa qualidade de beleza e, ao passar por elas, você se perguntava o que aconteceria se todas elas se tornassem vivas, inclusive o Deus encerrado no santuário.

Dizia-se que esse templo, principalmente o santuário mais recôndito, remontava a tempos imemoriais. Ao percorrer os vários corredores iluminados pelo sol da manhã e com sombras claras, bem

definidas, você se perguntava que significado teria tudo aquilo – como o homem fez deuses concebidos por sua própria mente e os esculpiu com suas mãos, e os colocou em templos e igrejas e os adorou.

Os templos antigos tinham uma estranha beleza e força. Pareciam nascer da própria terra. Esse templo era quase tão velho como o homem, e os deuses que o habitavam estavam vestidos de sedas, ornados de grinaldas, e eram despertados de seu sono por cânticos, incenso e sinos. O incenso, que vinha sendo queimado por muitos séculos, parecia impregnar todo o templo, que era vasto e devia cobrir vários hectares.

Parece que as pessoas vêm aqui de todos os cantos do país, os ricos e os pobres, mas só a uma certa classe se permite o ingresso no santuário mesmo.Você entra por uma porta de pedra, passando por cima de um parapeito já bem gasto pelo tempo. Do lado de fora do santuário há sentinelas de pedra, e quando você entra no templo há sacerdotes sem camisa, a cantar, solenes e orgulhosos. Todos eles eram um tanto gordos, barrigudos e de mãos delicadas. Tinham a voz rouca, pois vinham cantando por muitos anos; e o deus ou deusa quase já não tinha forma. Deve ter havido um rosto há um tempo atrás, mas as feições estavam quase apagadas. As jóias pareciam de inestimável valor.

Quando cessaram os cânticos, havia uma quietude como se a própria Terra tivesse detido a sua rotação. Nenhum raio de sol penetrava ali, e a luz vinha apenas de lamparinas de azeite. Essas lamparinas haviam enegrecido o teto, e o lugar era misteriosamente escuro.

Todos os deuses têm de ser adorados em mistério e no escuro, porque de outro modo não teriam existência.

Quando você sai ao ar livre, à luz forte do sol, e olha para o céu azul e as altas palmeiras ondulantes, você se pergunta por que será que o homem adora a si próprio numa imagem que ele próprio fez com suas mãos e sua mente. O medo e aquele adorável céu azul parecem tão distantes um do outro.

Era um jovem asseado, de rosto vivo, olhos brilhantes e sorriso fácil. Sentamos no chão de uma pequena sala que dava para um

pequeno jardim. O jardim era cheio de rosas, das brancas às quase negras. Um papagaio estava pendurado de cabeça para baixo em um galho, com os olhos brilhantes e o bico vermelho. Ele estava olhando para um outro pássaro muito menor.

O homem falava um bom inglês, mas hesitava um pouco no emprego das palavras, e naquele momento mostrava-se sério. Perguntou: "O que é uma vida religiosa? Já fiz essa pergunta a vários *gurus* e todos deram a resposta-padrão, e gostaria, se me permite, de perguntar-lhe a mesma coisa. Eu tinha um bom emprego, mas, como não era casado, desisti dele porque, intimamente, sinto-me atraído pela religião e desejo descobrir o que significa viver religiosamente, num mundo que é tão irreligioso".

Em vez de perguntar o que é uma vida religiosa, não seria melhor, se posso sugerir, perguntar o que é viver? Então, talvez, possamos entender o que é uma verdadeira vida religiosa. Isso que se chama "vida religiosa" varia de clima para clima, de seita para seita, de crença para crença; e o homem sofre por causa da propaganda das religiões organizadas, que defendem seus próprios interesses. Se pudermos pôr de lado tudo isso – não só as crenças, os dogmas e rituais, mas também a respeitabilidade vinculada ao cultivo da religião – talvez então possamos descobrir o que é uma vida religiosa, não tocada pelo pensamento do homem.

Mas, antes de fazermos isso, vamos, como dissemos, descobrir o que é viver. A realidade do viver é esse triturar diário, a rotina, com sua luta e conflito; é a dor da solidão, a aflição e a miséria da pobreza, e os ricos, com sua ambição, a busca de preenchimento, o sucesso e o sofrimento – que abarcam todo o campo de nossa vida. Isso é o que chamamos de viver – ganhar e perder uma batalha, e a interminável busca de prazer.

Contrastando com isso ou em oposição a isso, existe o que se chama viver religioso ou uma vida espiritual. Mas o oposto contém a mesma semente de seu próprio oposto e, assim, ainda que possa parecer diferente, na realidade não o é. Você pode mudar as roupagens externas, mas a essência íntima do que foi e do que deverá ser é a mesma. Essa dualidade é produto do pensamento e, portanto, gera

mais conflito; e o corredor desse conflito é interminável. Tudo isso nós sabemos; outras pessoas nos disseram ou nós o sentimos por nós mesmos e tudo isso nós chamamos de viver.

A vida religiosa não está na outra margem do rio; está neste lado – o lado onde se encontram todas as batalhas do homem. É isso que temos de entender, e a ação do entendimento é o ato religioso – e não o cobrir-se de cinzas, usar uma tanga ou uma insígnia, sentar na cadeira dos poderosos ou ser transportado em um elefante.

Ver toda a condição do homem, seu prazer e aflição, é de importância primordial, e não especular sobre o que deveria ser uma vida religiosa. O que deveria ser é um mito; é a moralidade construída pelo pensamento e a fantasia, e devemos negar essa moralidade – a social, a religiosa, a industrial. Essa negação não vem do intelecto, mas é um verdadeiro estar fora do padrão dessa moralidade que é imoral.

Assim, a questão é realmente esta: é possível sair desse padrão? É o pensamento que criou essa assustadora confusão e infelicidade, e ele é que está impedindo tanto a religião como a vida religiosa. O pensamento pensa que pode sair do padrão, mas, se o faz, isso será ainda um ato do pensamento, pois o pensamento não tem realidade e, portanto, ele irá criar uma outra ilusão.

Ir além desse padrão não é um ato do pensamento. Isso precisa ser entendido claramente senão você ficará preso novamente na prisão do pensamento. Afinal de contas, o "você" é um feixe de memórias, de tradição e do conhecimento acumulado em milhares de dias passados. Assim, só com o terminar do sofrimento – pois o sofrimento é resultado do pensamento – você pode estar fora do mundo da guerra, do ódio e da violência. Esse ato de "estar fora" é a vida religiosa. Essa vida religiosa não tem crença nenhuma, pois ela não tem amanhã.

"Você não está pedindo uma coisa impossível, senhor? Não está querendo um milagre? Como posso sair de tudo isso sem o pensamento? O pensamento é meu próprio ser!"

É isso mesmo! Esse próprio ser, que é pensamento, tem de acabar. Esse mesmo egocentrismo com suas atividades tem de morrer, sem esforço, naturalmente. É só nessa morte que existe o começo da nova vida religiosa.

11. O PENSAMENTO NÃO PODE CONCEBER O IMENSURÁVEL

Se você deliberadamente assume uma atitude, uma postura, a fim de meditar, essa meditação se torna um divertimento, um brinquedo da mente. Se você resolve se livrar da confusão e da miséria da vida, então isso se torna uma experiência da imaginação – e isso não é meditação. Tanto a mente consciente quanto a mente inconsciente devem se abster de participar da meditação; nem mesmo devem dar atenção à vastidão e à beleza disso – se o fazem, então você poderia sair e comprar um romance que daria no mesmo.

Na atenção total da meditação não há conhecer, não há reconhecimento, nem a lembrança de alguma coisa que aconteceu. O tempo e o pensamento cessaram completamente, pois eles são o centro que limita sua própria visão.

No momento da luz o pensamento desaparece, e o esforço consciente para experimentar e lembrar da experiência é a palavra que já foi. E a palavra nunca é o real. Naquele momento – que não pertence ao tempo – a realidade final se torna a imediata, mas essa suprema realidade não tem símbolo, não pertence a ninguém, a nenhum Deus.

Naquela manhã, especialmente bem cedo, o vale estava extraordinariamente quieto. A coruja cessara de piar e, de lá das colinas

distantes, não vinha mais resposta do companheiro. Nenhum cachorro estava latindo, e a aldeia ainda não havia despertado. No leste havia um clarão, uma promessa, e o Cruzeiro do Sul ainda não empalidecera. Não havia sequer um sussurro entre as folhas, e a própria Terra parecia ter cessado a sua rotação. Você podia sentir o silêncio, tocá-lo, cheirá-lo, e ele tinha aquela qualidade de penetração. Não era o silêncio exterior daquelas colinas, entre as árvores, que estava quieto; você era parte dele. Você e ele não eram duas coisas separadas. A divisão entre barulho e silêncio não tinha significado. E aquelas colinas, escuras, sem um movimento, eram parte dele, como você.

Esse silêncio era muito ativo. Não era a negação do barulho e – extraordinário! – estranhamente, naquela manhã, ele entrara pela janela como um perfume, e com ele uma percepção, um sentimento do absoluto. E, ao olhar pela janela, a distância entre todas as coisas desapareceram, e seus olhos se abriram com a aurora e viram todas as coisas de uma forma nova.

"Estou interessado em sexo, igualdade social, e Deus. Essas são as únicas coisas que importam na vida, e nada mais. A política, as religiões com seus sacerdotes e promessas, seus rituais e confissões, parecem tão insultantes. Elas realmente não respondem coisa alguma, nunca resolveram qualquer problema de fato, só têm ajudado a adiá-los. Elas, de diferentes maneiras, condenaram o sexo, sustentaram as desigualdades sociais, e o Deus concebido por sua mente é uma pedra que revestiram de amor e sentimento. Eu, pessoalmente, não preciso delas para nada. Só lhe digo isso para que deixemos de lado todas essas coisas e nos ocupemos dessas três questões – o sexo, a miséria social, e essa coisa chamada Deus."

"Para mim, o sexo é necessário como a comida é necessária. A natureza criou o homem e a mulher e os prazeres da noite. Para mim, ele é tão importante como o descobrimento daquela verdade a que se pode chamar Deus. E é tão importante ter sentimento para com o próximo como ter amor à sua mulher. O sexo não é um problema. Eu o aprecio, mas existe em mim um medo de alguma coisa

desconhecida, e é esse medo e dor que preciso entender, não como um problema a resolver, porém como uma coisa que devo aprofundar, de forma que eu fique realmente limpo disso. Assim, eu gostaria, se você tem tempo, de juntos considerarmos essas coisas."

Podemos começar com a última, e não com a primeira? Então, talvez as outras questões possam ser compreendidas mais profundamente; assim, talvez, elas terão um conteúdo diferente daquele que o prazer pode dar.

Você quer que a sua crença seja fortalecida ou você quer realmente ver a realidade – não experimentá-la, porém vê-la realmente com uma mente e um coração plenamente atentos e claros? A crença é uma coisa, e ver é outra. A crença, tal como a fé, leva à escuridão. A crença leva você à igreja, aos templos escuros e às sensações agradáveis dos rituais. Ao longo desse caminho não existe nenhuma realidade, mas só fantasia, os ornamentos criados pela imaginação, que enchem as igrejas.

Se você nega o medo, a crença é desnecessária, mas se você se agarra à crença e ao dogma, o medo tem sua entrada. A crença não existe só de acordo com as sanções religiosas; ela ocorre mesmo quando você não pertence a nenhuma religião. Você pode ter sua própria crença individual, exclusiva – mas ela não é a luz da clareza. O pensamento investe na crença a fim de proteger-se contra o medo que ele próprio criou. E o movimento do pensamento não é a liberdade da atenção que vê a verdade.

O imensurável não pode ser buscado pelo pensamento, pois o pensamento tem sempre uma medida. O sublime não está encerrado na estrutura do pensamento e da razão, nem é o produto da emoção e do sentimento. A negação do pensamento é atenção; assim como a negação do pensamento é amor. Se você está em busca do sublime, não o achará; ele deve vir a você, se tiver sorte – e a sorte é a janela aberta do seu coração, não do pensamento.

"Isso é um tanto difícil, não? Você está me pedindo para negar toda a estrutura de mim mesmo, do eu que cuidadosamente tenho nutrido e sustentado. Eu pensava que o prazer do que se pode chamar Deus era duradouro. É a minha segurança; nele está toda a

minha esperança e deleite; e agora você me pede que coloque tudo isso de lado. Isso é possível? E desejo realmente fazê-lo? E, também, você não está me prometendo algo como uma recompensa se eu colocar isso de lado? É claro que eu vejo que você não está me oferecendo nenhuma recompensa, mas posso, realmente, e não apenas da boca pra fora, abandonar completamente essa coisa da qual tenho sempre vivido?"

Se você deliberadamente tentar abandoná-la, esse esforço se tornará conflito, dor, aflição infinita. Mas, se você vê a verdade disso, assim como vê a verdade daquele lampião – sua luz tremulante, sua mecha, seu pé de latão – terá então ingressado numa outra dimensão. Nessa dimensão, o amor não tem problemas sociais; nela não há divisão de classes, racial ou intelectual. Só os desiguais sentem a necessidade de igualdade. São os superiores que necessitam manter essa divisão, sua classe e seus modos de vida. E o inferior está sempre lutando para se tornar superior, e o oprimido para se tornar opressor. Assim, meramente legislar – embora tal legislação seja necessária – não acaba a divisão e suas crueldades; tampouco acaba com a divisão entre a função e a posição. Servimo-nos da função para alcançar posição, e aí começa todo o ciclo da desigualdade. Os problemas da sociedade não podem ser extintos pela moralidade que a sociedade inventou. O amor não tem moralidade, e o amor não é reforma. Quando o amor se torna prazer, a dor é inevitável. O amor não é pensamento, e é o pensamento que dá o prazer – prazer sexual, o prazer do sucesso. O pensamento dá força e continuidade ao prazer do momento. O pensamento, pelo pensar nesse prazer, dá-lhe a vitalidade do próximo momento de prazer. Essa exigência de prazer é o que chamamos sexo, não? Com ele vem muita afeição, ternura, desvelo, companheirismo, etc., mas, através disso tudo, existe o fio da dor e do medo. E o pensamento, pela sua atividade, torna esse fio inquebrável.

"Mas não se pode tirar o prazer do sexo! Eu vivo desse prazer, gosto dele. Para mim, ele é mais importante do que ter dinheiro, posição ou prestígio. Vejo também que o prazer traz consigo a dor, mas o prazer predomina sobre a dor e, assim, não me importo."

Quando esse prazer, no qual você tanto se delicia, chega ao fim – com a idade, por acidente, com o tempo – então você foi pego; então o sofrimento é a sua sombra. Mas amor não é prazer, nem é produto do desejo; por isso que, senhor, devemos entrar numa dimensão diferente. Nela, os nossos problemas – todas as questões – são resolvidos. Fora dela, faça o que quiser, haverá sempre sofrimento e confusão.

12. PODE-SE MESMO SER LIVRE?

No alto, muitos pássaros voavam, uns cruzando o rio grande, e outros, mais alto ainda, descrevendo amplos círculos, quase sem mover as asas. Esses últimos eram, principalmente, urubus, e no sol brilhante eles eram meros pontos a bordejar contra o vento. Em terra, eram desajeitados, com seus pescoços nus e suas asas largas e pesadas. Uns poucos deles estavam no tamarindeiro, e os corvos os importunavam. Um corvo, principalmente, perseguia insistentemente um dos urubus, tentando empoleirar-se nele. O urubu se cansou e alçou vôo, e o corvo que o estivera molestando veio por detrás e pousou no seu dorso. Um espetáculo verdadeiramente curioso – o urubu com o corvo negro às costas. O corvo parecia estar-se divertindo a valer e o urubu tentava se livrar dele. Por fim, o corvo saiu voando, atravessou o rio e desapareceu no mato.

Os papagaios vieram cruzando o rio, em ziguezague, e soltando guinchos, dizendo ao mundo todo que eles estavam chegando. Eram de um verde brilhante, de bicos vermelhos, e vários deles se instalaram no tamarindeiro. Saiam de manhã, desciam o rio e às vezes retornavam aos gritos, porém quase sempre ficavam fora o dia todo, só voltando no fim da tarde, depois de terem roubado os grãos que encontravam pelos campos, e todas as frutas que achavam. Você os via aparecer entre as folhas do tamarindeiro e, em seguida, desaparecer. Não era mesmo possível distingui-los entre as

miúdas e verdes folhas da árvore. Eles tinham um buraco no tronco, onde moravam, macho e fêmea, e pareciam perfeitamente felizes, dando gritos de alegria na hora que saíam voando. No fim da tarde e ao amanhecer, o sol fazia um rastro – dourado de manhã e prateado de tarde – de uma a outra margem do rio. Não admira que os homens venerem os rios; é melhor do que venerar imagens, com rituais e crenças. O rio era vivo, profundo e em plena cheia, sempre em movimento; e as pequenas poças ao lado das margens estavam sempre estagnadas.

Cada ser humano se isola numa pequena poça de água, onde se deteriora; nunca se lança à plena correnteza do rio. De alguma maneira, aquele rio, tão poluído pelos seres humanos que habitavam mais acima, era limpo no meio, azul-esverdeado e profundo. Era um rio esplêndido, principalmente de madrugada, antes de nascer o sol; era tão quieto e parado, da cor de prata fundida! E, assim que o sol aparecia por sobre as árvores, ele se tornava dourado e, depois, novamente uma faixa de prata; e então suas águas ficavam vivas.

Naquele quarto que dava para o rio o ar era fresco, quase frio, pois estávamos no começo do inverno. Sentado à nossa frente, um jovem com a esposa mais jovem ainda. Sentamo-nos sobre o tapete estendido num chão um tanto frio e duro. Os dois não estavam interessados em olhar o rio, e quando para ele lhes chamamos a atenção – sua largura, sua beleza, e a margem verde, do outro lado – corresponderam com um gesto educado. Vieram de longe, do norte, de ônibus e de trem e estavam ávidos para conversar sobre as coisas que tinham em mente; o rio era algo que eles poderiam olhar mais tarde, quando tivessem tempo.

Disse ele: "O homem jamais pode ser livre; está preso à família, aos filhos, ao emprego. Até morrer, tem responsabilidades. A menos, naturalmente", acrescentou, "que se torne *sannyasi*, monge".

Ele via a necessidade de ser livre, entretanto achava ser isso impossível de se conseguir neste mundo cheio de competição e brutalidade. A esposa o escutava com um ar meio surpreso, satisfeita

de ver que o marido era capaz de mostrar-se sério e de se expressar em inglês com desembaraço. Isso lhe dava uma certa sensação de orgulho possessivo. Ele de forma alguma se dava conta disso, pois ela estava sentada um pouco atrás dele.

"Podemos mesmo ser livres?", perguntou. "Alguns escritores e teóricos políticos, tais como os comunistas, dizem que a liberdade é uma coisa burguesa, inatingível e irreal, enquanto o mundo democrático fala muito de liberdade. O mesmo fazem os capitalistas e, naturalmente, todas as religiões a pregam e a prometem, embora tenham cuidado de aprisionar o homem em suas respectivas crenças e ideologias – negando suas promessas pelos seus atos. Vim com o propósito de descobrir, não apenas intelectualmente, se o homem, se eu posso realmente ser livre neste mundo. Tirei uma folga de meu emprego para vir aqui; por dois dias estou livre de meu trabalho – da rotina do escritório e da vida costumeira da pequena cidade onde moro. Se eu tivesse mais dinheiro, seria mais livre e teria a possibilidade de ir aonde quisesse e fazer o que quisesse, pintar, talvez, ou viajar. Mas isso é impossível, porque meu ordenado é limitado e eu tenho responsabilidades; sou um prisioneiro de minhas responsabilidades."

A esposa não compreendia tudo isso, mas aguçou os ouvidos à palavra "responsabilidades". Talvez se perguntasse se ele não estaria com vontade de abandonar o lar e sair a vagar pela face da terra.

"Essas responsabilidades", prosseguiu, "me impedem de ser livre, tanto exterior como interiormente. Eu posso entender que o homem não possa ficar completamente livre do mundo dos correios, do mercado, do escritório etc., e não é aí que estou buscando a liberdade. O que desejo descobrir é se existe alguma possibilidade de se ser livre interiormente".

Os pombos estavam arrulhando e esvoaçando na varanda e os gritos dos papagaios entravam pela janela, e o sol brilhava nas suas asas verdes e brilhantes.

Que é liberdade? É uma idéia, ou um sentimento que o pensamento cria por se ver envolvido numa série de problemas, ansiedades, etc.? A liberdade é um resultado, uma recompensa, uma coisa

que se encontra no fim de um processo? É liberdade quando você se liberta da raiva? Ou, é liberdade quando você pode fazer o que quiser? Há liberdade quando achamos que a responsabilidade é uma carga e tratamos de livrar-nos dela? É liberdade quando você resiste, ou cede? Pode o pensamento dar essa liberdade, pode ela ser dada por alguma ação?

"Receio que você tenha que ir um pouco mais devagar."

Liberdade é o oposto de escravidão? Há liberdade quando, estando numa prisão e, sabendo-se prisioneiro e estando consciente de todas as restrições da prisão, você imagina a liberdade? Pode a imaginação dar liberdade, ou ela é uma fantasia do pensamento? O que realmente conhecemos, e o que realmente existe, é a escravidão – não só às coisas externas, à casa, à família, ao emprego, mas também interiormente, à tradição, aos hábitos, ao prazer de dominar e de possuir, ao medo, ao êxito, e a tantas outras coisas. Quando o sucesso traz grande prazer, ninguém fala em libertar-se dele, nem pensa sobre ele. Só falamos em liberdade quando há dor. Estamos escravizados a todas essas coisas, tanto interiormente como exteriormente, e essa escravidão é o que é. O que chamamos liberdade é a resistência ao que é. A pessoa resiste, ou escapa, ou tenta reprimir o que é, esperando assim chegar a uma certa forma de liberdade. Interiormente, só conhecemos duas coisas: escravidão e resistência; e a resistência cria a escravidão.

"Desculpe-me, eu realmente não estou entendendo."

Quando você resiste à raiva ou ao ódio, o que está realmente acontecendo? Você constrói um muro contra o ódio, mas o ódio continua lá; o muro apenas o esconde de você. Ou você se determina a não se irritar, mas essa própria determinação faz parte da raiva, essa própria resistência dá mais força à raiva. Pode ver esse fato em você mesmo, se o observar. Quando você resiste, controla, reprime, ou tenta transcender uma coisa – tudo isso vem a dar no mesmo, porque eles são todos atos da vontade –, você engrossou o muro da resistência e, assim, você se tornou mais e mais escravizado, mais limitado, mais insignificante. E é dessa insignificância, dessa limitação que você quer se libertar, sendo esse próprio desejo a reação que irá criar outra

barreira – e mais insignificância. Assim, nós nos movemos de uma resistência, de uma barreira para outra – às vezes dando ao muro da resistência um colorido diferente, uma qualidade diferente, ou algum nome nobre. Mas resistência é escravidão, e escravidão é dor.

"Isso quer dizer que, exteriormente, devemos deixar que os outros nos dêem pontapés à vontade, e, interiormente, devemos soltar as rédeas à nossa raiva, etc.?"

Parece que você não escutou o que se esteve dizendo. Quando se trata de prazer, você não se importa com o "pontapé", com a sensação de deleite que você experimenta, mas quando o "pontapé" dói, então você resiste. Você quer estar livre da dor e, ao mesmo tempo, conservar o prazer. Conservar o prazer é resistência.

É natural responder; se você não responde fisicamente à picada de um alfinete, isso significa que você está entorpecido. Interiormente também, se você não responde, alguma coisa está errada. Mas a maneira como você responde e a natureza da resposta são importantes, e não a própria resposta. Quando alguém o elogia, você responde; e responde quando alguém o insulta. Ambas as respostas são resistências – uma de prazer e a outra de dor. Uma você conserva, e a outra ou você despreza ou deseja ir à forra. Mas ambas são resistências. Tanto o conservar como o rejeitar são formas de resistência; e liberdade não é resistência.

"É possível para mim responder sem a resistência tanto do prazer como da dor?"

O que você pensa? O que você sente? Você está perguntando para mim, ou a si mesmo? Se um estranho, um agente externo, responde a essa pergunta por você, então você confia nisso e essa confiança se torna a autoridade, a qual é resistência. E então, mais uma vez, você deseja ficar livre dessa autoridade! Assim, como você pode fazer essa pergunta a outra pessoa?

"Você poderia chamar minha atenção para isso e, se eu então o visse, não haveria nisso autoridade alguma, não é?"

Mas eu já chamei sua atenção para o que realmente é. Veja o que realmente é sem reação de prazer ou de dor. Liberdade é ver. Ver é liberdade. Você só pode ver em liberdade.

"Esse ver pode ser um ato de liberdade, mas que efeito pode ter na minha escravidão, que é "o que é", que é a coisa vista?"

Quando você diz que o ver "pode ser um ato de liberdade", é uma suposição, portanto, o seu ver é também uma suposição. Então, você não está vendo o que é.

"Não sei, senhor, vejo minha sogra brigando comigo; ela pára com isso, só porque eu o vejo?"

Veja a ação da sua sogra e veja suas respostas, sem as respostas adicionais de prazer e de dor. Veja em liberdade. Sua ação pode então ser ignorar o que ela faz, completamente, ou sair de perto. Mas o sair de perto ou o ignorá-la não é resistência. Esse percebimento sem escolha é liberdade. A ação proveniente dessa liberdade não pode ser prevista, sistematizada, encaixada num padrão de moralidade social. Esse percebimento sem escolha é apolítico, não pertence a nenhum "ismo"; não é produto do pensamento.

13. QUERO CONHECER DEUS

"Eu quero conhecer Deus", disse ele com veemência, quase gritando. Os urubus estavam pousados na árvore costumeira, o trem atravessava a ponte com seu barulho característico, o rio seguia seu curso – aqui ele era bem largo, bem tranqüilo, e bem profundo. Cedo, naquela manhã, podia-se sentir de longe o cheiro das águas; do alto do barranco do rio, podia-se sentir o seu cheiro – o frescor, sua pureza no ar da manhã. O dia ainda não começara a estragar tudo. Pela janela ouviam-se os gritos dos papagaios, que iam para os campo, e mais tarde voltariam ao tamarindeiro. Os corvos, dúzias deles, cruzavam o rio, voando muito alto, para descer nas árvores e nos campos da outra margem. Era uma clara manhã de inverno – fria, mas radiante; e não havia uma nuvem no céu. Enquanto observava-se a luz do sol nascente refletida no rio, a meditação estava acontecendo. A própria luz fazia parte dessa meditação, quando se olhava para a dança das águas brilhantes, na manhã serena – não com uma mente que estava traduzindo isso em um certo sentido, porém com olhos que viam a luz e nada mais.

A luz, como o som, é uma coisa extraordinária. Há a luz que os pintores procuram representar na tela; há a luz que as máquinas fotográficas captam; há a luz de uma lamparina, a brilhar sozinha numa noite escura, ou a luz que está no semblante de outra pessoa, a luz que está por trás de seus olhos. A luz que os olhos vêem não é a luz

que brilha sobre a água; esta é uma luz tão diferente, tão vasta, que não cabe no estreito campo visual. Aquela luz, como o som, move-se infinitamente – para fora e para dentro – como o movimento da maré. E, se você continua muito quieto, você vai com ela, não em imaginação ou sensorialmente; vai com ela, sem o saber, fora da medida do tempo.

A beleza daquela luz, como o amor, não é para ser tocada, não é para ser colocada em palavras. Mas, lá estava ela – na sombra, ao ar livre, na casa, na janela do outro lado do caminho, e na risada daquelas crianças. Sem aquela luz, o que se vê é de ínfima importância, pois a luz é tudo; e a luz da meditação estava na água. Lá estaria de novo, à tarde, e durante a noite, e quando o sol se erguesse acima das árvores, tornando o rio dourado. Meditação é aquela luz na mente que ilumina o caminho para a ação. Sem essa luz, o amor não existe.

Era um homem grande, bem barbeado e de cabeça também raspada. Nós sentamos no chão naquela pequena sala com vista para o rio. O chão estava frio, pois era inverno. Ele tinha a dignidade própria de um homem de poucas posses e a quem não assusta muito a opinião alheia.

"Desejo conhecer Deus. Sei que isso é fora de moda, hoje em dia. Os estudantes – a nova geração, com suas revoltas, suas atividades políticas, suas exigências aceitáveis e inaceitáveis – zombam de toda religião. E fazem muito bem, aliás, pois veja o que dela fizeram os sacerdotes! Naturalmente, a geração mais nova não quer nada com ela. Para eles, o que os templos e as igrejas estão defendendo é a exploração do homem. Não confiam, absolutamente, no panorama hierárquico-eclesiástico, com os salvadores, as cerimônias, e toda aquela tolice. Estou de acordo com eles, e eu próprio já os ajudei a se revoltarem contra tudo isso. Mas continuo a desejar conhecer Deus. Já fui comunista, mas há muito abandonei esse partido, pois os comunistas também têm os seus deuses, os seus dogmas e seus teóricos. Fui, em verdade, ardoroso comunista, porque no começo eles prometiam alguma coisa – uma grande, uma verdadeira revolução.

Mas agora têm tudo o que os capitalistas têm; enveredaram na mundanidade. Andei a entreter-me com reformas sociais e militei na política, mas tudo isso ficou para trás, porque não vejo nenhuma possibilidade de o homem libertar-se de seu desespero, sua ansiedade, seu temor, por meio da ciência e da tecnologia. Só há, talvez, um único caminho. Não sou de modo algum supersticioso e acho que não tenho medo da vida. Já passei por tudo isso e, como você vê, tenho ainda muitos anos à frente. Desejo saber o que é Deus. Já fiz essa pergunta a alguns desses monges errantes e àqueles que vivem a dizer que Deus existe e que basta olhar para vê-lo, e, ainda, àqueles que assumem ares misteriosos e oferecem algum método. Estou atento para todas essas armadilhas. Assim, aqui estou, porque sinto que eu tenho que descobrir."

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Os papagaios passavam pela frente da janela, guinchando, e a luz lhes fazia brilhar as penas verdes e os bicos vermelhos.

Você acha que pode descobrir? Você pensa que, buscando, você vai encontrar? Você pensa que pode experimentar isso? Você pensa que a medida da sua mente vai encontrar o que não tem medida? Como você vai descobrir? Como você vai saber? Como você será capaz de reconhecer?

"Realmente, não sei", respondeu, "mas eu saberei quando for o Real".

Você quer dizer que irá saber pela sua mente, pelo seu coração, pela sua inteligência?

"Não. O conhecer não depende de nada disso. Conheço muito bem o perigo dos sentidos. Estou atento para o modo como as ilusões são criadas facilmente."

Conhecer é experimentar, não? Experimentar é reconhecer, e reconhecimento é memória e associação. Se o que você entende por "conhecer" é o resultado de um incidente passado, de uma memória, de uma coisa que aconteceu antes, então, isso é o conhecer de algo que já aconteceu. Você pode conhecer o que está acontecendo, o que está realmente acontecendo? Ou você só pode conhecê-lo no momento seguinte, depois de passado? O que está acontecendo realmente

está fora do tempo; o conhecimento está sempre no tempo. Você olha para o acontecimento com os olhos do tempo, que lhe dá nome, o traduz e registra. Isso é o que se chama "conhecer", tanto analiticamente como pelo reconhecimento instantâneo. Para o campo do conhecimento você quer trazer aquilo que está do outro lado da colina ou atrás daquela árvore. E você insiste em querer conhecê-lo, em querer experimentá-lo e conservá-lo. Você pode segurar aquelas águas que passam velozes em sua mente ou em sua mão? O que você segura é a palavra e o que os seus olhos viram, e foi colocado em palavras, e a lembrança dessas palavras. Mas a memória não é aquela água – nem nunca o será.

"Está bem", disse, "Então de que maneira encontrarei isso? Em minha longa vida de estudioso, descobri que nada irá salvar o homem – nenhuma instituição, nenhum padrão social, nada; por isso deixei de ler. Mas o homem precisa ser salvo, de algum jeito precisa sair disso, e minha premente necessidade de encontrar Deus é o clamor de uma grande ansiedade pelo homem. Essa violência que vemos alastrar-se está consumindo o homem. Sei de todos os argumentos pró e contra ela. Outrora eu tinha esperanças, mas hoje já nada espero. Eu, realmente, não tenho mais forças. Não faço essa pergunta por desespero ou para renovar a esperança. Simplesmente não posso enxergar nenhuma luz. Assim, vim fazer esta única pergunta: Você pode ajudar-me a descobrir a realidade – se existe uma realidade?"

De novo ficamos por algum tempo em silêncio. E o arrulhar dos pombos entrou no quarto.

"Percebo o que você quer dizer. Nunca estive em tão completo silêncio. A questão está lá, fora desse silêncio e, quando a olho de dentro desse silêncio, ela recua. Então, você quer dizer que só nesse silêncio, nesse silêncio completo e não premeditado, é que existe o imensurável?"

Outro trem atravessava ruidosamente a ponte.

Isso atrai toda tolice e histeria do misticismo – um sentimento vago, inarticulado, gerador de ilusão. Não, senhor, não é isso o que quero dizer. É trabalho duro afastar todas as ilusões – a política, a

religiosa, e a ilusão do futuro. Nunca descobrimos coisa alguma por nós mesmos. Pensamos que o fazemos, e esta é uma das nossas maiores ilusões – que é o pensamento. É trabalho árduo ver claramente dentro dessa confusão, dentro da insanidade que o homem teceu em torno de si mesmo. Você precisa de uma mente muito, muito sadia para ver e para ser livre. Essas duas coisas – ver e ser livre – são absolutamente necessárias. Estar livre da ânsia de ver, estar livre da esperança que o homem sempre depositou na ciência, na tecnologia e nos descobrimentos religiosos. Essa esperança gera ilusão. Ver isso é ser livre e, quando há liberdade, você não atrai coisa alguma. Então a própria mente se tornou o imensurável.

14. O AMOR É SEMPRE INTEIRO

Ele era um velho monge, venerado por muitos milhares de devotos. Cuidara bem de seu corpo, tinha a cabeça raspada e usava o habitual manto cor de açafrão do *sannyasi*. Levava um longo cajado que já vira muitas estações, e calçava um par de sandálias já um tanto gastas. Sentamos num banco que ficava no alto e dava para o rio – a ponte da ferrovia à direita, e o rio, descrevendo uma ampla curva, à esquerda. A outra margem, naquela manhã, estava encoberta por uma densa neblina e só se podia ver os topos das árvores. Era como se elas flutuassem na extensão do rio. Não havia um sopro de vento, e as andorinhas voavam baixo, perto da superfície. Aquele rio era muito velho e sagrado, e de muito longe vinha gente para morrer e ser cremada às suas margens. Rio venerado, louvado em cânticos e celebrado como sacratíssimo. Nele se jogavam imundícies de toda espécie; nele o povo se banhava, bebia de suas águas e lavava suas roupas; em suas margens, viam-se pessoas a meditar, de olhos fechados, sentadas muito erectas e imóveis. O rio se doava prodigamente, mas o homem o estava poluindo. Na estação das chuvas subia alguns metros, levando todas as podridões e cobrindo a terra com uma camada de lodo para a semeadura que proporcionava nutrição aos camponeses ribeirinhos. Descia em grandes curvas e, às vezes, levava árvores inteiras, arrancadas pela forte corrente. Viam-se também animais mortos, nos quais estavam pousa-

dos urubus e corvos brigando uns com os outros, e, ocasionalmente, um braço ou perna ou mesmo o corpo inteiro de um ser humano.

Naquela manhã o rio estava encantador, sem uma ruga na sua superfície. A outra margem parecia muito distante. O sol se levantara havia várias horas, e a neblina ainda não se dissipara, e o rio, qual um certo ser misterioso, simplesmente fluía. O monge estava bem familiarizado com aquele rio; vivera muitos anos às suas margens, rodeado de seus discípulos e tinha por quase certo que ele sempre ali estaria, que enquanto o homem vivesse ele também viveria. Habituara-se a ele, e isso é que era lastimável. Já o olhava com olhos que o tinham visto milhares de vezes. A gente se habitua à beleza e à fealdade, e o frescor do dia se perde.

"Por que", perguntou, com voz um tanto autoritária, "por que você é contra a moralidade estabelecida, contra as escrituras que mais sagradas nos são? Talvez você tenha sido corrompido pelo ocidente, onde liberdade é licenciosidade e onde não se sabe sequer, salvo raras exceções, o que significa a verdadeira disciplina. Evidentemente você não leu nenhum dos nossos livros sagrados. Estive aqui, numa dessas manhãs, quando você dava uma palestra, e fiquei horrorizado com o que você estava dizendo a respeito dos deuses, dos sacerdotes, dos santos e *gurus*. Como pode o homem viver sem nada disso? Se o faz, torna-se materialista, mundano, brutal. Você parece negar todo o conhecimento que consideramos mais sagrado. Por quê? Sei que você é sério. Nós o temos acompanhado à distância, por muitos anos. Nós o considerávamos como um irmão. Pensávamos que você era um dos nossos. Mas, desde que você renunciou a todas essas coisas, tornamo-nos estranhos, e é mil vezes lamentável que estejamos percorrendo diferentes caminhos."

O que é sagrado? A imagem do templo, o símbolo, a palavra? Onde está o sagrado? Naquela árvore, naquela camponesa que vai levando um pesado fardo? Você atribui o caráter de sagrado às coisas que você considera veneráveis, preciosas, significativas, não? Mas, que valor tem a imagem esculpida pela mão ou pela mente? Aquela mulher, aquele pássaro, aquela árvore, os seres vivos, só parecem ter para você uma importância passageira. Você divide a vida em sagrado e

não sagrado, o que é imoral e o que é moral. Essa divisão gera aflição e violência. Ou tudo é sagrado, ou nada é sagrado. Ou o que você diz, as suas palavras, os seus pensamentos, os seus cânticos são sérios, ou estão ali para seduzir a mente numa espécie de encantamento, que se torna uma ilusão e, por conseguinte, não são nem um pouco sérios. O sagrado existe, mas não está na palavra, não está na estátua ou na imagem que o pensamento criou.

Ele pareceu um tanto perplexo e sem ver com certeza aonde isso o estava levando. Assim, interrompeu: "Não estamos propriamente considerando o que é e o que não é sagrado, porém gostaríamos de saber o que você tem contra a disciplina".

Disciplina, como em geral é entendida, é ajustamento a um padrão estúpido de sanções políticas, sociais ou religiosas. Esse ajustamento implica imitação, repressão ou uma certa maneira de se transcender o atual estado, não é isso? Nessa disciplina existe, obviamente, uma luta contínua, um conflito que distorce a qualidade da mente. O homem se ajusta por causa de alguma recompensa, prometida ou esperada; ele se disciplina visando obter alguma coisa. A fim de alcançar uma certa coisa, a pessoa obedece e se sujeita, e o padrão – seja ele o padrão comunista, religioso ou o próprio padrão – se torna a autoridade. Nisso não há realmente nenhuma liberdade. Disciplina significa aprender; e aprender nega toda autoridade e obediência. Ver tudo isso não é um processo analítico. Ver tudo o que está implicado em toda essa estrutura da disciplina é em si disciplina – que significa aprender tudo o que diz respeito a essa estrutura. E o aprender não é uma questão de acumular informação, mas, sim, ver imediatamente a sua estrutura e natureza. Essa é a verdadeira disciplina, porque você está aprendendo, e não se ajustando. Para aprender deve haver liberdade.

"Isso implica", indagou, "que você pode fazer o que quiser? Que você desconsidera a autoridade do Estado?"

Claro que não, senhor. Naturalmente temos de aceitar a lei do Estado ou a lei representada pelo policial – até essa lei mudar. Você tem que guiar seu carro em um lado da estrada, e não por toda a estrada, pois há também outros carros e temos de obedecer às

regras de trânsito. Se cada um fizesse exatamente o que gostasse – como, aliás, sub-repticiamente fazemos, de qualquer forma – haveria o mais completo caos – como de fato há. O negociante, o político, quase todo ser humano está perseguindo seus próprios e secretos desejos e apetites, sob a capa da respeitabilidade, e isso produz caos no mundo. E procuramos ocultá-lo, promulgando leis, sanções, etc. Isso não é liberdade. Em todo o mundo há pessoas que lêem livros sagrados, modernos ou antigos. Repetem o que neles está escrito, põem-no em cânticos, citam-no incessantemente, mas em seus corações são violentas, ávidas, na busca de poder. Têm mesmo algum valor esses chamados livros sagrados? Não têm real significado. O que importa é o extremo egoísmo do homem, sua constante violência, ódio e inimizade – e não os livros, os templos, as igrejas e as mesquitas.

Debaixo de seu manto, o monge está com medo. Ele tem seus apetites, está ardendo em desejos, e o manto representa apenas uma fuga a esse fato.

Procurando transcender essas agonias do homem, consumimos o nosso tempo disputando sobre quais livros são mais sagrados do que outros – e isso é completamente imaturo.

"Nesse caso, você também tem que negar a tradição... Você nega?"

Carregar o passado para o presente, traduzir o movimento do presente em termos do passado, destrói a beleza viva do presente. Este país, como quase todos os outros países, está carregado de tradição, entrincheirada na alta sociedade e na cabana da aldeia. Não há nada de sagrado na tradição, por mais antiga ou moderna que seja. O cérebro carrega a memória de ontem, que é tradição, e teme largá-la por não ser capaz de enfrentar qualquer coisa nova. A tradição se torna a nossa segurança e, quando a mente está segura, ela está em decadência. A pessoa deve fazer a viagem sem carregar peso, suavemente, sem qualquer esforço, sem nunca se deter diante de um santuário, de nenhum monumento, de nenhum herói, social ou religioso – sozinho, com a beleza e o amor.

"Mas nós, os monges, estamos sempre sós, não é verdade?", perguntou. "Renunciei ao mundo e fiz voto de pobreza e castidade."

Você não está só, senhor, porque o próprio voto o amarra – assim como amarra o homem que faz o voto ao casar-se. Se podemos assinalar você não está só, porque você é um hinduísta, assim como você não estaria só se fosse um budista, ou um maometano, ou um cristão, ou um comunista. Você assumiu um compromisso, e como pode estar só um homem que se comprometeu, quando se entregou inteiramente a uma certa idéia, a qual produz sua atividade própria? A própria palavra "só" significa o que está dizendo: livre de influência, inocente, livre e integral – não fracionado. Quando você está só, pode viver neste mundo, mas será sempre um estrangeiro. Apenas nessa solidão pode haver completa ação e cooperação; porque o amor é sempre inteiro.

15. RENÚNCIA AO MUNDO

O rio, naquela manhã, era de prata fosca, porque estava nublado e frio. As folhas estavam cobertas de pó, e em toda parte havia uma tênue camada dele – no quarto, na varanda, na cadeira. Estava esfriando mais; devia ter nevado fortemente nos Himalaias. Podíamos sentir o vento cortante do norte, mesmo os pássaros o sentiam. Mas o rio, naquela manhã, tinha um movimento próprio e estranho; não parecia encrespar-se ao sopro do vento, dava a impressão de estar completamente imóvel e tinha aquela qualidade atemporal que todas as águas parecem ter. Que belo que era! Não admira que o povo o tivesse transformado em um rio sagrado. Podia-se ficar sentado ali, na varanda, a observá-lo meditativamente, infinitamente. E não era devaneio; os pensamentos não estavam em nenhuma direção – estavam simplesmente ausentes.

E enquanto olhava a luz naquele rio, parecia que, de alguma maneira, a pessoa se perdia de si mesma e, ao fechar os olhos, havia o penetrar num vazio que estava cheio de bênção. Um estado de bem-aventurança.

Naquela manhã ele voltou, acompanhado de um moço – o monge que falara sobre disciplina, livros sagrados, a autoridade da tradição. O rosto bem lavado e também as suas vestes. O jovem parecia

um tanto nervoso. Acompanhara o monge – provavelmente seu *guru* – e esperava que ele começasse a falar primeiro. Olhava para o rio, mas estava pensando em outras coisas. Pouco depois, disse o *sannyasi:*

"Voltei, mas desta vez desejo falar sobre o amor e a sensualidade. Nós, que fizemos voto de castidade, temos nossos problemas sensuais. O voto representa apenas um meio de resistir aos nossos incontroláveis desejos. Estou velho, e tais desejos já não me consomem. Antes do voto, eu era casado. Minha esposa morreu; deixei o lar e atravessei um período de agonia, de intoleráveis impulsos biológicos; combatia-os noite e dia. Foram tempos muito difíceis, cheios de solidão, de frustração, medo da loucura, e explosões neuróticas. Ainda hoje não ouso pensar demais nisso. Este jovem veio comigo, porque creio que está passando por idêntico problema. Deseja renunciar ao mundo e fazer voto de pobreza e castidade, tal como eu. Há muitas semanas venho conversando com ele e achei que seria proveitoso se pudéssemos ambos conversar com você a respeito deste problema – o problema do sexo e do amor. Espero que você não se importe se nós falarmos com toda a franqueza."

Se vamos tratar de tal assunto, em primeiro lugar, se posso sugerir, não comecem a examiná-lo com base numa posição, atitude ou princípio, pois isso os impedirá de investigar. Se vocês são contra o sexo, ou se insistem ser ele necessário à vida, que faz parte do viver, qualquer pressuposto dessa natureza vai impedir a percepção real. Devemos pôr de lado toda e qualquer conclusão e, assim, estarmos livres para olhar, para examinar.

Caíam agora algumas gotas de chuva e os pássaros se tornaram quietos, porque ia chover pesado – e as folhas novamente ficariam frescas e verdes, cheias de luz e cor. Havia um cheiro de chuva, e a estranha quietude que precede uma tempestade cobria a terra.

Temos, pois, dois problemas – o amor e o sexo. O primeiro é uma idéia abstrata, e o outro um impulso biológico diário e real, um fato que existe e não pode ser negado. Vamos descobrir primeiro o que é o amor – não como idéia abstrata, porém o que ele realmente é. Que é amor? É mero gozo sensual, cultivado pelo pensamento como prazer, a lembrança de uma experiência que proporcionou grande

deleite, satisfação sexual? É a beleza do pôr-do-sol, ou a folha delicada que tocamos ou vemos, ou o perfume da flor que cheiramos? O amor é prazer ou desejo? Ou não é nenhuma dessas coisas? O amor é para ser dividido em sagrado e profano? Ou é uma coisa indivisível, inteira, que o pensamento não pode fragmentar? Ele existe sem o objeto? Ou só se torna existente por causa do objeto? É porque vêem o rosto de uma mulher que o amor aparece em vocês? – sendo então o amor sensação, desejo, prazer, a que o pensamento dá continuidade? Ou é o amor um estado em vocês que responde à beleza como ternura? O amor é coisa cultivada pelo pensamento, de modo que o seu objeto se torna importante, ou não está de modo nenhum relacionado com o pensamento e, portanto, independente, livre? Sem compreender esta palavra e o significado por trás dela, estaremos torturados, ou nos tornaremos neuróticos a respeito de sexo, ou escravos do sexo.

O amor não é para ser quebrado em fragmentos pelo pensamento. Quando o pensamento o fragmenta, dividindo-o em impessoal, pessoal, sensual, espiritual, minha pátria, sua pátria, meu Deus e seu Deus, então ele já não é amor, mas sim uma coisa completamente diferente – um produto da memória, da propaganda, da conveniência, do conforto, etc.

O sexo é produto do pensamento? O sexo – o prazer, o deleite, o companheirismo, a ternura que ele envolve, é uma lembrança fortalecida pelo pensamento? No ato sexual há auto-esquecimento, auto-abandono, uma sensação de inexistência do medo, da ansiedade, das preocupações da vida. Lembrando-se desse estado de ternura e auto-esquecimento, e exigindo sua repetição, vocês ficam, por assim dizer, a ruminá-lo, até a próxima ocasião. Isso é ternura, ou apenas a lembrança de uma coisa acabada e que, pela repetição, vocês esperam reaver? A repetição de uma certa coisa, por mais agradável que seja, não é um processo destrutivo?

Subitamente, o moço resolveu falar: "O sexo é um impulso biológico, como você mesmo disse e, se isso é destrutivo, o comer não é igualmente destrutivo, já que é também um impulso biológico?"

Se a pessoa come quando tem fome, isso é uma coisa. Se a pessoa está com fome e o pensamento diz: "Quero saborear esta ou

aquela comida" – isso é então pensamento, e essa é que é a repetição destrutiva.

"No sexo, como se sabe qual é o impulso biológico, semelhante à fome, e qual a exigência psicológica, semelhante à avidez?", perguntou o moço.

Por que separar o impulso biológico da exigência psicológica? E há, ainda, outra questão, uma questão totalmente diferente: por que você separa o sexo do apreciar a beleza de uma montanha, o encanto de uma flor? Por que você dá tremenda importância a uma coisa e negligencia totalmente a outra?

"Se o sexo é algo de todo diferente do amor, como você parece dizer, há então necessidade de fazer alguma coisa em relação ao sexo?", perguntou o moço.

Nunca dissemos serem o amor e o sexo duas coisas separadas. O que dissemos foi que o amor é inteiro, não pode ser fragmentado, e o pensamento, por sua própria natureza, é fragmentário. Quando o pensamento domina, o amor, é claro, não existe. O homem em geral conhece – talvez só conheça – o sexo do pensamento, que é ruminar o prazer, e sua repetição. Portanto, temos de perguntar: existe uma outra qualidade de sexo que não pertence ao pensamento ou ao desejo?

O *sannyasi* ouviu tudo isso com serena atenção. Então disse: "Resisti a ele, fiz voto contra ele porque pela tradição, pela razão, entendi que se deve ter energia para a vida dedicada à religião. Mas percebo agora que essa resistência consumiu uma enorme soma de energia. Despendi mais tempo resistindo, desperdicei mais energia nisso do que jamais gastei com o próprio sexo. Assim, o que você disse – que toda espécie de conflito é desperdício de energia – compreendo-o agora. O conflito e a luta são de efeitos muito mais mortais do que admirar o rosto de uma mulher, ou ainda, talvez, mais mortais do que o próprio sexo".

Existe amor sem desejo, sem prazer? Existe sexo sem desejo, sem prazer? Existe amor que seja inteiro, impenetrável ao pensamento? É o sexo uma coisa do passado, ou é, cada vez, uma coisa nova? O pensamento, obviamente, é velho, e por isso estamos sempre a contrastar o velho e o novo. Fazemos perguntas provenientes do velho

e queremos uma resposta nos termos do velho. Assim, quando perguntamos: "Existe sexo sem todo o mecanismo do pensamento operando e trabalhando" – não significa isso que não saímos do "velho"? Tão condicionados estamos pelo velho, que não somos capazes de achar o caminho para o novo. Dissemos que o amor é inteiro e sempre novo – novo, não oposto a velho, porque isso também é o velho. Qualquer asserção de que existe sexo sem desejo é de todo em todo fútil, mas, se você acompanhou todo o significado do pensamento, então talvez vá encontrar o outro. Se, todavia, você exige que deve ter seu prazer a qualquer preço, então não existirá amor.

Disse o jovem: "Aquele impulso biológico sobre o qual você falou a respeito é exatamente essa exigência, porque, embora possa diferir do pensamento, gera pensamento".

"Talvez eu possa responder a meu jovem amigo", disse o *sannyasi*, "porque já passei por tudo isso. Exercitei-me anos seguidos em não olhar para uma mulher. Controlei impiedosamente a exigência biológica. O impulso biológico não gera pensamento; o pensamento o apreende, o pensamento o utiliza, o pensamento faz imagens, representações desse impulso – e então o impulso é um escravo do pensamento. É o pensamento que gera o impulso, a maioria das vezes. Como disse, começo a perceber a extraordinária natureza de nosso poder de enganar a nós mesmos, e de nossa desonestidade. Há em nós muita hipocrisia. Nunca podemos ver as coisas como são, mas temos de criar ilusões em torno delas. O que nos está dizendo é que olhemos todas as coisas com olhos límpidos, sem a lembrança de ontem. Em suas palestras você tem repetido isso freqüentemente. Então a vida não se torna um problema. Só agora, em minha avançada idade, começo a perceber isso."

O moço não parecia inteiramente satisfeito. Ele queria a vida nos seus próprios termos, de acordo com a fórmula que ele cuidadosamente construíra.

Por isso que é muito importante conhecer a si mesmo, não de acordo com qualquer fórmula ou qualquer *guru*. Esse constante percebimento sem escolha põe fim a todas as ilusões, a toda a hipocrisia.

A chuva caía agora em torrentes, o ar estava parado, e havia apenas o som da chuva no telhado e nas folhas.

CALIFÓRNIA

1. VER O QUE É SEM O ONTEM É O AGORA

Meditação não é o mero experimentar de algo além de nossos habituais pensamentos e sentimentos, nem é busca de visões e deleites. A mente imatura, insignificante e sórdida pode ter, e com efeito tem, visões procedentes da consciência em expansão, e experiências que reconhece de acordo com o seu próprio condicionamento. Essa imaturidade pode ser muito capaz de fazer-se bem sucedida neste mundo, e alcançar fama e notoriedade. Os *gurus* que ela segue são da mesma qualidade e se acham no mesmo estado. A meditação não pertence a isso tudo. Ela não é para o homem que está buscando, porque este acha o que quer, e o conforto que isso lhe dá é a moralidade de seus próprios medos.

Faça o que fizer, o homem dado à crença e ao dogma não pode entrar no campo da meditação. Para meditar, é necessária a liberdade. Não é primeiro a meditação e depois a liberdade; a liberdade – a total negação da moralidade e dos valores sociais – é o primeiro movimento da meditação. Esta não é uma atividade pública em que muitos podem participar e fazer orações. Ela é só, e está sempre além dos limites da conduta social. Pois a verdade não está nas coisas do pensamento ou naquilo que o pensamento formou e chama de "a verdade". A completa negação de toda essa estrutura do pensamento é o positivo da meditação.

O mar estava muito calmo naquela manhã; bem azul, quase como um lago, e o céu estava limpo. Gaivotas e pelicanos voavam à beira da água – os pelicanos quase tocando a água com suas asas pesadas e seu vôo lerdo. O céu estava muito azul e os montes, mais além, queimados pelo sol, com exceção de umas poucas moitas. Uma águia vermelha surgiu daqueles montes, voou por cima da ravina e desapareceu entre as árvores.

Naquela parte do mundo, a luz tinha uma qualidade de penetração e brilho que não cegava a vista. Havia um cheiro de sumagre, laranja e eucalipto. Não tinha chovido por muitos meses e a terra estava ressecada, árida, rachada. Viam-se veadinhos de vez em quando nos morros, e uma vez, subindo um morro, havia um urso, muito empoeirado e desalinhado. Por aquele caminho freqüentemente encontravam-se cascavéis e, de vez em quando, um tipo de lagarto. Raramente se encontrava alguém no caminho. Era uma trilha poeirenta, pedregosa e totalmente silenciosa.

Bem à nossa frente surgiu uma codorna com os seus filhotes. Devia haver mais de uma dúzia deles, imóveis, fingindo que não existiam. Quanto mais alto se subia tanto mais deserta se tornava a região, pois não havia qualquer habitação ali, já que não havia água. Também não havia pássaros, e dificilmente qualquer árvore. O sol era muito forte, causticante.

Naquela grande altitude, de repente, e muito perto, apareceu uma cascavel, chocalhando a sua cauda, dando um aviso. Demos um salto. Lá estava ela, a cascavel com sua cabeça triangular, toda enrolada, os chocalhos no centro e a cabeça virada para nós. Alguns centímetros nos separavam, e, daquela distm, e, daquela distância, ela - car. Ficamos a olhá-la fixamente, e ela, por sua vez, nos olhava de volta com seus olhos que não piscavam. Ficamos algum tempo a observá-la, sua indolente flexibilidade, seu perigo; e não havia medo. Depois, enquanto a observávamos, ela desenrolou a cabeça e com a cauda na nossa direção, moveu-se para trás, afastando-se de nós. Quando nos aproximávamos dela, novamente se enrolava, com a

cauda no centro, pronta para o bote. Ficamos nesse jogo por algum tempo, até a serpente cansar-se; então, a deixamos e descemos para a beira do mar.

Era uma casa bonita, com janelas que davam para o gramado. A casa era branca por dentro e bem distribuída. Nas noites frias acendia-se a lareira. É adorável observar o fogo com suas mil chamas e sombras. Não havia qualquer barulho, a não ser o som do mar que não sossegava.

Havia um pequeno grupo de duas ou três pessoas naquela sala, conversando sobre assuntos gerais – a moderna juventude, o cinema, etc. Em dado momento, um deles disse: "Podemos fazer uma pergunta?". Era uma pena perturbar o mar azul e os montes. "Queremos perguntar o que significa tempo para você. Sabemos mais ou menos o que os cientistas e os escritores de ficção científica dizem sobre ele. Parece-me que o homem sempre ficou preso neste problema do tempo – os infinitos ontens e amanhãs. Dos períodos mais remotos aos nossos dias, o tempo sempre ocupou a mente humana. Os filósofos têm especulado a seu respeito e as religiões oferecem suas próprias explicações. Podemos conversar sobre isso?"

Vamos entrar nessa questão bem profundamente, ou vocês apenas querem considerá-la superficialmente e largá-la neste ponto? Se queremos conversar sobre isso seriamente, devemos esquecer o que disseram as religiões, os filósofos e outras pessoas, pois, realmente, vocês não podem confiar em nenhum deles. Não desconfiamos deles por insensível indiferença ou por arrogância, mas vemos que, para descobrir, todas as autoridades devem ser colocadas de lado. Se a pessoa está preparada para isso, então talvez possamos examinar essa matéria de maneira muito simples.

Existe realmente o tempo – fora o tempo do relógio? Aceitamos tantas coisas; a obediência nos tem sido instilada de tal maneira que a aceitação parece natural. Mas, existe de fato o tempo, fora os muitos dias passados? O tempo é uma continuidade como ontem, hoje e

amanhã, e existe tempo sem ontem? Que é que dá continuidade aos milhares de ontens?

Uma causa produz o seu efeito, e o efeito, por sua vez, se torna causa; não há divisão entre eles, é um só movimento. Esse movimento nós chamamos de tempo, e com esse movimento em nossos olhos e em nossos corações, vemos todas as coisas. Vemos com os olhos do tempo, e traduzimos o presente em termos do passado; e essa tradução vai ao encontro do amanhã. Essa é a corrente do tempo.

Aprisionado nesse processo, o pensamento pergunta: "Que é tempo?". Essa própria investigação faz parte do mecanismo do tempo. Portanto, não tem sentido algum, pois o pensamento é tempo. O ontem produziu o pensamento e, assim, o pensamento divide o espaço em ontem, hoje e amanhã. Ou diz: "Só há o presente", esquecendo-se de que o próprio presente é produto de ontem.

Nossa consciência é constituída dessa corrente do tempo e, dentro de seus limites, estamos perguntando: "Que é tempo? E, se não há tempo, que é feito do ontem?". Tais perguntas vêm da esfera do tempo, e não há resposta para uma pergunta colocada pelo pensamento a respeito do tempo.

Ou, não há nem amanhã nem ontem, porém apenas o agora? Essa não é uma pergunta colocada pelo pensamento. Ela é colocada quando a estrutura e a natureza do tempo é vista – mas não com os olhos do pensamento.

Existe realmente o amanhã? Existe, é claro, se eu tenho que pegar um trem; mas, interiormente, existe o amanhã da dor e do prazer, ou da conquista? Ou existe só o agora, que não se relaciona com o ontem? O tempo pára somente quando o pensamento pára. É no momento da parada que está o agora. Esse agora não é uma idéia, é um fato real; mas somente quando todo o mecanismo do pensamento chegou a um fim. O sentimento do agora é inteiramente diferente da palavra, que é do tempo. Assim, não nos deixemos enredar nas palavras ontem, hoje e amanhã. A percepção do agora existe somente em liberdade, e a liberdade não é o cultivo do pensamento.

Então surge a pergunta: "Qual é a ação do agora?". Nós só conhecemos a ação que é do tempo e da memória, e o intervalo

entre ontem e o presente. Nesse intervalo ou espaço é que começa toda a confusão e conflito. O que realmente estamos perguntando é: "Se não há intervalo algum, o que é ação?". A mente consciente poderia dizer: "Fiz algo espontaneamente", mas na realidade isso não é assim; não existe algo como espontaneidade, porque a mente está condicionada. O real é o único fato; o real é o agora; e, vendo-se incapaz de encontrá-lo, o pensamento constrói imagens a seu respeito. O intervalo entre a imagem e o que é, é a miséria que o pensamento criou.

Ver o que é, sem o ontem, é o agora. O agora é o silêncio do ontem.

2. SÓ A PLENITUDE DO CORAÇÃO É INOCENTE

A meditação é um movimento sem fim. Você nunca pode dizer que está meditando ou reservar um determinado período para a meditação. Ela não está às suas ordens. Sua bênção não vem a você porque você leva uma vida sistemática ou segue uma certa rotina ou código moral. Ela vem somente quando o seu coração está realmente aberto. Não aberto pela chave do pensamento, não protegido pelo intelecto, mas quando ele está tão aberto quanto o céu sem uma nuvem. Então ela vem sem você saber, sem você convidar. Mas você nunca pode guardá-la, mantê-la, adorá-la. Se você tenta, ela nunca mais voltará: faça o que fizer, ela o evitará. Na meditação, você não é importante, você não tem lugar nela; a sua beleza não está em você, mas nela própria. E a isso você não pode acrescentar nada. Não fique à espreita na janela, esperando pegá-la desprevenida, nem sente-se num quarto escuro à sua espera; ela só vem quando você não está lá de forma alguma, e sua bem-aventurança não tem continuidade.

As montanhas contemplavam o mar azul sem fim, estendendo-se por muitos quilômetros. Os montes eram quase estéreis, queimados

pelo sol, com pequenos arbustos, e nos recôncavos havia árvores queimadas pelo sol e pelo fogo, porém ainda vivas, florescendo e muito quietas. Havia uma árvore em especial, um carvalho enorme e velho que parecia dominar todos os morros a sua volta. E, no alto de outro morro, havia uma árvore morta, queimada pelo fogo; lá estava ela, nua, cinza, sem uma única folha. Quando você olhava para aquelas montanhas, sua beleza e seus contornos contra o céu azul, aquela árvore sozinha era vista a sustentar o céu. Tinha muitos galhos, todos mortos, e ela nunca mais voltaria a sentir a primavera. Mesmo assim ela era intensamente viva, com graça e beleza; você sentia que era parte dela, sozinho, sem nada em que se apoiar, sem tempo. Parecia que ela ficaria ali para sempre, como também aquele grande carvalho do vale. Ele estava vivo, e ela morta; e ambos eram as únicas coisas que tinham importância entre aqueles montes queimados pelo sol, ressecados pelo fogo e à espera das chuvas de inverno. Você via a totalidade da vida, inclusive sua própria vida, naquelas duas árvores – uma viva, a outra morta. E o amor estava no meio, abrigado, sem ser visto, sem exigências.

Debaixo da casa morava uma mãe quati e seus quatro filhotes. No dia de nossa chegada, estavam todos na varanda, a mamãe e seus bebês. Eles se mostraram imediatamente muito amigáveis – com seus olhinhos negros, penetrantes, e suas patas macias – exigindo serem alimentados e, ao mesmo tempo, nervosos. A mãe mantinha-se à distância. Na tarde seguinte, lá estavam de novo, pegaram a comida de nossas mãos, e sentimos as suas patinhas macias; eles estavam prontos para serem domesticados, para serem acariciados. Olhávamos com admiração sua beleza, seus movimentos. Dentro de mais alguns dias não fariam mais cerimônias conosco; e sentíamos a imensidão da vida neles.

Era um adorável dia claro, e todos os arbustos e moitas sobressaíam, claramente delineados, contra o sol brilhante. O homem viera do vale e subira o morro, até a casa que dominava uma ravina e,

além dela, toda uma cadeia de montanhas. Perto da casa havia uns poucos pinheiros e altos bambus.

Ele era um moço cheio de esperança, e a brutalidade da civilização ainda não o havia tocado. O que ele queria era sentar-se quieto, ficar em silêncio, silenciado não só pelas colinas, mas também pela quietude de sua própria necessidade premente.

"Que papel represento neste mundo? Qual é a minha relação com toda a ordem que existe? Que significa este conflito sem fim? Tenho uma namorada; dormimos juntos. Porém, isso não é tudo. Isso parece como um sonho distante, que se esvai e retorna, pulsando com força por um momento, sem significação nenhuma no momento seguinte. Vi alguns de meus amigos tomarem drogas. Tornaram-se entorpecidos, com as faculdades embotadas. Talvez, eu também, mesmo sem drogas, acabarei embotado pela rotina da vida e a dor da minha própria solidão. Nada valho, no meio de tantos milhões de pessoas. Eu trilharei o mesmo caminho que os outros fizeram, nunca encontrando uma jóia que seja incorruptível, que jamais possa ser roubada, que jamais perca o seu brilho. Assim, pensei em vir aqui para conversarmos, se você tem tempo. Não estou pedindo quaisquer respostas às minhas perguntas. Estou perturbado; embora eu seja ainda bem jovem, já estou desanimado. Vejo a velha geração sem esperança à minha volta, com sua amargura, crueldade, hipocrisia, concessões e prudência. Eles não têm nada para dar e, muito estranho, eu não quero nada deles. Não sei o que quero, mas sei muito bem que tenho que viver uma vida que seja muito rica, que seja cheia de sentido. Eu certamente não quero entrar em algum escritório e gradualmente me tornar alguém nessa existência sem significado e deformada. Às vezes, choro sozinho diante da solidão e da beleza das estrelas distantes."

Ficamos sentados quietos por algum tempo, e os pinheiros e os bambus foram apanhados pela brisa.

A águia e a cotovia em seu vôo não deixam marca; o cientista deixa uma marca, como todos os especialistas. Você pode segui-los, passo a passo, e acrescentar mais alguns passos ao que eles descobriram e acumularam; e você sabe, mais ou menos, aonde leva a

acumulação deles. Mas a verdade não é assim; é realmente uma terra sem caminho; pode estar na próxima curva da estrada ou a mil quilômetros de distância. Você tem que continuar andando e, então, você a encontra ao seu lado. Mas, se você pára, e traça um caminho para outra pessoa seguir ou um plano para o seu próprio modo de vida, ela nunca chega perto de você.

"Isso é poesia ou realidade?"

O que você acha? Para nós, tudo precisa ser feito conforme planejado, para que possamos fazer algo prático, construir algo com isso, adorar isso. Você pode trazer para casa um pedaço de pau, colocá-lo sobre uma estante, pôr uma flor diante dele todo dia e, passados alguns dias, esse pedaço de pau terá um enorme significado. A mente pode dar significado a qualquer coisa, mas o significado que a mente dá é sem sentido. Quando a pessoa pergunta qual o propósito da vida, isso é como adorar aquele pedaço de pau. A coisa terrível é que a mente está sempre a inventar novos propósitos, novos significados, novos deleites, e sempre os destrói. Nunca está quieta. A mente que é rica, em sua quietude, nunca olha para além do que é. A pessoa deve ser ambos, a águia e o cientista, sabendo bem que os dois nunca podem se encontrar. Isso não significa que sejam duas coisas separadas. Ambos são necessários. Mas, quando o cientista quer se tornar a águia, e quando a águia deixa pegadas, há miséria no mundo.

Você é bem jovem. Nunca perca a sua inocência e a vulnerabilidade que ela traz. Este é o único tesouro que o homem pode ter, e deve ter.

"Essa vulnerabilidade é o todo, o fim da existência? É a única jóia sem preço que pode ser descoberta?"

Você não pode ser vulnerável sem inocência e, ainda que tenha mil experiências, mil sorrisos e lágrimas, se você não morrer para elas, como pode a mente ser inocente? Só a mente inocente – apesar de suas milhares de experiências – é que pode ver o que é a verdade. E só a verdade pode tornar a mente vulnerável, isto é, livre.

"Você diz que não se pode ver a verdade sem ser inocente, e que não se pode ser inocente sem ver a verdade. Isto é um círculo vicioso, não é?"

A inocência só pode existir com a morte do ontem. Mas nós nunca morremos para o ontem. Sempre temos uma lembrança, um farrapo de ontem remanescendo, e é isso que mantém a mente ancorada, segura pelo tempo. Assim, o tempo é o inimigo da inocência. A pessoa tem que morrer cada dia para todas as coisas a que a mente se agarra e fica presa. De outro modo, não há liberdade. Na liberdade existe vulnerabilidade. Não é uma coisa depois da outra – tudo é um só movimento, o vir e o ir. É realmente a plenitude do coração que é inocente.

3. VOCÊ NÃO PODE ENCONTRAR O NOVO SEM ABANDONAR O VELHO

Meditação é esvaziar a mente do conhecido. O conhecido é o passado. O esvaziar não acontece ao final de uma acumulação, mas significa não acumular de forma alguma. O que foi é esvaziado apenas no presente, não pelo pensamento, mas pela ação, pelo fazer do que é. O passado é o movimento de conclusão para conclusão, e julgamento do que é pela conclusão. Todo julgamento é conclusão, seja do passado ou do presente, e é esta conclusão que impede o constante esvaziar da mente, do conhecido; porque o conhecido é sempre conclusão, determinação.

O conhecido é a ação da vontade, e a vontade em operação é a continuação do conhecido; assim, a ação da vontade não tem possibilidade de esvaziar a mente. A mente vazia não pode ser comprada no altar da exigência; isso vem quando o pensamento está atento às suas próprias atividades – e não o pensador estar cônscio do seu pensamento.

Meditação é a inocência do presente e, portanto, é sempre só. A mente totalmente só, não tocada pelo pensamento, cessa de acumular. Assim, o esvaziar da mente está sempre no presente. Para a mente que está só, o futuro – que é o passado – cessa. Meditação é um movimento, não uma conclusão, não um fim a ser alcançado.

A floresta era muito grande e com pinheiros, carvalhos, arbustos e sequóias. Havia um pequeno riacho que ia declive abaixo fazendo um constante murmúrio. Havia borboletas, pequenas, azuis e amarelas, que pareciam não achar nenhuma flor para pousar, ao sabor do vento em direção ao vale, lá embaixo.

Essa floresta era muito velha, e as sequóias mais velhas ainda. Elas eram árvores enormes, muito altas, e havia aquela peculiar atmosfera que vem quando o homem está ausente – com suas armas, seu tagarelar e sua exibição de conhecimento. Não havia caminho pela floresta. Você tinha que deixar o carro a alguma distância e caminhar por uma trilha coberta de folhas de pinheiro.

Havia um gaio avisando a todos da aproximação humana. O aviso produziu efeito, porque todo movimento animal pareceu parar e havia aquele sentimento da intensidade do observar. Era difícil para o sol penetrar ali, e havia uma imobilidade que quase se podia apalpar.

Dois esquilos vermelhos, de caudas longas e felpudas, desceram pelo pinheiro, a tagarelar, suas garras fazendo barulho de arranhar. Perseguiam um ao outro, rodopiando pelo tronco, para cima e para baixo, numa fúria de prazer e deleite. Havia uma tensão – um acorde de jogo, sexo e diversão. Estavam realmente se divertindo. O de cima parava de repente e observava o de baixo, que ainda estava em movimento, e então o de baixo também parava, e os dois ficavam olhando um para o outro, com as caudas erguidas, e os focinhos a mexer-se, apontados um para o outro. Seus olhos agudos absorviam um ao outro e também o movimento ao redor deles. Eles tinham repreendido o observador, sentado em baixo da árvore, mas agora o tinham esquecido; estavam atentos um para o outro, e você podia quase sentir o deleite completo que eles tinham na companhia um do outro. Seu ninho devia ser bem no alto; depois se cansaram, um correu para o alto da árvore e o outro pelo chão, desaparecendo atrás de outra árvore.

O gaio azul, vivo e curioso, estivera a observá-los e ao homem sentado embaixo da árvore; e ele também voou, gritando bem alto.

Havia nuvens chegando e provavelmente em uma ou duas horas haveria uma tempestade.

Ela era uma analista diplomada, e trabalhava numa grande clínica. Era bem jovem, com um vestido moderno, de saia acima dos joelhos; parecia muito intensa e você podia ver que ela estava muito perturbada. À mesa, ela era desnecessariamente falante, expressando fortemente o que pensava sobre as coisas, e parecia que nunca olhava pela janela, as flores, a brisa entre as folhas e o alto e pesado eucalipto suavemente oscilando ao vento. Comia ao acaso, não particularmente interessada no que estava comendo.

Na pequena sala contígua, ela disse: "Nós, analistas, ajudamos os doentes a ajustar-se a uma sociedade mais doente ainda e, às vezes, talvez muito raramente, com sucesso. Mas, de fato, qualquer sucesso é obra da própria natureza. Já analisei muitas pessoas. Não gosto do que estou fazendo, mas tenho de ganhar a vida, e há tanta gente doente. Não acredito que seja possível ajudá-los muito, embora naturalmente estejamos sempre a experimentar novas drogas, substâncias químicas, e novas teorias. Mas, deixando de lado os doentes, eu própria estou me esforçando para ser diferente da média das pessoas comuns".

Você não está, no seu próprio esforço para ser diferente, sendo igual aos outros? E por que todo esse esforço?

"Mas, se não me esforço, luto, serei exatamente como a dona de casa comum, burguesa. Eu quero ser diferente e por isso é que não quero casar. Porém, sou realmente muito só e minha solidão me empurrou para esse trabalho."

Assim, a solidão está gradualmente levando-a ao suicídio, não está?

Ela concordou com a cabeça. Estava quase em lágrimas.

Todo movimento da consciência não a está levando ao isolamento, ao medo, e a esse incessante esforço para ser diferente? Tudo isso faz parte desse impulso para o preenchimento, para identificar-se com alguma coisa, ou identificar-se com o que se é. A maioria dos analistas tem seus professores, de acordo com as respectivas teorias

e escolas estabelecidas, de acordo com as quais eles próprios operam, meramente modificando-as e acrescentando alguma nova alteração.

"Eu pertenço à nova escola; nossa abordagem é sem o símbolo, encarando a realidade de fato. Abandonamos os mestres anteriores com seus símbolos; vemos o ser humano tal como é. Mas tudo isso é algo que está também se tornando uma nova escola, e não estou aqui para conversar sobre os vários tipos de escolas, teorias e mestres, mas, sim, para falar sobre mim mesma. Não sei o que fazer."

Você não está tão doente como os pacientes que você está tentando curar? Você não faz parte da sociedade – que talvez seja mais confusa e mais doente do que você? Assim, a questão é mais profunda, não é?

Você é o resultado desse enorme peso da sociedade, com sua cultura e suas religiões, e isso a está impulsionando, tanto economica como interiormente. Ou você tem de fazer as pazes com a sociedade, que é aceitar os seus males, e viver com eles, ou refutá-la totalmente e descobrir uma nova maneira de viver. Mas você não pode encontrar a nova maneira sem abandonar a velha.

O que você realmente quer é segurança, não é? Essa é a inteira busca do pensamento – ser diferente, ser mais esperto, mais afiado, mais engenhoso. Nesse processo você está tentando achar uma profunda segurança, não é? Mas essa coisa existe de fato? Segurança nega a ordem. Não há segurança nenhuma no relacionamento, na crença, na ação, e porque a pessoa a está procurando é que se cria desordem. Segurança gera desordem, e quando você encara a crescente desordem em você mesma, você quer acabar com ela.

Na área da consciência, com suas fronteiras, amplas ou estreitas, o pensamento está sempre à procura de um lugar seguro. Assim, o pensamento está criando desordem; ordem não é produto do pensamento. Quando finda a desordem, há ordem. O amor não se encontra dentro das regiões do pensamento. Como a beleza, ele não pode ser tocado pelo pincel. A pessoa tem que abandonar toda a desordem que existe em si mesma.

Ela ficou muito silenciosa, recolhida em si mesma. Era difícil para ela controlar as lágrimas que lhe desciam pela face.

4. PURGAR-SE DO PASSADO, DO FUTURO E DO PRESENTE

O sono é tão importante como estar acordado, talvez mais ainda. Se durante o dia a mente está vigilante, recolhida em si mesma, observando o movimento interior e exterior da vida, então, à noite, a meditação virá como uma bênção. A mente desperta e, das profundezas do silêncio, há o encantamento da meditação que nenhuma imaginação ou vôo da fantasia jamais pode produzir. Ela acontece sem que a mente a convide: nasce da tranqüilidade da consciência – não dentro dela, mas fora dela; não na periferia do pensamento, mas além do alcance do pensamento. Assim, não há memória dela, porque lembrança é sempre do passado, e meditação não é ressurreição do passado. Ela acontece a partir da plenitude do coração, e não do brilho e da capacidade intelectual. Ela pode acontecer noite após noite, mas, cada vez, se você é assim abençoado, ela é nova – não nova por ser diferente do velho, porém nova sem o *background* do velho, nova em sua diversidade e mudança sem-mudança. Assim, o sono torna-se uma coisa de extraordinária importância; não o sono da exaustão ou o sono provocado por meio de drogas ou pela satisfação física, porém um sono que é tão leve e ligeiro quanto o corpo é sensível. E o corpo se torna sensível ao estar alerta. Às vezes, a meditação é tão leve como a brisa que passa; outras vezes, sua profundeza está além de todas as medidas. Mas, se a mente se

prende a uma ou a outra como uma lembrança para se deliciar, então o êxtase da meditação chega a um fim. É importante nunca possuir ou desejar possuir. A qualidade da possessividade nunca deve entrar na meditação, porque a meditação não tem raiz, nem substância alguma que a mente possa reter.

Outro dia, ao subirmos o profundo desfiladeiro que se encontrava na sombra, com as montanhas áridas de ambos os lados, havia muitos pássaros, insetos e a tranqüila atividade dos animais pequenos. Ao subir mais e mais o suave aclive até alcançar uma grande altitude, viam-se todos os montes e montanhas circundantes com a luz do sol poente sobre eles. Era como se eles fossem iluminados de dentro por uma luz que nunca se extinguiria. Mas, enquanto se observava, a luz desvanecia, e no oeste a estrela vespertina foi-se tornando mais e mais brilhante. Era uma tarde adorável e, de alguma forma, você sentia que o universo inteiro estava ali, a seu lado, e uma estranha quietude o envolvia.

Não temos luz dentro de nós mesmos: temos a luz artificial dos outros; a luz do conhecimento, a luz que o talento e a capacidade dão. Todo esse tipo de luz empalidece e se torna uma dor. A luz do pensamento torna-se sua própria sombra. Mas a luz que nunca desvanece, o profundo e interno brilho que não é uma coisa do mercado, não pode ser mostrada para os outros. Você não pode buscá-la, você não pode cultivá-la, você não tem possibilidade de imaginá-la ou especular sobre ela, pois ela não se acha ao alcance da mente.

Ele era um monge de certo renome, tendo vivido num mosteiro e também fora dele, sozinho, buscando. Era profundamente sério.

"As coisas que você fala sobre meditação parecem verdadeiras; mas parece inalcançável. Isso significa que não deve haver nenhum buscar, nenhum desejar, nenhum gesto de nenhum tipo para alcançá-la, seja o gesto deliberado de sentar-se numa postura especial, seja assumindo uma atitude perante a vida ou perante si mesmo, não é? Assim, o que se vai fazer? Qual o sentido de quaisquer palavras, afinal?"

Você busca a partir do vazio, busca algo fora tanto para preencher esse vazio como para escapar dele. Esse movimento para fora, a partir da pobreza interior, é conceitual, especulativo, dualístico. Isso é conflito, e é sem fim. Assim, não busque fora! Mas a energia que estava se dirigindo para fora volta-se, do buscar fora, para o buscar dentro; e fica a buscar e procurar, pedindo alguma coisa que agora ela chama de "dentro". Os dois movimentos são essencialmente o mesmo. Ambos devem chegar a um fim.

"Você está nos pedindo para simplesmente nos contentarmos com esse vazio?"

Certamente não.

"Assim, o vazio permanece, e uma espécie de desespero acomodado. O desespero é maior ainda, se a pessoa nem mesmo busca!"

É desespero se você vê a verdade que o movimento para fora e para dentro não tem sentido? É isso contentamento com o que é? É isso aceitação desse vazio? Não é nada disso. Assim: você dissipou o ir para fora, e o vir para dentro, o aceitar. Você negou todo movimento da mente que se vê frente a frente com o vazio. Então a própria mente está vazia, porque o movimento é ela própria. A mente está vazia de todo movimento e, portanto, não existe entidade alguma para iniciar qualquer movimento. Deixe-a permanecer vazia. Deixe-a ser vazia. A mente se purgou do passado, do futuro e do presente. Purgou-se do vir a ser, e vir a ser é tempo. Assim, não há tempo; não há medida. Então, isso é o vazio?

"Esse estado vem e vai freqüentemente. Ainda que não seja o vazio, certamente não é o êxtase de que você fala."

Esqueça o que foi dito. Esqueça também que o estado vem e vai. Quando ele vem e vai, ele é do tempo; existe então o observador que diz: "Ele está aqui – ele se foi". Esse observador é a pessoa que mede, compara, avalia; assim, não é o vazio de que estamos falando.

"Você está me anestesiando?" – e ele riu.

Quando não há medida nem tempo, existe algum limite ou contorno para o vazio? Então você pode, alguma vez, chamá-lo vazio ou nada? Então, todas as coisas estão nele, e nada está nele.

5. VOCÊ DEVE VER TODA ESTA CONFUSÃO MUITO CLARAMENTE

Havia chovido bastante durante a noite e, agora, de manhã cedo, ao levantar-nos, havia um cheiro forte de sumagre, sálvia e terra úmida. Era terra vermelha, e terra vermelha parece dar um cheiro mais intenso do que terra marrom. Agora o sol estava nas colinas com aquela extraordinária cor marrom-avermelhada, e cada árvore e arbusto estava brilhando, bem lavados e limpos pela chuva da noite passada, e tudo estava repleto de alegria. Não havia chovido durante seis ou oito meses e pode-se imaginar o quanto a terra estava se deliciando, e não só a terra, mas tudo nela – as árvores enormes, os eucaliptos altos, as pimenteiras e os carvalhos. Os pássaros pareciam ter um canto diferente naquela manhã e, enquanto eram observadas as colinas e as distantes montanhas azuis, ficava-se, de alguma forma, perdido nelas. Você não existia, nem as pessoas a sua volta. Havia apenas essa beleza, essa imensidão, só existia a terra, estendendo-se e alargando-se. Naquela manhã, daquelas colinas que se prolongavam por quilômetros e quilômetros, vinha uma tranqüilidade ao encontro de nossa própria quietude. Era como a terra e o céu se encontrando – e o êxtase era uma bênção.

Na tarde daquele mesmo dia, ao subir o desfiladeiro a caminho dos morros, a terra vermelha cedia sob nossos pés, úmida, mole e cheia de promessas. Subimos vários quilômetros pela íngreme encosta

e depois, subitamente, começamos a descer. Ao dobrarmos uma volta do caminho, nós nos deparamos com aquele silêncio completo que já começara a descer sobre nós e, ao entrarmos no vale profundo, ele se tornou mais penetrante, mais premente, mais insistente. Não existia pensamento; só aquele silêncio. À medida que descíamos, ele parecia cobrir toda a terra e era espantoso como todos os pássaros e todas as árvores ficavam quietos. Não havia qualquer brisa entre as árvores e, na escuridão, elas se recolhiam em sua solidão. É estranho como durante o dia elas nos acolhem, e agora, com suas formas fantásticas, estavam tão distantes, indiferentes e retraídas. Três caçadores passaram por nós, com seus possantes arcos e flechas, lanternas elétricas presas por correias à testa. Eles saíam para matar aves noturnas e pareciam estar totalmente impermeáveis à beleza e ao silêncio que os rodeavam. Matar era o seu único intento, e todas as coisas pareciam olhá-los, horrorizadas e cheias de piedade.

Naquela manhã, um grupo de jovens chegou à casa. Havia cerca de trinta estudantes de várias universidades. Criados nesse clima, eram fortes, bem nutridos, altos e cheios de entusiasmo. Só um ou dois deles sentaram-se em cadeiras; a maioria se acomodou no chão, e as moças – de minissaias – sentaram-se desconfortavelmente. Um dos rapazes começou a falar, com os lábios trêmulos e a cabeça baixa.

"Quero viver um tipo de vida diferente. Não quero ficar aprisionado em sexo, drogas, nem nessa correria. Quero viver fora deste mundo e, todavia, estou preso a ele. Eu faço sexo, e no dia seguinte estou totalmente deprimido. Sei que quero viver pacificamente, com amor no meu coração, mas sou dilacerado por meus impulsos, pela força da sociedade em que vivo. Quero obedecer a esses impulsos e, no entanto, eu me revolto contra eles. Quero viver no alto da montanha, mas estou sempre descendo ao vale, porque minha vida está lá. Não sei o que fazer. Estou ficando cheio disso tudo. Meus pais não podem me ajudar e nem mesmo os professores com quem às vezes tento conversar sobre esses assuntos. Eles estão tão confusos e aflitos como eu, de fato mais do que eu, porque são muito mais velhos."

O importante é nunca chegar a qualquer conclusão, ou a alguma decisão pró ou contra o sexo, nunca se deixar enredar em ideologias conceituais. Vamos olhar para todo o quadro de nossa existência. O monge fez voto de celibato porque pensa que, para ganhar o seu céu, deve evitar todo contato com uma mulher; mas, pelo resto de sua vida ele fica lutando contra suas próprias exigências físicas: ele está em conflito com o céu e a terra, passa o resto dos seus dias na escuridão, em busca da luz. Cada um de nós está preso nessa batalha psicológica, tal como o monge, consumido pelo desejo e tentando reprimi-lo em troca da promessa do paraíso. Nós temos um corpo físico, e ele tem suas exigências. Essas exigências são estimuladas e influenciadas pela sociedade em que vivemos, pelos anúncios, pelas moças seminuas, pela insistência no divertimento, na distração, no entretenimento, e pela moralidade da sociedade, a moralidade da ordem social, que é desordem e imoralidade. Somos fisicamente estimulados – comida mais farta e mais saborosa, bebida, televisão. O todo da existência moderna focaliza a nossa atenção no sexo. Você é estimulado de todas as maneiras – pelos livros, pelas conversas, e por uma sociedade totalmente permissiva. Tudo isso nos cerca; não adianta simplesmente fechar seus olhos para isso. Você tem que ver todo esse modo de vida com suas crenças absurdas e divisões, e a total falta de sentido de passar a vida em um escritório ou em uma fábrica. E, no fim de tudo isso, existe a morte. Você deve ver toda essa confusão muito claramente.

Agora, olhe por aquela janela e veja aquelas maravilhosas montanhas, lavadas e renovadas pela chuva da noite passada, e aquela extraordinária luz da Califórnia, que não existe em nenhum outro lugar. Veja a beleza da luz naquelas colinas. Você pode cheirar o ar puro e o frescor da terra. Quanto mais suscetível você estiver a isso, quanto mais sensível você estiver a essa imensa e incrível luz e beleza, quanto mais você ficar com ela, tanto mais se intensifica a sua percepção. Isso também é sensual, como olhar uma moça. Você não pode responder com os seus sentidos a esta montanha e, depois, desligá-los ao ver uma moça; dessa maneira você divide a vida, e nesta divisão existe sofrimento e conflito. Quando você divide o alto da

montanha do vale, você está em conflito. Isso não significa que você evita o conflito, ou escapa dele, ou fica tão perdido no sexo ou em algum outro apetite de tal maneira que você se desliga do conflito. O entendimento do conflito não significa que você vegeta ou se torna igual a uma vaca.

Entender tudo isso é não ficar preso nisso, não é depender disso. Significa nunca negar coisa alguma, nunca chegar à conclusão nenhuma ou alcançar qualquer estado verbal, ideológico, ou princípio de acordo com o qual você tenta viver. A própria percepção de todo esse mapa que está se revelando já é inteligência. É essa inteligência que irá atuar, e não uma conclusão, uma decisão ou princípio ideológico.

Nossos corpos se tornaram embotados, tal como nossas mentes e nossos corações ficaram embotados pela nossa educação, pelo nosso ajustamento ao padrão que a sociedade estabeleceu, e que nega a sensibilidade do coração. Esse padrão nos manda à guerra, destruindo toda nossa beleza, ternura e alegria. A observação de tudo isso, não verbal ou intelectualmente, porém de fato, torna nosso corpo e mente altamente sensíveis. O corpo exigirá o tipo apropriado de alimento. A mente não será aprisionada pelas palavras, pelos símbolos, pelos chavões do pensamento. Então iremos saber como viver no vale e no alto da montanha; não haverá mais divisão ou contradição entre os dois.

EUROPA

1. VER O QUE É

Meditação é um movimento na atenção. A atenção não é uma conquista, pois não é pessoal. Só aparece o elemento pessoal quando existe o observador como centro, de onde ele concentra ou controla a ação; assim, toda conquista é fragmentária e limitada. A atenção não tem fronteiras ou limites para atravessar; atenção é clareza livre de todo pensamento. O pensamento jamais pode levar à clareza, pois tem suas raízes no passado morto; assim, pensar é uma ação no escuro. Dar-se conta disso é estar atento. Dar-se conta não é um método que conduz à atenção; essa atenção está contida no campo do pensamento, podendo, assim, ser controlada ou modificada. Estar cônscio dessa desatenção é atenção. A meditação não é um processo intelectual – o qual ainda se encontra na esfera do pensamento. Meditação é libertar-se do pensamento, e um movimento no êxtase da verdade.

Nevava naquela manhã. Soprava um vento cortante e o movimento sobre as árvores era um grito pela primavera. Naquela luz, os troncos das gigantescas faias e dos olmos tinham aquela qualidade peculiar verde-acinzentado que se encontra nas velhas florestas, onde a terra é fofa e recoberta das folhas do outono. Caminhando entre as árvores, sentíamos a atmosfera da floresta – não das árvores como

unidades separadas, com suas formas e contornos particulares, porém a qualidade total de todas as árvores.

Subitamente, o sol nasceu; e havia uma vasta extensão de céu azul em direção ao leste e um céu escuro e carregado à oeste. Naquele instante de luz brilhante começava a primavera. Na paz tranqüila do dia primaveril, você sentia a beleza da terra e o senso de unidade da terra e de todas as coisas existentes na sua superfície. Não havia separação entre você e a árvore e as nuances das maravilhosas cores da luz cintilando nas folhas do azevinho. Você, o observador, tinha desaparecido e, portanto, a divisão como espaço e tempo tinha chegado a um fim.

Disse que era um homem religioso – não pertencendo a nenhuma crença ou organização em particular – mas ele se sentia religioso. Naturalmente já tinha conversado com muitos guias religiosos e havia se afastado deles todos em desespero sem, entretanto, tornar-se cínico. Ainda assim não havia encontrado a bem-aventurança que buscava. Havia sido professor de uma universidade, mas a abandonou para dedicar-se a uma vida de meditação e investigação.

"Você sabe", ele disse, "estou sempre consciente da fragmentação da vida. Eu próprio sou um fragmento dessa vida – despedaçado, diferente, incessantemente me esforçando para me tornar o todo, uma parte integral deste universo. Tenho tentado encontrar minha própria identidade, pois a sociedade moderna está destruindo toda identidade. Pergunto-me se existe uma saída de toda essa divisão para algum estado que não possa ser dividido, separado."

Dividimos a vida em família e comunidade, família e nação, família e profissão, política e vida religiosa, paz e guerra, ordem e desordem – uma interminável divisão dos opostos. Andamos por esse corredor, tentando estabelecer uma harmonia entre a mente e o coração, tentando manter um equilíbrio entre o amor e a inveja. Conhecemos isso tudo muito bem, e tentamos fazer disso uma espécie de harmonia.

O que faz acontecer essa divisão? Existe, evidentemente, divisão, contraste – preto e branco, homem e mulher, etc. – mas, qual a fonte, a essência dessa fragmentação? A menos que a encontremos, é inevitável a fragmentação. O que você pensa que é a causa básica dessa dualidade?

"Posso apresentar muitas causas dessa aparentemente infindável divisão e muitas maneiras pelas quais se tem tentado lançar uma ponte entre os opostos. Intelectualmente posso expor as razões dessa divisão, mas isso não leva a parte alguma. Tenho feito freqüentemente esse jogo, comigo mesmo e com outros. Venho tentando, através da meditação, do exercício da vontade, sentir a unidade das coisas, ser um com todas as coisas – mas é uma tentativa estéril."

É claro que a mera descoberta da causa da separação não leva necessariamente à sua dissolução. A pessoa conhece a causa do medo e, no entanto, continua a ter medo. A investigação intelectual perde a prontidão da ação quando a perspicácia do pensamento é tudo o que importa. A fragmentação em eu e não-eu é, sem dúvida nenhuma, a causa básica dessa divisão, ainda que o eu tente se identificar com o não-eu, que pode ser a esposa, a família, a comunidade, ou a fórmula de Deus criada pelo pensamento. O eu está sempre se esforçando para achar uma identidade, mas aquilo com que ele se identifica é ainda um conceito, uma memória, uma estrutura de pensamento.

Existe de fato uma dualidade? Objetivamente existe, como luz e sombra, mas, psicologicamente, existe dualidade? Aceitamos a dualidade psicológica, assim como aceitamos a dualidade objetiva; isso faz parte de nosso condicionamento. Nunca questionamos esse condicionamento. Mas, psicologicamente, existe a divisão? Existe apenas o que é, e não o que deveria ser. O que deveria ser é uma divisão feita pelo pensamento, ao evitar ou superar a realidade do que é. Daí a luta entre o real e a abstração. A abstração é o fantasioso, o romântico, o ideal. O que é real é o que é e tudo mais é irreal. É o irreal que produz a fragmentação, e não o real. A dor é real; a ausência de dor é o prazer do pensamento, que produz a divisão entre a dor e o estado de ausência de dor. O pensamento é sempre separativo;

é a divisão de tempo, o espaço entre o observador e a coisa observada. Existe só o que é, e ver o que é, sem o pensamento como observador, é o fim da fragmentação.

O pensamento não é amor; mas o pensamento, como prazer, aprisiona o amor e traz a dor para dentro dessa prisão. Na negação do que não é, fica o que é. Na negação do que não é amor, surge o amor, no qual cessa o eu e o não-eu.

2. A LIBERDADE ESTÁ ALÉM DO PENSAMENTO

Inocência e amplidão são o florescer da meditação. Não há inocência sem espaço. Inocência não é imaturidade. Você pode estar amadurecido fisicamente, mas o vasto espaço que vem com o amor não é possível se a mente não estiver livre das inúmeras marcas da experiência. São essas cicatrizes da experiência que impedem a inocência. Libertar a mente da constante pressão da experiência é meditação.

No momento em que o sol se põe vem uma estranha quietude e o sentimento de que tudo a sua volta chegou a um fim, embora o ônibus, o táxi e o barulho continuem. Esse sentimento de indiferença parece penetrar todo o universo. Você também já o deve ter sentido. Freqüentemente ele chega quando menos se espera; uma estranha imobilidade e paz parece descer do céu e cobrir a terra. É uma bênção, e a beleza da tarde se faz ilimitada. A estrada reluzente, após a chuva, os carros estacionados, o parque vazio, parecem fazer parte disso; e a risada do casal que passa não perturba, de forma alguma, a paz do anoitecer.

As árvores nuas, negras, contra o céu, com seus delicados ramos, aguardavam a primavera que estava logo ali, impaciente para

encontrá-las. Já havia grama nova e as árvores frutíferas estavam floridas. A vida retornava ao campo lentamente; e do alto daquele morro você podia ver a cidade e muitas cúpulas, uma delas mais alta e majestosa do que as outras. Você podia ver os topos nivelados dos pinheiros e a luz do entardecer nas nuvens. Estas pareciam ocupar todo o horizonte, em fileiras sucessivas, acumulando-se contra os montes, nas formas mais fantásticas: castelos como o homem jamais construiu, abismos profundos e picos altaneiros. Todas essas nuvens estavam iluminadas por uma chama vermelho escura, algumas como que incendiadas, não pelo sol, mas interiormente.

Essas nuvens não faziam o espaço; estavam no espaço, que parecia estender-se infinitamente, de eternidade a eternidade.

Num arbusto próximo, cantava um melro. Era a eterna bênção.

Havia três ou quatro homens com suas esposas, e todos nos sentamos no chão. Daquela posição, as janelas eram muito altas para se ver o jardim, ou o muro do outro lado. Eles eram todos profissionais. Um disse que era cientista, outro matemático, outro engenheiro. Eles eram especialistas que nunca ultrapassavam suas fronteiras – como o rio transborda as suas margens, após as grandes chuvas. É o transbordamento que enriquece o solo.

Perguntou o engenheiro: "Você tem falado freqüentemente a respeito do espaço e estamos interessados em saber o que você entende por isso. A ponte cobre o espaço entre duas margens ou entre duas colinas. Espaço é formado por uma represa cheia d'água. Há espaço entre nós e o universo em expansão. Há espaço entre você e eu. É isso o que você quer dizer?"

Os outros corroboraram a pergunta; deviam ter conversado previamente sobre o assunto. Disse um deles: "Eu formularia esta pergunta de forma diferente, em termos mais científicos, mas o resultado seria mais ou menos o mesmo".

Há o espaço que divide e que fecha, e o espaço que é ilimitado. O espaço entre um homem e outro, no qual cresce a malícia, é o limitado espaço da separação; há divisão entre você, como você é, e

a imagem que você tem de si mesmo; há a divisão entre você e sua esposa; há divisão entre o que você é e o ideal do que você deveria ser; há a divisão entre um monte e outro monte. E há a beleza do espaço sem o limite do tempo e da linha que separa.

Há espaço entre um pensamento e outro? Entre lembranças? Entre ações? Ou não existe espaço algum entre um pensamento e outro pensamento, entre um raciocínio e outro raciocínio, entre a saúde e a doença, entre a causa que se torna efeito, e o efeito que se torna causa?

Se houvesse intervalo entre um pensamento e outro pensamento, o pensamento seria sempre novo, mas como nenhum intervalo, nenhum espaço existe, todo pensamento é velho. Você pode não ter consciência da continuidade de um pensamento; você pode retomá-lo uma semana depois de o ter largado, mas ele esteve trabalhando dentro dos velhos limites.

Assim, a totalidade da consciência, tanto o consciente quanto o inconsciente – que é uma palavra infeliz que temos de usar – está encerrada no estreito e limitado espaço da tradição, da cultura, do costume e da lembrança. A tecnologia poderá levar-nos à lua, construir uma ponte em arco sobre um abismo, ou estabelecer uma certa ordem dentro do limitado espaço da sociedade, mas isso novamente gerará desordem.

Espaço existe não somente além das quatro paredes desta sala, mas há também o espaço que a sala cria. Existe o espaço fechado, a esfera que o observador cria em torno de si, através da qual vê a coisa observada, que cria também sua própria esfera.

Quando o observador olha as estrelas, à noite, seu espaço é limitado. Poderá, por meio de um telescópio, alcançar distâncias de muitos milhares de anos-luz, mas é ele quem faz o espaço, e este, portanto, é finito. A medida entre o observador e a coisa observada é o espaço e o tempo necessário para percorrê-lo.

Existe não só o espaço físico, mas também a dimensão psicológica na qual o pensamento se encerra, como ontem, hoje e amanhã. Enquanto existir um observador, o espaço é o estreito pátio de uma prisão, no qual não há nenhuma espécie de liberdade.

"Mas gostaríamos de perguntar se você está tentando transmitir que há um espaço sem observador. Isso nos parece totalmente impossível; talvez seja uma fantasia sua."

A liberdade, senhor, não se encontra dentro da prisão, por mais confortável e decorada que ela possa ser. Se uma pessoa tem um diálogo com a liberdade, ele não tem possibilidade de existir dentro dos limites da memória, do conhecimento e da experiência. A liberdade exige que se quebrem os muros da prisão, ainda que se ache agradável a limitada desordem, a limitada escravidão, a luta existente em seu interior.

A liberdade não é relativa; ou há liberdade, ou não há. Se não há, temos então de aceitar esta vida estreita e limitada, com seus conflitos, aflições e dores, fazendo apenas ligeiras modificações aqui e ali.

Liberdade é espaço infinito. Quando há falta de espaço, há violência – como no caso do predador ou da ave que reclama seu espaço, seu território, pelo qual está pronta a lutar. A violência poderá ser relativa, por efeito da lei, da polícia, tal como é limitada a violência dos predadores e das aves que exigem um espaço limitado, pelo qual eles vão brigar. Em virtude do limitado espaço existente entre homem e homem, existe necessariamente a agressão.

"Você está tentando nos dizer que o homem estará sempre em conflito consigo mesmo e com o mundo, enquanto estiver fechado na esfera que ele próprio criou?"

Sim, senhor. Chegamos, assim, à questão central da liberdade. Dentro da estreita cultura da sociedade não há liberdade e, por não haver liberdade, há desordem. Vivendo dentro dessa desordem, busca o homem a liberdade em ideologias, em teorias, naquilo a que chama Deus. Essa fuga não é liberdade. É, de novo, o pátio da prisão que separa os homens uns dos outros. Pode o pensamento, que a si próprio impôs esse condicionamento, cessar, quebrar essa estrutura, ir além e acima dela? Não pode, evidentemente. É este o primeiro fator que temos de ver: o intelecto não tem possibilidade de construir uma ponte entre si e a liberdade. O pensamento, que é resposta da memória, da experiência, do conhecimento, é sempre

velho, como o é também o intelecto, e o velho não pode construir uma ponte para o novo. O pensamento é, essencialmente, o observador – com seus preconceitos, temores e ansiedades –, e essa imagem pensante, por causa de seu isolamento, cria naturalmente uma esfera em torno de si mesma. Há, assim, distância entre o observador e a coisa observada. O observador tenta estabelecer um relacionamento, preservando essa distância; e assim, existe conflito e violência.

Não há nisso nenhuma fantasia. Qualquer forma de imaginação destrói a verdade. A liberdade está além do pensamento; significa espaço infinito, não criado pelo observador. Encontrar essa liberdade é meditação.

Não existe espaço sem silêncio; e o silêncio não é criado pelo tempo, como pensamento. O tempo jamais dará liberdade; só é possível a ordem quando o coração não está encoberto por palavras.

3. QUAL É A ESPÉCIE DE TRISTEZA QUE O AFLIGE?

A mente meditativa é silenciosa. Não o silêncio que o pensamento é capaz de conceber; não é o silêncio de uma tarde tranqüila; é o silêncio que vem quando o pensamento – com todas as suas imagens, palavras e percepções – cessou inteiramente. Essa mente meditativa é a mente religiosa – a religião que não é tocada pela igreja, pelos templos ou pelos cânticos.

A mente religiosa é a explosão do amor. É esse amor que não conhece separação. Para ele, longe é perto. Ele não é a unidade ou a multiplicidade, e sim o estado de amor no qual cessam todas as divisões. Como a beleza, não cabe na medida das palavras. É só a partir desse silêncio que a mente meditativa age.

Tinha chovido no dia anterior e à tarde o céu estava cheio de nuvens. Ao longe, as colinas estavam cobertas de nuvens plenas de luz e deleite e, enquanto as observávamos, elas tomavam diferentes formas.

O sol poente, com sua luz dourada, apenas tocava uma ou duas montanhas de nuvens, mas essas nuvens pareciam tão sólidas como os ciprestes escuros. Ao olhar para elas, ficamos naturalmente em silêncio. O vasto espaço e a árvore solitária na colina, a cúpula

distante e a conversa que se desenrolava ao redor de nós – tudo fazia parte desse silêncio. Você sabia que a manhã seguinte seria encantadora, pois o pôr-do-sol tinha sido vermelho. E foi encantadora; não havia uma nuvem no céu, e ele estava muito azul. As flores amarelas, e a árvore toda florida de branco, contra a silhueta escura dos ciprestes, e o cheiro da primavera, preenchiam a terra. O orvalho estava na grama e, lentamente, a primavera emergia da escuridão.

Disse que tinha acabado de perder seu filho, que estava em um ótimo emprego e muito em breve iria se tornar um dos diretores de uma grande empresa. Ainda estava chocado pelo acontecimento, mas tinha um grande controle sobre si mesmo. Ele não era do tipo que chorava – as lágrimas não lhe vinham facilmente. Por toda a sua vida, fora treinado por um trabalho árduo no mundo objetivo da tecnologia. Não era um homem imaginativo e os complexos e sutis problemas psicológicos da vida mal o tinham atingido.

A morte recente de seu filho fora um golpe inadmissível. Ele dizia: "É um triste acontecimento".

Essa tristeza era uma coisa terrível para sua mulher e seus filhos. "Como posso explicar-lhes o findar do sofrimento, de que você tem falado? Eu, por mim mesmo, estudei e talvez seja capaz de compreendê-lo, mas e os outros que estão envolvidos nesse sofrimento?"

O sofrimento está em cada casa, em cada esquina. Todo ser humano tem esse pesar que o engolfa, causado por tantos incidentes e acidentes. O sofrimento parece ser uma onda sem fim, quase o afogando; e a comiseração do sofrimento gera amargura e cinismo.

O sofrimento é pelo seu filho, ou por você mesmo, ou pela quebra de sua própria continuidade através do seu filho? É o sofrimento da autopiedade? Ou é o sofrimento porque ele prometia tanto, no sentido mundano?

Se é autopiedade, então esse interesse egocêntrico, esse fator de isolamento na vida – embora exteriormente possa haver um aparente estado de relação – deve inevitavelmente causar aflição. Esse processo de isolamento, essa atividade egocêntrica na vida de

cada dia, essa ambição, essa busca da própria importância, essa maneira separativa de viver – se a pessoa se dá conta disso ou não – deve trazer solidão, da qual tentamos escapar de tantas e diferentes maneiras. Autopiedade é a dor da solidão, e essa dor se chama sofrimento.

E há, também, o sofrimento da ignorância – não ignorância por falta de livros ou de conhecimentos técnicos, ou por falta de experiência, porém, a ignorância que aceitamos como tempo, como evolução – evolução do que é para o que deveria ser; a ignorância que nos faz aceitar a autoridade com toda sua violência; a ignorância do conformismo, com seus perigos e dores; a ignorância do desconhecimento da inteira estrutura de si mesmo. Esse é o sofrimento que o homem tem espalhado por onde quer que vá.

Assim, devemos ser claros sobre isso que chamamos sofrimento – sofrimento sendo pesar, a perda de um suposto bem, o sofrimento da insegurança e a constante exigência de segurança. O que é isso em que você está preso? A menos que isso esteja claro, não existe fim para o sofrimento.

Essa clareza não é uma explicação verbal, nem é o resultado de uma hábil análise intelectual. Você deve se tornar consciente do que seu sofrimento é com tanta clareza como você fica consciente, sensorialmente, quando você toca aquela flor.

Sem compreender a totalidade do movimento do sofrimento, como você pode terminá-lo? Você pode escapar dele freqüentando o templo ou a igreja, ou se entregando à bebida; mas todas as fugas, não importa se para Deus ou para o sexo, são iguais, pois não resolvem a tristeza.

Assim, você tem de examinar o mapa do sofrimento e traçar cada caminho e cada estrada. Se você precisa de tempo para ver todo o mapa, então o tempo tornará mais forte a brutalidade do sofrimento. Você tem que ver o mapa inteiro num relance – ver primeiro o todo e depois os detalhes, e não primeiro os detalhes e depois o todo. No terminar do sofrimento, o tempo deve chegar ao fim.

O sofrimento não pode terminar pelo pensamento. Quando o tempo pára, o pensamento, como meio para o sofrimento, cessa. São

o pensamento e o tempo que dividem e separam, e o amor não é pensamento ou tempo.

Olhe o mapa do sofrimento, não com os olhos da memória. Escute o inteiro sussurro dele; seja ele, pois você é, ao mesmo tempo, o observador e a coisa observada. Só assim o sofrimento pode acabar. Não há outro meio.

4. NÃO VIVEMOS, ESTAMOS SEMPRE COMETENDO SUICÍDIO

Meditação nunca é oração. A oração, a súplica, nasce da autopiedade. Rezamos quando nos vemos em dificuldades, quando existe sofrimento; mas, na felicidade, na alegria, não há súplicas. Essa autopiedade, tão profundamente arraigada no homem, é a raiz da separação. Aquele que está separado ou se julga separado e que está sempre buscando identificação com alguma coisa que não é separada, só cria mais divisão e dor. A partir dessa confusão a pessoa clama aos céus, ou ao marido, ou a alguma divindade da mente. Esse clamor pode obter uma resposta, mas a resposta é o eco da autopiedade, na sua separação.

A repetição de palavras, de orações, é auto-hipnótica, autoenvolvente e destrutiva. O isolamento do pensamento está sempre dentro da esfera do conhecido, e a resposta à oração é a resposta do conhecido.

A meditação está longe disso. Nesse campo o pensamento não pode entrar; não há separação e, portanto, não há identidade. A meditação funciona às claras; não há lugar para segredo nela. Tudo fica exposto, claro; então, a beleza do amor é.

Era uma manhã de começo de primavera, com uns poucos flocos de nuvens movendo-se mansamente através do céu azul, vindos

do oeste. Um galo começou a cantar, e era estranho ouvi-lo numa cidade populosa. Começou cedo e durante quase duas horas não parou de anunciar a chegada do dia. As árvores ainda estavam nuas, mas havia pequenas folhas, tênues e delicadas, contra o claro céu da manhã.

Estando muito quieto, sem nenhum pensamento faiscando na mente, podia-se ouvir o som profundo do sino de uma catedral. Devia estar muito distante e, nos pequenos silêncios entre os cantos do galo, podia ouvir as ondas desse som vindo na sua direção e indo além – você praticamente embarcava nessas ondas, indo bem longe, desaparecendo em imensidades. O canto do galo e o som profundo do sino distante tinham um estranho efeito. Os barulhos da cidade ainda não haviam começado. Nada havia para interromper a clareza do som. Isso não era ouvido com seus ouvidos, mas com o coração; não com o pensamento, que conhece "o sino" e "o galo"; era puro som. Vinha do silêncio, e seu coração o pegava e ia com ele de eternidade a eternidade. Não era um som organizado, como música; não era o som do silêncio entre duas notas; não era o som que se ouve quando se pára de falar. Todos esses sons são percebidos pela mente ou pelo ouvido. Quando você ouve com o coração, o mundo é preenchido com isso, e seus olhos vêem claramente.

Era uma senhora muito jovem, bem resolvida, de cabelos curtos, muito eficiente e capaz. Do que disse, não tinha ilusões sobre si mesma. Tinha filhos e uma certa qualidade de seriedade. Talvez ela fosse algo romântica, e muito jovem, mas para ela o oriente perdera a sua aura de misticismo – o que afinal era bom. Falava com simplicidade, sem qualquer hesitação.

"Acho que me suicidei há muito tempo, desde que um certo acontecimento ocorreu em minha vida. Com aquele evento minha vida terminou. Claro que eu continuei em atividade, exteriormente, com os filhos e tudo o mais, mas parei de viver."

Você não acha que a maioria das pessoas, sabendo disso ou não, está sempre a cometer suicídio? A maneira extrema de praticá-lo

é saltando de uma janela. Mas o suicídio começa, talvez, com a primeira resistência e frustração. Erguemos uma muralha em torno de nós, atrás da qual levamos nossa vida separada – embora possamos ter maridos, esposas e filhos. Essa vida separativa é vida de suicídio, e essa é a moralidade aceita, da religião e da sociedade. Os atos de separação são uma cadeia contínua e levam à guerra e à autodestruição. Separação é suicídio, seja do indivíduo, seja da comunidade ou da nação. Cada um quer viver uma vida de identidade individual, de atividade egocêntrica, de auto-absorção no sofrimento da conformidade. É suicídio quando a crença e o dogma o seguram pela mão. Antes daquele acontecimento, você investiu sua vida e todo seu movimento em um só ponto, contra todos os outros, e quando esse um morre, ou esse Deus é destruído, sua vida vai com ele, e você não tem mais nada pelo que viver. Se você é terrivelmente esperta, você inventa um significado para a vida – o que os especialistas têm sempre feito – mas, tendo se comprometido com tal significado, você já está cometendo suicídio. Todo compromisso é autodestruição, se em nome de Deus, ou em nome do socialismo ou de outra coisa.

Você – e isto não é dito por crueldade – cessou de existir porque não pôde obter o que queria; ou isso lhe foi tirado, ou você queria passar por uma porta particular, especial, que estava bem fechada. Como o sofrimento e o prazer se isolam neles mesmos, assim, a aceitação e a insistência trazem sua própria escuridão da separação. Nós não vivemos, estamos sempre cometendo suicídio. Viver começa quando o ato de suicídio acaba.

"Entendo o que você quer dizer. Vejo o que eu fiz. Mas, agora, que devo fazer? Como posso voltar desses longos anos de morte?"

Você não pode voltar; se voltasse, você seguiria o velho padrão e o sofrimento iria persegui-la da mesma maneira que uma nuvem é movida pelo vento. A única coisa que você pode fazer é ver que levar a própria vida separadamente, em segredo, exigindo a continuidade do prazer, é convidar à separação da morte. Na separação não há amor. O amor não tem identidade. O prazer e a busca de prazer erguem em torno de nós o muro da separação. Não há morte quando todo o compromisso cessa. O autoconhecimento é a porta aberta.

5. A AÇÃO DO SILÊNCIO

Meditação é o findar da palavra. O silêncio não é suscitado por uma palavra, a palavra sendo pensamento. A ação vinda do silêncio difere totalmente da ação nascida da palavra; meditação é a libertação da mente de todos os símbolos, imagens e lembranças.

Naquela manhã, os altos álamos, com suas folhas novas e tenras, brincavam na brisa. Era uma manhã de primavera e as colinas estavam cobertas de amendoeiras, cerejeiras e macieiras em flor. Toda a terra estava tremendamente viva. Os ciprestes eram imponentes e reservados, mas as árvores floridas se tocavam, ramo com ramo, e as fileiras de álamos projetavam no chão sombras oscilantes. Ao lado da estrada havia um córrego que, mais adiante, tornaria-se o velho rio.

Havia perfume no ar e cada colina era diferente da outra. Em algumas delas havia casas rodeadas de oliveiras, e uma alameda de ciprestes conduzia à casa. A estrada serpenteava através de todas essas suaves colinas.

Era uma manhã cintilante, cheia de intensa beleza, e o carro possante não destoava de tudo. Ali parecia haver uma ordem extraordinária, mas no interior de cada casa havia, decerto, desordem – homem tramando contra o homem, choros e risos de crianças; a

inteira cadeia de aflições estendida, sem ser vista, de casa a casa. Nem primavera, nem outono ou inverno jamais quebraram essa cadeia.

Mas naquela manhã havia um renascimento. Aquelas folhas tenras não conheciam o inverno ou o outono que vinha chegando; eram vulneráveis e, portanto, inocentes.

Da janela podia-se ver a velha cúpula da catedral de mármore listrado e seu campanário colorido; e lá dentro achavam-se os sombrios símbolos do sofrimento e da esperança. Era realmente uma manhã adorável, mas estranhamente havia poucos pássaros, pois aqui as pessoas os matavam por esporte, e seu canto era muito quieto.

Ele era artista – um pintor. Disse que tinha um talento para isso, como outro poderia ter um talento para construir pontes. Tinha longos cabelos, mãos delicadas e vivia encerrado no sonho de seus dons pessoais. Por vezes saía dali – falava, explicava – e logo retornava a sua toca. Ele disse que seus quadros estavam vendendo bem e já realizara várias exposições individuais. Disso se mostrava um tanto orgulhoso, e sua voz o denotava.

Existe o exército, fechado entre os muros de seus próprios interesses; e o homem de negócios encerrado dentro de aço e vidros; e a dona de casa, entregue aos afazeres domésticos, à espera do marido e dos filhos; e o guarda do museu, e o regente de orquestra – cada um vivendo dentro de um fragmento da vida, cada fragmento se tornando extraordinariamente importante, sem relação e em contradição com os outros fragmentos, com suas próprias honras, sua própria dignidade social, seus próprios profetas. O fragmento religioso não está em relação com a fábrica, nem a fábrica com o artista; o general não está em relação com os soldados, e tampouco o sacerdote com o leigo. A sociedade é constituída desses fragmentos. E os fazedores do bem e os reformadores estão sempre tentando colar os cacos quebrados, mas através dessas partes quebradas, separadas, especializadas, o ser humano continua com suas ansiedades, sua culpa e suas apreensões. Nisso todos estamos relacionados – não nas nossas áreas especializadas.

Na avidez, ódio e agressividade em comum, estão relacionados os seres humanos; e essa violência constrói a cultura, a sociedade em que estamos vivendo. São a mente e o coração que dividem – Deus e ódio, amor e violência; na esfera dessa dualidade se expande e se contrai toda a cultura humana.

A unidade do homem não se encontra em nenhuma das estruturas inventadas pela mente humana. A cooperação não faz parte da natureza do intelecto. Entre o amor e o ódio jamais é possível a união, e mesmo assim, é o que a mente está tentando encontrar e estabelecer. A unidade está completamente fora desse campo e o pensamento é incapaz de alcançá-la.

O pensamento construiu essa cultura de agressividade, competição e guerra, e esse mesmo pensamento anda a tatear, em busca da ordem e da paz. Mas o pensamento, o que quer que faça, jamais achará a ordem e a paz. O pensamento deve estar em silêncio, para que exista amor.

6. COMO DEVEMOS AGIR JUNTO À SOCIEDADE?

A mente libertando-se do conhecido é meditação. A oração vai do conhecido para o conhecido, pode produzir resultados, mas é sempre dentro do campo do conhecido; e o conhecido é o conflito, a miséria e a confusão. Meditação é a total negação de tudo o que a mente acumulou. O conhecido é o observador, e o observador só enxerga através do conhecido. A imagem vem do passado, e meditação é o findar do passado.

Era uma sala bastante grande, que dava para um jardim cercado de ciprestes, além do qual havia um mosteiro de telhado vermelho. De manhã bem cedo, antes do sol se levantar, havia luz lá e podia-se ver o movimento dos monges. Era uma manhã muito fria. O vento soprava do norte e o grande eucalipto – elevando-se além de todas as árvores e das casas – oscilava com o vento, muito a contragosto. Gostava das brisas que vinham do mar, porque não eram tão violentas; e ele se deliciava nos leves movimentos de sua própria beleza. Ele estava lá na primeira hora da manhã, e também estava no poente, recebendo a luz do entardecer; de certo modo, ele transmitia a certeza da natureza. Dava confiança a todas as árvores, arbustos e plantinhas. Devia ser uma árvore muito velha. Mas o homem nunca

o olhava. Se necessário, o derrubaria para fazer uma casa e nunca sentiria a sua perda; pois naquele país não se respeitam as árvores, e a natureza pouco importa, a não ser, talvez, como decoração. As vilas magníficas, com seus jardins, tinham árvores que realçavam as graciosas linhas das casas. Mas esse eucalipto não era decorativo para nenhuma casa. Ficava só, esplendidamente quieto e cheio de movimento silencioso; e o mosteiro com seu jardim, e o pátio com seu espaço verde estavam ao alcance de sua sombra. Ali ficava ele, ano após ano, vivendo na sua própria dignidade.

Na sala achavam-se várias pessoas. Elas vieram para prosseguir uma conversação iniciada dias antes. A maioria jovens, alguns com longos cabelos, outros barbudos, com calças muito apertadas, saias muito curtas, lábios pintados e cabelos desgrenhados.

A conversa começou de forma muito leve; eles não estavam bem seguros de si ou para onde iria levar essa conversação. "Naturalmente não podemos seguir a ordem estabelecida", disse um deles, "mas nela nos vemos enredados. Qual a nossa relação com a geração mais velha e suas atividades?"

A mera revolta não é a resposta, é? Revolta é uma reação – uma resposta que trará seu próprio condicionamento. Toda geração é condicionada pela geração passada, e apenas se rebelar contra o condicionamento não liberta a mente que foi condicionada. Qualquer espécie de obediência é também uma resistência que produz violência. A violência entre os estudantes, ou as arruaças urbanas, ou a guerra, esteja longe ou esteja dentro de você mesmo, não trará de modo nenhum a clareza.

"Mas como devemos agir dentro da sociedade a que pertencemos?"

Se você age como um reformador, então estará remendando a sociedade, que está sempre se degenerando e, assim, sustentando um sistema que produziu guerras, divisões e separação. O reformador, com efeito, é um perigo para a mudança fundamental do homem. Você tem que estar fora de todas as comunidades, de

todas as religiões e da moralidade social, senão você será apanhado no mesmo velho padrão, um pouco modificado, talvez.

Você está fora apenas quando cessa de ser invejoso e violento, cessa de adorar o sucesso ou o poder motivador. Estar fora, psicologicamente, só é possível quando você compreende a si mesmo; você que é parte do ambiente, parte da estrutura social que você mesmo construiu – sendo "você" os muitos "vocês" de muitos milhares de anos, as incontáveis gerações que produziram o presente. Ao compreender a si mesmo como ser humano, você descobrirá a sua relação com a geração mais velha.

"Mas, podemos ser livres de nosso forte condicionamento como católicos? Esse condicionamento está tão profundamente arraigado em nós, profundamente enterrado no inconsciente."

Seja a pessoa católica, ou muçulmana, ou hinduísta, ou comunista, a propaganda de cem, duzentos ou cinco mil anos faz parte dessa estrutura verbal das imagens que contribui para a formação de nossa consciência. Somos condicionados pelo que comemos, pelas pressões econômicas, pela cultura e sociedade em que vivemos. Nós somos essa cultura, somos essa sociedade. Meramente se revoltar contra ela é revoltar-se contra nós mesmos. Se você se rebela contra você mesmo, sem saber o que você é, sua revolta é completamente desperdiçada. Mas, perceber, sem condenação, o que você é, esse percebimento traz uma ação inteiramente diferente da ação do reformador ou do revolucionário.

"Mas, senhor, nosso inconsciente é a herança coletiva, racial e, segundo os analistas, deve ser compreendido."

Não vejo por que você dá tal importância ao inconsciente. Ele é tão trivial e vulgar como a mente consciente, e dar-lhe importância só serve para torná-lo mais forte. Se você vê o seu valor real, ele cairá, tal como uma folha no outono. Pensamos que certas coisas são importantes e devemos guardá-las, e que outras podem ser jogadas fora. A guerra produz, com efeito, certas melhorias periféricas, mas a guerra em si é, para o homem, o maior dos desastres. O intelecto de modo nenhum pode resolver nossos problemas humanos. O pensamento tentou de todas as maneiras possíveis superar e

ir além das nossas agonias e ansiedades. O pensamento construiu a igreja, o salvador, o *guru*; o pensamento inventou as nacionalidades; o pensamento dividiu o povo de cada nação em diferentes comunidades e classes, em guerra umas com as outras. O pensamento separou o homem do homem e, tendo trazido anarquia e grande sofrimento, trata agora de inventar uma estrutura capaz de unir os homens. Seja lá o que o pensamento faça, deve, inevitavelmente, criar perigos e ansiedades. Denominar-se italiano, indiano, ou americano é, sem dúvida, insanidade; e isso é obra do pensamento.

"Mas o amor é a resposta para tudo isso, não é?"

Mais uma vez você se perdeu! Você está livre da inveja, da ambição, ou você está meramente empregando a palavra "amor" com o significado que o pensamento lhe deu? Se o pensamento deu um significado a ela, então não é amor. A palavra "amor" não é amor – não importa o que você quer dizer com essa palavra. O pensamento é o passado, a memória, a experiência, o conhecimento, de onde vem a resposta a cada desafio. Assim, essa resposta é sempre inadequada, e daí há o conflito. Pois o pensamento é sempre velho; não pode nunca ser novo. A arte moderna é resposta do pensamento, do intelecto, e, ainda que tenha a pretensão de ser nova, ela é tão velha, embora não tão bela, como as colinas. É toda estrutura construída pelo pensamento – como amor, como Deus, como cultura, como a ideologia comunista – que deve ser totalmente negada para que o novo exista. O novo não pode ajustar-se ao velho padrão. Você está realmente com medo de negar completamente o velho padrão.

"Sim, senhor, temos medo, porque se o negarmos, que restará? Com que vamos substituí-lo?"

Essa pergunta é produto do pensamento, que percebe o perigo e, portanto, tem medo e deseja a garantia de que encontrará alguma coisa para substituir o velho. E, assim, de novo você está preso na rede do pensamento. Mas se, de fato, não verbal ou intelectualmente, você negou essa inteira construção do pensamento, então você poderia talvez encontrar o novo – a nova maneira de viver, de ver, de agir. A negação é a mais positiva das ações. Negar o falso, sem saber o que é o verdadeiro, negar a aparente verdade do falso, e negar

o falso como falso, é a ação instantânea da mente que está livre do pensamento. Ver esta flor com a imagem que o pensamento construiu dela é muito diferente de vê-la sem essa imagem. A relação entre o observador e a flor é a imagem que o observador tem da coisa observada, e desse modo existe uma enorme distância entre ambos.

Quando não há imagem alguma, desaparece o intervalo de tempo.

7. O SILÊNCIO NÃO É UMA EXPERIÊNCIA

A meditação é sempre nova. Não tem a marca do passado, porque não tem continuidade. A palavra "nova" não transmite a qualidade de frescor do que não estava lá antes. É como a chama de uma vela que se apaga e se torna a acender. A chama nova não é a velha, embora a vela seja a mesma. A meditação só tem continuidade quando o pensamento lhe dá cor, forma, propósito. O propósito e o significado dado pelo pensamento à meditação se torna uma escravidão ao tempo. Mas a meditação não tocada pelo pensamento tem seu movimento próprio, que não é do tempo. O tempo implica o velho e o novo, como um movimento que vai das raízes do ontem ao florescimento do amanhã. Mas a meditação é um florescer completamente diferente. Não é produto da experiência de ontem e, portanto, não tem, realmente, raízes no tempo. Ela tem uma continuidade que não é essa do tempo. A palavra "continuidade", aplicada à meditação, é enganadora, pois aquilo que aconteceu ontem não está ocorrendo hoje. A meditação de hoje é um novo despertar, um novo florescer da beleza da bondade.

O carro foi vencendo lentamente o tráfego da grande cidade – com seus ônibus, caminhões, automóveis e todo o barulho que faziam pelas ruas estreitas. Havia intermináveis fileiras de apartamentos

repletos de famílias, lojas e mais lojas, e a cidade se espalhava para todos os lados, devorando a zona rural. Finalmente chegamos ao campo, com seus verdes pastos, e o trigal, e os grandes canteiros de mostarda em flor, de um amarelo muito intenso. O contraste entre o intenso verde e o amarelo era tão notável como o contraste entre o barulho da cidade e a quietude do campo. Estávamos na autoestrada rumo ao norte, que ia subindo e descendo pela região. E havia florestas, riachos e o lindo céu azul.

Era uma manhã de primavera; na floresta encontravam-se grandes áreas cobertas de campânulas e, ao lado da floresta, os pés de mostarda amarela, estendendo-se quase até o horizonte; e depois, o verde trigal que se estendia tão longe quanto os olhos podiam alcançar. A estrada passava por aldeias e cidades, e uma estrada lateral levava a um belo bosque, com folhas novas da primavera e cheiro de terra úmida. Existia aquele peculiar sentimento de primavera, de novidade da vida. Você estava muito próximo da natureza no momento em que se dava conta de ser parte da terra – as árvores, a folha nova e delicada, o riacho que passava. Não era um sentimento romântico, uma sensação imaginativa, mas realmente, você era tudo isso – o céu azul e a terra em expansão.

A estrada nos levou a uma velha casa, por uma alameda de altas faias de folhas novas e viçosas, por entre as quais se via o céu azul. Era uma linda manhã! A faia cor de cobre, embora muito nova, já estava bem alta.

Era um homem alto, corpulento, de mãos muito largas; ele ocupava aquela cadeira enorme. Tinha um rosto bondoso, e estava sempre pronto para rir. É estranho o pouco que rimos. Nossos corações estão por demais oprimidos, embotados pelos desgastes do viver, pela rotina e a monotonia da vida de cada dia. Somos levados a rir por uma anedota ou dito espirituoso, mas em nós mesmos não existe riso; a amargura, que é o fruto maduro do homem, parece ser tão comum. Nunca vemos as águas correntes e rimos com elas. É triste vermos embaçar-se, cada dia mais, a luz dos nossos olhos; as

pressões da agonia e do desespero parecem colorir toda nossa vida com a promessa de esperança e de prazer que o pensamento cultiva.

Ele estava interessado naquela peculiar filosofia da origem e da aceitação do silêncio – que ele provavelmente jamais encontrara. Não se pode comprar silêncio como se compraria um bom queijo. Não se pode cultivá-lo como se cultiva uma delicada planta. Ele não surge por qualquer atividade da mente ou do coração. O silêncio que a música produz, enquanto é escutada, provém daquela música, é por ela provocado. O silêncio não é uma experiência. Só se torna conhecido quando já se foi.

Sente-se uma vez na margem de um rio e olhe para a água. Não se deixe hipnotizar pelo movimento da água, pela luz, pela limpidez e profundidade da corrente. Olhe para ela sem nenhum movimento do pensamento. O silêncio está a sua volta, em você, no rio, e naquelas árvores totalmente imóveis. Você não pode levá-lo para casa, prendê-lo na mente ou na mão, pensando ter alcançado um certo estado maravilhoso. Se pensa que o alcançou, então não é silêncio; é meramente uma memória, um imaginar, uma fuga romântica do barulho da vida diária.

Por causa do silêncio, tudo existe. A música que escutou esta manhã veio a você a partir do silêncio, e você a ouviu porque estava em silêncio, e ela foi além de você no silêncio.

Mas nós não escutamos o silêncio porque nossos ouvidos estão cheios do tagarelar da mente. Quando você ama e não há silêncio, o pensamento faz desse amor um brinquedo da sociedade, cuja cultura é inveja e cujos deuses são fabricados pela mente e pela mão. O silêncio está onde você está, em você e a seu lado.

8. QUE É INTELIGÊNCIA?

Meditação é a culminância de toda energia. Não é para ser ajuntada pouco a pouco, negando isto e aquilo, agarrando uma coisa e segurando outra; ela é, antes, a negação total, sem qualquer escolha, de todo desperdício de energia. A escolha é produto da confusão; e a essência da energia desperdiçada é confusão e conflito. Ver claramente o que é, a qualquer momento, requer atenção de toda energia; nisso não há contradição ou dualidade. Essa energia total não surge por meio da abstinência, por meio de votos de castidade e de pobreza, porquanto toda determinação e ação da vontade é um desperdício de energia, porque o pensamento está envolvido nisso. O pensamento é energia desperdiçada; a percepção nunca é. O ver não é um esforço determinado. Não há "eu quero ver", porém, unicamente, ver. A observação põe à margem o observador, e nisso não há desperdício de energia. O pensador que tenta observar, arruína a energia. O amor não é energia desperdiçada, mas quando o pensamento o converte em prazer, então a dor dissipa energia. A culminância da energia, da meditação, está sempre se expandindo e a ação na vida diária se torna uma parte dela.

Naquela manhã o álamo estava sendo agitado pela brisa vinda do oeste. Cada folha dizia alguma coisa à brisa; cada folha dançava,

irrequieta em sua alegria na manhã de primavera. Era muito cedo. O melro cantava no telhado. Todas as manhãs e todas as tardes, lá estava ele, às vezes muito quieto e a olhar em torno, outras vezes chamando e esperando resposta. Ficava ali vários minutos e depois voava. Seu bico amarelo brilhava à luz da manhã. Assim que ele voou, as nuvens vieram passando por cima do telhado; o horizonte estava preenchido por elas, umas sobre as outras, como se alguém as tivesse arrumado em caprichosa ordem. Moviam-se, e parecia como se toda a terra estivesse sendo carregada por elas – as chaminés, as antenas de televisão e o arranha-céu do outro lado da rua. Assim que passaram, apareceu o céu azul com aquele leve frescor que só a primavera pode trazer. Estava extraordinariamente azul; e, àquela hora da manhã, a rua lá fora estava quase em silêncio. Podia-se ouvir o barulho de sapatos de salto sobre a calçada e o de um caminhão que passava ao longe. Logo começaria o dia. Ao olhar pela janela para o álamo, via-se o universo, a sua beleza.

Ele perguntou: "Que é inteligência? Você fala muito dela e eu gostaria de saber sua opinião sobre isso."

A opinião e o examinar da opinião não são a verdade. Você pode conversar indefinidamente sobre as variedades de opinião, o que têm de certo, o que têm de errado, mas, por melhor e mais razoável que seja, opinião não é a verdade. Opinião está sempre distorcida, colorida pela cultura, pela educação, pelo conhecimento que o indivíduo tem. Por que a mente deveria estar sobrecarregada com opiniões – o que você pensa desta ou daquela pessoa, ou livro, ou idéia? Por que não deveria a mente estar vazia? Só quando está vazia ela pode ver com clareza.

"Mas todos nós andamos cheios de opiniões. Minha opinião sobre o atual líder político se formou pelo que ele tem dito e realizado, e sem ela eu não estaria em condições de votar nele. As opiniões são necessárias à ação, não são?"

As opiniões podem ser cultivadas, aguçadas, consolidadas, e a maioria das ações se baseia no princípio do "gostar" e "não gostar". A consolidação da experiência e do conhecimento se expressa em ações, mas essas ações dividem e separam o homem do homem; são

a opinião e a crença que impedem a observação do que realmente é. O ver o que é faz parte daquela inteligência sobre a qual você está perguntando. Não há inteligência se não há sensibilidade do corpo e da mente – a sensibilidade do sentimento e clareza da observação. A emoção e o sentimentalismo impedem a sensibilidade do sentimento. Ser sensível numa área e insensível noutra leva à contradição e ao conflito, que negam a inteligência. A integração das numerosas partes quebradas num todo não produz a inteligência. Sensibilidade é atenção, que é inteligência. A inteligência não tem nada a ver com o conhecimento ou informação. O conhecimento é sempre o passado; ele pode ser chamado a atuar no presente, mas limita o presente. A inteligência está sempre no presente, e fora do tempo.

9. MORRER PARA O AMANHÃ É VIVER COMPLETAMENTE HOJE

Meditação é libertar a mente de toda desonestidade. O pensamento gera desonestidade. O pensamento, no seu esforço para ser honesto, é comparativo e, portanto, desonesto. Toda comparação é sempre um processo de fuga e, então, gera desonestidade. Honestidade não é o oposto de desonestidade. Honestidade não é um princípio. Não é conformidade a um padrão; mas, sim, é a total percepção do que é. E meditação é o movimento dessa honestidade no silêncio.

O dia começou nublado, sem luminosidade, e as árvores nuas estavam em silêncio na floresta. Através da floresta podia-se ver açafrão, narcisos e pequenos arbustos amarelos e brilhantes. Você olhava para tudo isso à distância e era uma mancha de amarelo em contraste com o gramado verde. Assim que se aproximava, você ficava cego pelo brilho daquele amarelo – que era Deus. Não que você se identificasse com a cor, ou que você se tornasse a expansão que preenchia o universo de amarelo – mas, sim, que não havia você a olhá-la. Só a cor existia, e nada mais – não as vozes a sua volta, não o melro cantando sua melodia da manhã, não as vozes dos que passavam, não o carro barulhento que passava raspando em você na

estrada. Isso existia, nada mais. E a beleza e o amor estavam naquela existência.

Você caminhou para a floresta. Umas poucas gotas de chuva caíram e a floresta estava deserta. A primavera tinha acabado de chegar, mas aqui, no norte, as árvores não tinham folhas. Estavam ainda sombrias pelo inverno, em razão da longa espera pelos dias de sol e tempo ameno. Passou um cavaleiro, com o cavalo todo suado. O cavalo, com sua graça, seu movimento, era mais do que o homem; o homem, com as calças e boné de equitação, as botas reluzentes, era uma figura insignificante. O cavalo tinha classe, mantinha sua cabeça erguida. O homem, embora montado no cavalo, era um estranho para o mundo da natureza, mas o cavalo parecia parte dela – da natureza que o homem estava destruindo lentamente.

As árvores eram grandes – carvalhos, olmos e álamos. Elas se erguiam muito silenciosas. O chão macio, coberto das folhas do inverno. Aqui, a terra parecia muito velha. Viam-se poucos pássaros. O melro chamava a companheira, e o céu clareava.

Na volta, ao anoitecer, o céu estava muito claro e a luz, naquelas árvores gigantescas, era estranha e cheia de movimento silencioso.

A luz é uma coisa extraordinária; quanto mais você a observa, mais ela se torna profunda e vasta; e as árvores eram apanhadas em seu movimento. Era surpreendente; nenhuma tela poderia reproduzir a beleza daquela luz. Era mais do que a luz do sol poente; mais do que a luz que os seus olhos viam. Era como se o amor estivesse na terra. Você via de novo aquela mancha amarela dos pequenos arbustos; a terra rejubilava!

Ela veio com as duas filhas, mas as deixou brincar lá fora. Era uma jovem senhora, muito bonita e muito bem vestida; parecia uma pessoa um tanto impaciente e capacitada. Disse que o marido trabalhava em um tipo de escritório, e a vida ia passando. Tinha uma peculiar tristeza, disfarçada em breves sorrisos. Perguntou: "Que é relacionamento? Estou casada com meu marido há

algum tempo; suponho que nós nos amamos, mas existe algo que faz uma falta terrível."

Você realmente quer entrar nisso profundamente?

"Sim. Vim de muito longe para falar com você sobre isso."

Seu marido trabalha em seu escritório, e você trabalha em sua casa, cada um com suas ambições, frustrações, agonias e temores. Ele deseja tornar-se um alto executivo e tem medo de não o conseguir, que outros lhe tomem a frente. Acha-se encerrado em sua ambição, sua frustração, sua busca de preenchimento, e você na sua. Volta do trabalho cansado, irritado, com medo no seu coração, e traz para casa essa tensão. Você também está cansada após um longo dia com as crianças, e tudo mais. Você e ele tomam uma bebida para acalmar os nervos e caem numa conversa difícil. Depois de alguma conversa vem a comida e, por fim, a inevitável cama. É a isso que chamam relacionamento – cada um vivendo em sua própria atividade egocêntrica e ambos encontrando-se na cama; isso é chamado amor. É claro que existe alguma ternura, um pouco de consideração, um ou dois afagos na cabeça das crianças. E, no fim, a velhice e a morte. Isso é o que se chama viver. E você aceita essa forma de vida.

"Que mais se pode fazer? Nela somos criados, e educados para ela. Precisamos de segurança, de um pouco das coisas boas da vida. Não vejo o que mais se pode fazer."

É o desejo de segurança que nos prende? Ou é o hábito, a aceitação do padrão da sociedade – a idéia de marido, mulher, família. Certamente em tudo isso existe muito pouca felicidade.

"Há alguma felicidade, mas há tanto o que fazer, tantas coisas a atender, tanto o que ler para nos mantermos bem informados. Não há muito tempo para pensar. É claro que não se pode ser realmente feliz, mas a gente vai levando."

Tudo isso é chamado viver em relacionamento – mas, evidentemente, não há relacionamento de espécie alguma. Fisicamente, vocês podem estar juntos por alguns momentos, mas cada um está vivendo em seu próprio mundo de isolamento, criando suas próprias aflições, e não existe um verdadeiro estar juntos, não simplesmente no plano físico, porém num nível muito mais profundo e amplo. Isso

por culpa da sociedade, da cultura em que fomos criados, na qual somos tão facilmente apanhados – não é? Uma sociedade podre, corrompida, imoral, que os seres humanos criaram. Ela é que precisa ser transformada, mas não pode ser transformada a menos que o ser humano que a construiu se transforme.

"Eu talvez compreenda o que você diz e talvez possa mudar, mas e ele? Dá-lhe enorme prazer o lutar, realizar coisas, tornar-se alguém. Ele não mudará e, assim, continuaremos na mesma posição: eu a lutar debilmente por me libertar de minha prisão, ele a fortificar cada vez mais a estreita cela de sua vida. Que sentido tem tudo isso?"

Essa espécie de existência não tem sentido nenhum. Nós fizemos essa vida, a brutalidade diária e a sua feiúra, com raros momentos de deleite; assim, temos que morrer para tudo isso. Você sabe, não existe realmente amanhã. O amanhã foi inventado pelo pensamento, a fim de realizar suas fúteis ambições, seu preenchimento. O pensamento cria os muitos amanhãs, mas, em verdade, não existe amanhã. Morrer para o amanhã é viver completamente hoje. Quando você o faz, o todo da existência se transforma. Pois o amor não é amanhã, amor não é coisa do pensamento, amor não tem passado nem futuro. Quando você vive completamente hoje, há nesse viver uma grande intensidade e, na sua beleza – que não é tocada pela ambição, pelo ciúme ou pelo tempo –, existe relacionamento não só com o homem, mas também com a natureza, com as flores, a terra, os céus. Nele há a intensidade da inocência; o viver, então, tem um significado completamente diferente.

10. POR QUE VOCÊ NÃO COMEÇA PELA OUTRA MARGEM, O LADO QUE VOCÊ NÃO CONHECE?

Você nunca pode se preparar para meditar: a meditação deve acontecer sem que você a busque. Se você a busca, ou pergunta como meditar, então o método não só o condicionará mais, mas também fortalecerá o seu atual condicionamento. A meditação, em verdade, é a negação de toda a estrutura do pensamento. O pensamento é estrutural, razoável ou não, objetivo ou doentio, e quando tenta meditar com base na razão ou a partir de um estado neurótico e contraditório, projetará inevitavelmente o que ele próprio é e tomará, a sério, sua própria estrutura por realidade. É como um crente meditando em sua própria crença; ele fortalece e santifica aquilo que, por medo, ele próprio criou. A palavra é a representação ou a imagem, cuja idolatria se torna um fim.

O som constrói sua própria gaiola, e o barulho que o pensamento faz procede dessa gaiola, e é essa palavra e seu som que separam o observador e a coisa observada. A palavra não é apenas uma unidade da linguagem, não é apenas um som, mas é também um símbolo, uma lembrança de qualquer evento, o qual põe em movimento a memória, o pensamento. Meditação é a total ausência da palavra. A raiz do medo é o mecanismo da palavra.

Era o início da primavera, e no *Bois* era especialmente suave. Havia poucas folhas novas, e o céu não tinha ainda aquele azul intenso que acompanha as delícias da primavera. As folhas dos castanheiros ainda não tinham brotado, mas os primeiros aromas da primavera estavam no ar. Naquela parte do *Bois* quase não se via ninguém e podia-se ouvir os carros que passavam ao longe. Estávamos passeando no começo da manhã, e havia aquela suave pungência do começo da primavera. Ele veio conversando, questionando e perguntando o que deveria fazer.

"Parece uma coisa interminável essa constante análise, esse exame introspectivo, essa vigilância. Já tentei de tudo; todo tipo de *guru*, com barba, sem barba, e muitos sistemas de meditação – você sabe, todos os truques possíveis. E isso deixa a gente vazio."

Por que você não começa pelo outro lado, o lado que você não conhece – pela outra margem, aquela que você não tem possibilidade de ver desta margem? Comece com o desconhecido, ao invés de começar com o conhecido, pois esse constante exame e análise somente fortalece e condiciona ainda mais o conhecido. Se a mente vive a partir do outro lado, então esses problemas não existem.

"Mas, como vou começar pelo outro lado? Eu não o conheço, não posso vê-lo."

Quando você pergunta – como vou começar pelo outro lado? –, está ainda perguntando a partir deste lado. Portanto, não pergunte isso, mas comece pelo outro lado, o lado do qual você não conhece nada, daquela outra dimensão a qual o pensamento, por mais astuto que seja, não pode apreender.

Permaneceu em silêncio por algum tempo, e um faisão macho, que reluzia ao sol, passou voando e desapareceu por baixo de umas moitas. Quando reapareceu, pouco depois, vinha acompanhado de uma meia dúzia de fêmeas quase da mesma cor que as folhas mortas; no meio delas, o grande macho tinha um ar majestoso.

Ele estava tão ocupado que nem notou o faisão e, quando chamamos sua atenção para isso, exclamou: "Que bonito!" – o que

eram meras palavras, porque sua mente estava ocupada com o problema de como começar de um ponto de partida que ele não conhecia. Um lagarto madrugador, comprido e verde, aquecia-se ao sol, sobre uma pedra.

"Não posso ver como vou começar por aquele outro lado. Em verdade, não compreendo essa asserção vaga, essa afirmação que, pelo menos para mim, não tem significado nenhum. Eu só posso ir aonde conheço."

Mas, que é que você conhece? Você só conhece aquilo que já está concluído, acabado. Você só conhece o ontem, e estamos dizendo: comece daquilo que você não conhece, e viva a partir daí. Se você diz: "Como vou viver a partir desse lugar?" – então você está convidando o padrão de ontem. Mas, se você vive com o desconhecido, está vivendo em liberdade, agindo a partir da liberdade, e isso, afinal, é amor. Se você diz: "Eu sei o que é o amor", então não sabe o que ele é. Certamente, o amor não é uma memória, a lembrança de um prazer. Já que não é uma lembrança, então viva com aquilo que você não conhece.

"Eu realmente não sei do que você está falando. Você está tornando o problema ainda pior."

Estou pedindo uma coisa muito simples. Estou dizendo que, quanto mais você revolve, mais você tem para revolver. O próprio revolver é o condicionamento, e cada vez que faz isso você dá um passo que não leva a parte alguma. Você quer que novos passos sejam dados para você, ou você quer dar os seus próprios passos que o levarão a uma dimensão totalmente diferente. Mas se você não sabe o que é aquela dimensão de fato, não especulativamente, então sejam quais forem os passos que você dê ou trilhe, eles só poderão levá-lo àquilo que já é conhecido. Assim, largue tudo isso e comece pelo outro lado. Fique em silêncio, e você vai descobrir.

"Mas eu não sei como ficar em silêncio!"

Aí está você de novo no "como", e não há um fim para o "como". Todo saber está do lado errado. Se você sabe, você já está morto. Ser não é saber.

11. NA LUZ DO SILÊNCIO TODOS OS PROBLEMAS SÃO RESOLVIDOS

Na luz do silêncio, todos os problemas são dissolvidos. Essa luz não nasce do antigo movimento do pensamento. Não nasce, também, do conhecimento introspectivo. Não é acesa pelo tempo, nem por nenhum ato da vontade. Surge na meditação. Meditação não é um assunto particular; não é uma busca pessoal de prazer; o prazer é sempre separativo e divisor. Na meditação, desaparece a linha divisória entre você e eu; nela, a luz do silêncio destrói o conhecimento do eu. O eu pode ser estudado indefinidamente, pois varia de dia para dia, mas seu alcance é sempre limitado, por mais extenso que o pensamento seja. Silêncio é liberdade, e a liberdade vem com a ordem completa.

Era um bosque perto do mar. Os ventos constantes haviam deformado os pinheiros, mantendo-os pequenos, e os galhos se achavam sem folhas. Era primavera, mas a primavera jamais chegaria para esses pinheiros. Ela estava ali, mas muito longe deles, muito longe do vento constante e do ar salgado. Estava ali, florescendo, e cada pedacinho de grama e cada folha exultavam, e cada castanheiro

estava em flores, suas velas acesas pelo sol. As patas com seus patinhos estavam lá, e as tulipas, e os narcisos. Mas aqui estava nu, sem sombras, cada árvore em agonia, deformada, atrofiada, nua. Era muito perto do mar. Este lugar tinha sua própria qualidade de beleza, mas olhava para as matas distantes com silenciosa angústia, porque naquele dia o vento frio soprava muito forte; havia ondas enormes e os fortes ventos dirigiam a primavera mais para o interior. O mar estava enevoado e nuvens muito rápidas cobriam a terra, carregando com elas os canais, as matas e as planícies. Mesmo as pequenas tulipas, tão rentes à terra, eram sacudidas, e sua cor brilhante era uma onda de luz sobre os campos. Os pássaros estavam nas matas, mas não entre os pinheiros. Havia um ou dois melros com seus bicos amarelos brilhantes, e um pombo ou dois. Era uma coisa maravilhosa ver a luz sobre a água.

Era um homem alto e corpulento, de mãos grandes. Devia ser muito rico. Colecionava quadros modernos e tinha muito orgulho de sua coleção, considerada muito boa pelos críticos. Ao dizer isso, via-se a luz do orgulho em seus olhos. Ele tinha um cachorro grande, irrequieto e brincalhão; mais vivo do que o dono. Sua vontade era estar lá fora, correndo contra o vento, pelos gramados, entre as dunas, mas sentou obedientemente onde o dono o mandara sentar-se, e logo adormeceu de tédio.

As posses nos possuem mais do que nós as possuímos. O castelo, a casa, os quadros, os livros, o conhecimento, eles se tornam muito mais vitais, muito mais importantes do que o ser humano.

Disse que lera muito e, pelos livros de sua biblioteca, via-se que possuía os mais modernos autores. Falou de misticismo espiritual e da loucura pelas drogas espalhando-se pela terra. Era um homem rico, de sucesso, mas por trás dele estava a superficialidade, o vazio que não pode ser preenchido por livros, por quadros ou pelo conhecimento do ofício.

A tristeza da vida é essa – o vazio que tentamos preencher com todos os truques concebidos pela mente. Mas esse vazio

permanece. Sua tristeza é o esforço vão para possuir. Dessa tentativa vem a dominação e a afirmação do eu, com suas palavras vazias e ricas memórias de coisas que se foram e que nunca mais voltarão. É esse vazio e solidão que o pensamento isolante gera e nutre com o saber que ele criou.

É essa tristeza do esforço vão que está destruindo o homem. Seu pensamento não é tão bom como o computador, e ele conta unicamente com o instrumento do pensamento para resolver os problemas da vida; assim, é destruído por eles. É essa tristeza de uma vida desperdiçada que o homem, talvez, só se torne consciente na hora de sua morte – e aí será tarde demais.

Assim, as posses, o caráter, as realizações, a esposa domesticada, tornam-se terrivelmente importantes e essa tristeza leva o amor embora. Ou você tem uma coisa ou a outra, não pode ter as duas ao mesmo tempo. Uma gera o cinismo e a amargura, que são os únicos frutos do homem; a outra reside muito além de todas as colinas e florestas.

12. NEGAR TODA MORALIDADE É SER MORAL

A imaginação e o pensamento não têm lugar na meditação. Levam à escravidão; a meditação traz a liberdade. O bom e o agradável são duas coisas diferentes; um traz a liberdade, e o outro leva à escravidão do tempo. Meditação é estar liberto do tempo. O tempo é o observador, o experimentador, o pensador, e tempo é pensamento; meditação é ir além e acima das atividades do tempo.

A imaginação está sempre no campo do tempo e, por mais oculta e secreta que seja, ela agirá. Essa ação do pensamento levará inevitavelmente ao conflito e à escravidão ao tempo. Meditar é ser inocente do tempo.

O lago podia ser visto a muitos quilômetros de distância. Chegava-se a ele por estradas cheias de curvas, que percorriam os campos de cereais e florestas de pinheiros. Era uma região muito bem arrumada. As estradas muito limpas, as fazendas eram bem ordenadas, com gado e cavalos, galinhas e porcos . Ia-se através de colinas ondulantes até o lago lá embaixo, e por todo lado havia montanhas cobertas de neve. Estava muito claro e a neve cintilava naquela hora do amanhecer.

Não havia guerras naquele país há muitos séculos, e sentia-se uma grande segurança, a rotina imperturbável da vida diária, trazendo consigo a insensibilidade e a indiferença de uma sociedade estabelecida por um bom governo.

Era uma estrada suave e bem conservada, com largura suficiente para os carros se cruzarem facilmente; e agora, após transpor um morro, estava-se no meio de pomares. Mais adiante, encontramos uma grande plantação de tabaco. Chegando-se perto dela, podia-se sentir o cheiro forte das flores de tabaco amadurecendo.

Naquela manhã, tendo descido de uma grande altitude, começava a fazer calor e o ar estava um tanto pesado. A paz do lugar entrou no seu coração, e você se tornou parte da terra.

Era início da primavera. Havia uma brisa fria vinda do norte e o sol já começava a fazer sombras bem marcadas. O eucalipto alto e grosso balançava-se suavemente de encontro à casa e um melro solitário cantava; podia-se vê-lo do lugar onde se estava sentado. Devia estar se sentindo bem só, pois havia poucos pássaros naquela manhã. Os pardais alinhavam-se sobre o muro do jardim. O jardim não estava bem tratado, o gramado necessitava ser aparado. As crianças vinham brincar ali de tarde, e podia-se ouvir seus gritos e risos. Corriam atrás uns dos outros, por entre as árvores, brincando de esconde-esconde, e suas altas risadas enchiam o ar.

Havia cerca de oito pessoas em volta da mesa no almoço. Um era diretor de cinema, outro, pianista, e havia também um jovem estudante de alguma universidade. Eles falavam de política, e dos tumultos na América, da guerra que parecia continuar e continuar. Havia um fluir fácil de uma conversa sobre nada. O diretor disse, de repente: "Nós, da velha geração, não temos lugar no mundo moderno. Um escritor bem conhecido esteve outro dia falando na universidade – e os estudantes o fizeram em pedaços, ele ficou arrasado. O que dizia não se relacionava com o que os estudantes queriam, ou pensavam, ou exigiam. Estava afirmando suas opiniões, sua importância,

seu modo de vida, e os estudantes não queriam saber de nada disso. Como eu o conheço, sei o que ele sentiu. Ele estava realmente perdido, mas não admitiria isso. Queria ser aceito pela geração mais nova, e eles não iriam receber nada do seu respeitável e tradicional modo de vida – embora, em seus livros, tenha escrito a respeito de uma certa formalização da mudança... Eu, pessoalmente", prosseguiu o diretor, "vejo que não estou em nenhuma relação ou contato com ninguém da geração mais jovem. Sinto que somos hipócritas."

Isso foi dito por um homem que tinha grande número de filmes, bem conhecidos, de vanguarda, em seu nome. Não estava amargurado com isso. Estava apenas colocando um fato, com um sorriso e um dar de ombros. O que era especialmente agradável nele era sua franqueza, com aquele traço de humildade que tantas vezes vai junto com ela.

O pianista era bem jovem. Abandonara sua promissora carreira porque achava que o mundo dos empresários, dos concertos, da publicidade e do dinheiro envolvido nisso era uma desonestidade glorificada. Ele queria viver um tipo de vida diferente, uma vida religiosa.

Ele disse: "É a mesma coisa no mundo inteiro. Acabei de voltar da Índia. Lá, o espaço que separa o velho do novo é talvez maior ainda. Lá, a tradição e a vitalidade do velho são tremendamente fortes, e provavelmente a nova geração será tragada por isso. Mas, pelo menos, haverá uns poucos, eu espero, que irão resistir e iniciar um movimento diferente".

"E eu tenho notado, pois tenho viajado bastante, que as pessoas mais jovens (comparado a elas, eu sou velho) estão se afastando mais e mais da ordem estabelecida. Talvez venham a se perder no mundo das drogas e do misticismo oriental, mas eles têm algo promissor, uma nova vitalidade. Eles rejeitam a igreja, o sacerdote gordo, a sofisticada hierarquia do mundo religioso. Não querem saber de política nem de guerras. Deles, talvez, virá um germe do novo."

O estudante universitário ficara em silêncio todo o tempo, comendo seu espaguete e olhando pela janela; mas estava absorvendo a conversação, como os demais. Era um pouco tímido e, embora

não gostasse de estudar, entrara na universidade e escutara os professores – que não podiam ensinar-lhe apropriadamente. Ele leu muito; gostava da literatura inglesa e da literatura de seu próprio país, e tinha falado disso em outras refeições e em diferentes ocasiões.

Disse: "Embora tenha apenas vinte anos, já estou velho, comparado aos rapazes de quinze anos. Seus cérebros são mais rápidos, mais penetrantes, vêem as coisas mais claramente, vão ao ponto antes que eu. Aqueles rapazes parecem saber muito mais e, comparado com eles, sinto-me velho. Mas estou de pleno acordo com o que você disse. Você se sente hipócrita, dizendo uma coisa e fazendo outra. Isso a gente pode entender nos políticos e nos sacerdotes, mas o que me intriga é – por que deveriam outros fazer parte desse mundo de hipocrisia? Sua moralidade fede, vocês querem guerras".

"De nossa parte, não odiamos nem o negro, nem o mulato, nem os de outras cores. Estamos bem com todos eles. Eu sei disso, pois tenho vivido com eles."

"Mas vocês, a velha geração, criaram esse mundo de distinções raciais e de guerra – e nós não queremos nada disso. Assim, revoltamo-nos. Mas, de novo, essa revolta vira moda e é explorada pelos diferentes políticos e, assim, perdemos nossa repulsa original contra tudo isso. Talvez nós também nos tornemos cidadãos respeitáveis, virtuosos. Mas, agora, odiamos a sua moralidade, e não temos moral nenhuma."

Houve um minuto ou dois de silêncio; o eucalipto estava muito quieto, quase escutando as palavras que aconteciam à roda da mesa. O melro se fora, e igualmente os pardais.

Dissemos: "Bravo, você está perfeitamente certo". Negar toda moralidade é ser moral, porque a moralidade aceita é a moralidade da respeitabilidade, e eu receio que todos desejemos ardentemente ser respeitados – que é ser reconhecidos como bons cidadãos em uma sociedade apodrecida. A respeitabilidade é muito lucrativa, e assegura a você um bom emprego e uma renda fixa. A moralidade aceita, de avidez, inveja e ódio, é o modo de vida da ordem estabelecida.

Quando você nega totalmente tudo isso, não da boca para fora,

mas com o coração, então você é realmente moral. Porque essa moral brota do amor e não de algum motivo de lucro, de sucesso, ou lugar na hierarquia. Esse amor não pode existir se você pertence a uma sociedade em que você quer fama, reconhecimento, uma posição. Como não há amor nisso, sua moralidade é imoralidade. Quando você nega tudo isso do fundo do seu coração, então existe uma virtude envolvida pelo amor.

13. E LÁ, SOBRE AQUELA MESA, ESTAVAM OS NARCISOS

Meditar é transcender o tempo. Tempo é a distância que o pensamento percorre nas suas realizações. Esse viajar é sempre pelo velho caminho, coberto com uma nova capa, novas paisagens, mas sempre a mesma estrada que não leva a parte alguma, a não ser à dor e ao sofrimento.

É somente quando a mente transcende o tempo que a verdade deixa de ser uma abstração. Então, a bem-aventurança não é uma idéia derivada do prazer, porém uma realidade que não é verbal.

Esvaziar a mente do tempo é o silêncio da verdade, e ver isso é ação; assim, não há divisão entre ver e agir. No intervalo entre o ver e o agir nasce o conflito, a aflição e a confusão. Aquilo que não depende do tempo é o que dura para sempre.

Em cada mesa havia narcisos, novos, frescos, diretos do jardim, ainda com o viço da primavera. Sobre uma mesa lateral, viam-se lírios branco-leitosos, com centros amarelo-vivo. Ver aquele branco leitoso e o brilhante amarelo daqueles narcisos era ver o céu azul, sempre expandindo, infinito, silencioso.

Quase todas as mesas estavam ocupadas por pessoas que falavam e riam muito alto. Em uma mesa vizinha, uma senhora alimentava

furtivamente o seu cachorro com os bocados de carne que ela não podia comer. Todos tinham se servido de enormes porções, e não era uma visão agradável aquela gente a comer; talvez seja um costume bárbaro comer publicamente. Do outro lado da sala, um homem havia-se fartado de vinho e de carne, e acendia um enorme charuto; um ar de beatitude apareceu no seu semblante gordo. Sua esposa, igualmente gorda, acendeu um cigarro. Ambos pareciam estar perdidos para o mundo.

E ali estavam aqueles narcisos amarelos, e ninguém parecia se importar. Estavam lá para fins decorativos, sem nenhuma significação; e, olhando-os, o seu esplendoroso amarelo enchia aquela sala barulhenta. A cor tem esse extraordinário efeito sobre os olhos; não era tanto o olho que absorvia a cor, e sim a cor que parecia preencher o seu ser. Você era aquela cor; você não se tornou aquela cor – você era ela, sem identificação ou nome: o anonimato que é inocência. Quando não há anonimato, há violência em todas as suas diferentes formas.

Porém você se esqueceu do mundo, a sala esfumaçada, a crueldade do homem, e a carne vermelha, feia; aqueles formosos narcisos pareciam levá-lo para além de todo tempo.

O amor é assim. Nele não há tempo, espaço ou identidade. É a identidade que gera prazer e dor; é a identidade que traz o ódio e a guerra e constrói um muro em torno das pessoas, em torno de cada um, cada família e comunidade. O homem estende a mão para o outro por cima do muro – mas ele também está enclausurado; moralidade é uma palavra que liga os dois, e assim se torna feia e vã.

O amor não é assim. Ele é como aquele bosque do outro lado da estrada: sempre renovando a si mesmo por estar sempre morrendo. Não existe nele a permanência que o pensamento busca; é um movimento que o pensamento nunca poderá compreender, tocar ou sentir. O sentimento do pensamento e o sentimento do amor são duas coisas diferentes: um leva à escravidão, e o outro ao florescer da bondade. O florescer da bondade não ocorre no âmbito de nenhuma sociedade, nenhuma cultura ou de nenhuma religião, enquanto a escravidão pertence a todas as sociedades, todas as crenças

religiosas, e à fé na diversidade. O amor é anônimo e, portanto, não é violento. O prazer é violento, porque o desejo e a vontade são os fatores que o move. O amor não pode ser gerado pelo pensamento ou por boas obras. A negação do processo total do pensamento se torna a beleza da ação, que é amor. Sem isto, não existe a bem-aventurança da verdade.

E lá, sobre aquela mesa, estavam os narcisos.

14. O PRIMEIRO PASSO É O ÚNICO PASSO

Meditação é o despertar da bem-aventurança; ela é tanto os sentidos quanto o transcender dos sentidos. Ela é sem continuidade, porque não é do tempo. A felicidade e a alegria do relacionamento, a visão de uma nuvem passando sobre a terra, e a luz da primavera nas folhas são os deleites dos olhos e da mente. Esse deleite pode ser cultivado pelo pensamento e o espaço da memória pode lhe dar permanência, mas não constitui a bem-aventurança da meditação, na qual se inclui a intensidade dos sentidos. Os sentidos devem ser penetrantes, não distorcidos pelo pensamento, pela disciplina da conformidade e pela moralidade social. Liberdade dos sentidos não significa indulgência para com eles: a indulgência é o prazer do pensamento. O pensamento é como a fumaça de uma chama, e a bem-aventurança é a chama sem a nuvem de fumaça que traz lágrimas aos olhos. Prazer é uma coisa, e felicidade, outra. Prazer é escravidão ao pensamento, e a felicidade está além e acima do pensamento. O fundamento da meditação é a compreensão do pensamento e do prazer, com sua moralidade e sua disciplina, que dá conforto. A bênção da meditação não pertence ao tempo e à duração; está além de ambos e, portanto, não é mensurável. Seu êxtase não está nos olhos de quem vê, nem é uma experiência do pensador.

O pensamento não pode tocá-lo com suas palavras e seus símbolos e a confusão que ele gera; não é uma palavra que pode enraizar-se no pensamento e ser moldada por ele. Essa bênção vem do completo silêncio.

Era uma manhã adorável, com nuvens passageiras e um céu claro e azul. Tinha chovido e o ar estava limpo. Cada folha era nova e o inverno sombrio acabara; cada folha sabia, no cintilante brilho do sol, que não tinha relação nenhuma com a primavera passada. O sol brilhava através das folhas novas, lançando uma luz verde e suave no caminho molhado que levava, através da floresta, à estrada principal que seguia para a grande cidade.

Havia crianças brincando por ali, mas nunca olhavam o belo dia de primavera. Elas não tinham necessidade de olhar, porque eram a primavera. Seus risos e suas brincadeiras eram parte da árvore, da folha, da flor. Você sentia isso, não imaginava. Era como se as folhas e as flores participassem nos risos, nos gritos, e no balão que passava. Cada folhinha de grama, e o amarelo dente-de-leão, e a tenra folha, tão vulnerável, tudo era parte das crianças, e as crianças eram parte de toda a terra. A linha divisória entre o homem e a natureza desaparecia; mas o homem que passava correndo de carro, e a mulher voltando do mercado não percebiam isso. Provavelmente nunca olhariam para o céu, para a folha tremulante, para o lírio branco. Levavam no coração os seus problemas, e seu coração nunca olhava as crianças ou o luminoso dia de primavera. O lamentável é que eles criavam aquelas crianças e, logo, elas se tornariam "o homem que passa correndo de carro, e a mulher de volta do mercado"; e o mundo seria escuro novamente. Nisso está o sofrimento sem fim. O amor naquela folha ia ser soprado para longe pelos ventos do outono próximo.

Era um homem jovem, com mulher e filhos. Parecia muito estudado, intelectual, hábil no manejo das palavras. Ele era um

tanto magro, e se sentava confortavelmente na poltrona – de pernas cruzadas, mãos entrelaçadas no seu colo, os óculos brilhando com os raios de sol que entravam pela janela. Disse que vivera sempre a buscar, não apenas verdades filosóficas, mas a verdade que estava além da palavra e do sistema.

Suponho que você busca porque está descontente?

"Não. Não estou exatamente descontente. Como todo ser humano, sinto-me insatisfeito, mas não é essa a razão de minha busca. Não é a busca do microscópio ou do telescópio, ou a busca do sacerdote pelo seu Deus. Não posso dizer o que é que estou buscando; não posso pegar isso com as mãos. Parece que eu nasci com isso e, embora feliz no casamento, a busca continua ainda. Não é uma fuga. Eu realmente não sei o que quero encontrar. Conversei sobre o assunto com filósofos astutos e missionários religiosos do oriente, e todos me disseram que continuasse buscando, e nunca deixasse de buscar. Após todos esses anos, isso ainda é uma constante perturbação."

Deve alguém buscar? A busca é sempre de alguma coisa que se acha lá, na outra margem, na distância coberta pelo tempo e a passos largos. O buscar e o achar estão no futuro – lá, logo depois da colina. Esse é o significado essencial do buscar. Existe o presente e a coisa a ser achada no futuro. O presente não é completamente ativo e vivo, e assim, naturalmente, o que está atrás da colina é mais fascinante e tentador. O cientista, se ele tem seus olhos grudados no microscópio, nunca verá a aranha na parede, embora a teia de sua vida não esteja no microscópio, mas na vida do presente.

"Você está dizendo que é inútil buscar; que não há esperança no futuro; que todo o tempo está no presente?"

Toda a vida está no presente, e não na sombra do ontem ou na luminosa esperança do amanhã. Para viver no presente é preciso estar livre do passado e do amanhã. Nada se pode encontrar no amanhã, porque o amanhã é o presente, e o ontem é apenas uma lembrança. Assim, a distância entre o que é para ser encontrado e o que é se torna cada vez maior pela busca – por mais aprazível e confortante que a busca possa ser.

Constantemente buscar o propósito da vida é um dos estranhos escapes do homem. Se ele encontra o que busca, não valerá aquela pedra no caminho. Para viver no presente, a mente não deve estar dividida pela lembrança de ontem ou a brilhante esperança do amanhã: ela não deve ter amanhã, nem ontem. Isso não é uma frase poética, mas um fato real. A poesia e a imaginação não têm nenhum lugar no presente ativo. Não que você negue a beleza, mas o amor é a beleza no presente, que não é para ser encontrada no buscar.

"Eu acho que começo a ver a futilidade dos anos que gastei na busca, nas perguntas que fiz a mim mesmo e aos outros, e a futilidade das respostas."

O fim é o começo, e o começo é o primeiro passo, e o primeiro passo é o único passo.

15. QUANDO O VER É SEM ESCOLHA, SÓ O NOVO EXISTE

Era um homem um tanto direto, cheio de interesse e impulsivo. Ele tinha lido extensivamente, e falava várias línguas. Estivera no oriente e sabia alguma coisa da filosofia indiana, lera os chamados livros sagrados e seguira um ou outro *guru.* E aqui estava agora, na sala pequena que dominava um vale verdejante e sorridente no sol da manhã. Os picos nevados cintilavam e havia nuvens enormes surgindo de trás das montanhas. O dia ia ser muito agradável e, naquela altitude, o ar era muito claro e a luz penetrante. Era começo do verão e ainda estava no ar o frio da primavera. Era um vale tranqüilo, especialmente nessa época do ano, cheio de silêncio, e o som dos sinos das vacas, e o cheiro dos pinheiros e do feno recém-cortado. Havia um monte de crianças brincando e gritando e naquela manhã, bem cedo, havia deleite no ar e a beleza da terra estava em nossos sentidos. Os olhos viam o céu azul e o verde da terra, e havia júbilo.

"Comportar-se é retidão – pelo menos é o que você disse. Eu o tenho ouvido por muitos anos e em diferentes partes do mundo, e compreendi o ensinamento. Não estou tentando colocá-lo em prática na vida, pois então ele se torna um novo padrão, uma nova forma de imitação, aceitação de uma nova fórmula. Vejo o perigo disso. Absorvi muito do que você tem dito, e isso quase se tornou uma

parte de mim. Isso pode impedir a liberdade de ação – sobre a qual você tanto insiste. A vida da gente nunca é livre e espontânea. Tenho de viver minha vida de cada dia, mas estou sempre vigilante, para ver se não estou meramente seguindo algum novo padrão que eu tenha criado para mim mesmo. Assim, parece que vivo uma vida dupla; há a atividade ordinária, família, trabalho, etc., e, por outro lado, há o ensinamento que você vem dando, no qual estou profundamente interessado. Se sigo o ensinamento, então sou o mesmo que qualquer católico que se sujeita a um dogma. Assim, de onde a gente atua na vida diária se a gente vive o ensinamento sem, simplesmente, se sujeitar a ele?"

É necessário colocar de lado tanto o ensinamento como o instrutor e o seguidor que está tentando viver um modo diferente de vida. Só existe aprender: no aprender está o fazer. O aprender não é separado da ação. Se eles são separados, então o aprender é uma idéia ou conjunto de ideais, de acordo com os quais a ação acontece; enquanto aprender é o fazer no qual não existe conflito. Quando isso é compreendido, qual é a questão? O aprender não é uma abstração, uma idéia, mas um real aprender sobre alguma coisa. Você não pode aprender sem fazer; você não pode aprender sobre si mesmo exceto em ação. Não é que você primeiro aprende sobre si mesmo e então age a partir desse conhecimento, pois então essa ação se torna imitativa, conforme o seu conhecimento acumulado.

"Mas, senhor, a todo momento estou sendo desafiado por isso ou por aquilo, e respondo como sempre tenho feito – o que significa freqüentemente que existe conflito. Gostaria de entender a pertinência do que você diz sobre aprender nessas situações da vida de cada dia."

Os desafios são sempre novos, pois, do contrário, não seriam desafios, mas a resposta, que é velha, é inadequada e, portanto, há conflito. Você está perguntando o que há para aprender sobre isso. Há o aprender sobre respostas, como elas surgem, qual seu *background* e condicionamento; assim, há o aprender sobre a inteira estrutura e natureza da resposta. Esse aprender não é uma acumulação de onde você vai responder ao desafio. Aprender é um movimento não ancorado no conhecimento. Se está ancorado, não é

um movimento. A máquina, o computador, estão ancorados. Esta é a diferença básica entre o homem e a máquina. Aprender é estar vigilante, ver. Se você vê com base no conhecimento acumulado, então o ver é limitado e não há coisa nova no ver.

"Você diz que a gente aprende sobre a inteira estrutura da resposta. Isso parece significar que existe um certo volume acumulado do que se aprende. Por outro lado, você diz que o aprender do qual fala é tão fluido que não acumula nada, de jeito nenhum."

Nossa educação é a obtenção de um volume de conhecimentos, e o computador faz isso mais rápido e mais acuradamente. Que necessidade há de tal educação? As máquinas irão encarregar-se da maioria das atividades do homem. Quando você diz, como as pessoas dizem, que aprender é a obtenção de um certo volume de conhecimento, nesse caso, você está negando – não está? – o movimento da vida, que é relacionamento e comportamento. Se o relacionamento e o comportamento se baseiam em experiência e conhecimento prévios, há então verdadeiro relacionamento? A memória, com todas as suas associações, é a base verdadeira para o relacionamento? Memória é imagens e palavras, e quando você baseia seu relacionamento em símbolos, imagens e palavras, pode isso alguma vez produzir o verdadeiro relacionamento?

Como dissemos, a vida é um movimento em relacionamento, e se esse relacionamento ficar acorrentado ao passado, à memória, seu movimento é limitado, e se torna agonizante.

"Entendo muito bem o que você diz, e torno a perguntar: De onde você age? Você não está se contradizendo quando diz que a gente aprende ao observar a inteira estrutura das nossas próprias respostas, e ao mesmo tempo diz que o aprender exclui a acumulação?"

Ver a estrutura é vivo, está se movendo; mas quando esse ver é adicionado à estrutura, então a estrutura se torna muito mais importante que o ver, que é vivo. Nisso não há contradição. O que estamos dizendo é que ver é muito mais importante do que a natureza da estrutura. Quando você dá importância a aprender sobre a estrutura e não a aprender como ver, há então contradição; então ver é uma coisa, e aprender sobre a estrutura é outra coisa.

Você pergunta de que fonte a pessoa age? Se há uma fonte da ação, então é memória, conhecimento, que é o passado. Dissemos que ver é agir; as duas coisas não são separadas. E ver é sempre novo e, assim, agir é sempre novo. Portanto, ver a resposta de cada dia traz à tona o novo, que é o que você chama de espontaneidade. No exato momento da raiva não há reconhecimento do que está acontecendo como raiva. O reconhecimento acontece depois de alguns segundos, como "estar com raiva". Ver essa raiva é um percebimento sem escolha, ou é novamente uma escolha baseada no velho? Se é baseada no velho, então todas as respostas a essa raiva – repressão, controle, indulgência, etc. – são a atividade tradicional. Mas, quando o ver é sem escolha, só o novo existe.

De tudo isso vem um problema interessante: nossa dependência aos desafios para nos manter despertos, para nos arrancar da rotina, da tradição, da ordem estabelecida, seja através do derramamento de sangue, da revolta, ou de outra rebelião.

"É possível para a mente não depender, de forma alguma, de desafios?"

É possível quando a mente está passando por constante mutação, sem lugar de repouso, sem um porto seguro, sem direitos adquiridos ou compromissos. A mente desperta – uma mente que é iluminada –, que necessidade tem ela de qualquer tipo de desafio?

16. A MORTE É O VIVER, O VIVER É A MORTE

Meditação é a ação do silêncio. Nós agimos a partir de opiniões, conclusões e conhecimento, ou a partir de intenções especulativas. Isso resulta inevitavelmente em contradição na ação entre o que é e o que deveria ser ou o que foi. Essa ação, a partir do passado, chamado conhecimento, é mecânica; pode ser capaz de ajustamento e modificação, mas tem suas raízes no passado. E, assim, a sombra do passado sempre encobre o presente. Tal ação no relacionamento é produto da imagem, do símbolo, da conclusão; relacionamento é, então, uma coisa do passado e, assim, é memória, e não uma coisa viva. A partir desse conversar interminável, dessa desordem e contradição, procedem atividades que se dispersam em padrões de cultura, comunidades, instituições sociais e dogmas religiosos. Desse barulho sem fim, a revolução de uma nova ordem social é feita para parecer uma coisa verdadeiramente nova, mas, como vai do conhecido para o conhecido, não é mudança nenhuma. Mudança só é possível quando se nega o conhecido; então, a ação não está de acordo com nenhum padrão, mas vem de uma inteligência que está constantemente se renovando.

Inteligência não é discernimento e julgamento ou avaliação crítica. Inteligência é ver o que é. O que é está constantemente mudando e, quando o ver está ancorado no passado, cessa a inteligência

do ver. Então, quem dita a ação é o peso morto da memória e não a inteligência da percepção. Meditação é ver tudo isso num relance. E, para ver, deve haver silêncio, e desse silêncio existe uma ação que é inteiramente diferente das atividades do pensamento.

Chovera o dia todo e cada folha e cada pétala estavam pingando de tanta água. O riacho engrossara e a água clara se fora; agora era barrenta e corria muito rápido. Só os pardais e os corvos estavam ativos – e os grandes corvos preto-e-brancos. As montanhas estavam escondidas pelas nuvens, e as colinas baixas estavam pouco visíveis. Não havia chovido durante alguns dias e o cheiro da chuva fresca caindo na terra seca era uma delícia. Se você estivesse num país tropical, onde não chove por meses e cada dia é um sol quente e brilhante que tosta a terra, então, quando as primeiras chuvas viessem, você sentiria o cheiro da chuva caindo na terra velha e nua, como um deleite que entra nas profundezas do seu coração. Mas aqui, na Europa, era um tipo diferente de cheiro, mais suave, não tão forte, não tão penetrante. Era como uma brisa leve que logo passa.

No dia seguinte, havia um céu claro e azul de manhã cedo; tinham desaparecido todas as nuvens e havia neve cintilando nos picos das montanhas; nos prados havia capim novo e milhares de flores novas da primavera. Era uma manhã cheia de inexprimível beleza; e o amor estava em cada folhinha de grama.

Era um diretor de cinema bem conhecido e, fato surpreendente, nem um pouco vaidoso, ao contrário, era muito amistoso, com um sorriso fácil. Fizera muitos filmes de sucesso, e outros estavam-no imitando. Como a maioria dos diretores sensíveis, tinha interesse no inconsciente, com sonhos fantásticos, conflitos para serem expressos em filmes. Havia estudado os deuses dos analistas e tinha tomado drogas com propósitos experimentais.

A mente humana está fortemente condicionada pela cultura em que vive – pelas suas tradições, pelas suas condições econômicas, e

principalmente sua propaganda religiosa. A mente se recusa até a exaustão, a tornar-se escrava de um ditador ou da tirania do Estado, ainda assim se submete de boa vontade à tirania da Igreja ou da Mesquita, ou ao mais recente dogma psiquiátrico, o mais na moda. Ela espertamente inventa – vendo tanta miséria sem saída – um novo Espírito Santo ou um novo *Atman*, que logo se torna a imagem a ser adorada.

A mente, que já criou tanta confusão pelo mundo, está basicamente com medo de si própria. Está atenta para a visão materialista da ciência, suas conquistas e seu crescente domínio sobre a mente e, assim, trata de construir uma nova filosofia; as filosofias de ontem dão lugar a novas teorias, mas os problemas básicos do homem continuam não resolvidos.

Em meio a toda essa confusão da guerra, da discórdia e do extremo egoísmo, existe a importante questão da morte. As religiões, tanto as mais velhas como as mais recentes, condicionaram o homem a certos dogmas, esperanças e crenças que lhe dão uma resposta pronta a essa questão; mas o pensamento, o intelecto, não tem resposta para a morte; ela é um fato, um fato que você não pode contornar.

Você tem que morrer para descobrir o que é a morte, mas isso o homem parece não poder fazer, pois ele tem medo de morrer para tudo o que conhece, para suas mais íntimas e arraigadas esperanças e visões.

Não existe realmente amanhã, mas há muitos amanhãs entre o presente da vida e o futuro da morte. Nesse intervalo divisor vive o homem, com medo e ansiedade, mas sempre de olho naquilo que é inevitável. Não quer nem mesmo falar disso e decora o túmulo com todas as coisas que conhece.

Morrer para tudo que a pessoa conhece – não para formas particulares de conhecimento, mas para todo o conhecer – é morrer. Convidar o futuro – a morte – para abranger o todo de hoje é o morrer total; já não há, então, intervalo entre a vida e a morte. Então a morte é o viver, e o viver é morte.

Isso, pelo visto, ninguém está disposto a fazer. Ainda assim, o homem está sempre a buscar o novo; sempre segurando numa das mãos o velho e com a outra tateando no desconhecido, em busca do novo. Assim, existe o inevitável conflito da dualidade – eu e não-eu, observador e coisa observada, o fato e o que deveria ser.

Toda essa confusão cessa completamente quando há o findar do conhecido. Esse findar é morte. A morte não é uma idéia, um símbolo, porém uma realidade terrível, e você não pode escapar dela agarrando-se às coisas de hoje, que são coisas de ontem, nem adorando o símbolo da esperança.

Temos que morrer para a morte; só então nasce a inocência, só então surge o novo sem tempo. O amor é sempre novo, e a lembrança do amor é a sua morte.

17. O AMOR ESTÁ NO COMEÇO E NÃO NO FIM

Era um vasto e luxuriante prado, rodeado de colinas verdes. Naquela manhã ele estava brilhante, cintilando com o orvalho, e os pássaros cantavam ao céu e à terra. Neste prado com tantas flores, havia uma única árvore, majestosa e só. Ela era alta e formosa e, naquela manhã, tinha um significado especial. Fazia uma sombra longa e profunda, e entre a árvore e a sombra existia um extraordinário silêncio. Estavam-se comunicando uma com a outra – a realidade e a irrealidade, o símbolo e o fato. Era, realmente, uma árvore esplêndida, com suas folhas de fim de primavera tremulando na brisa, saudável, ainda não comida pelos vermes; havia grande majestade nela. Não se cobria com as vestes da majestade, mas em si mesma era esplêndida e imponente. Com o anoitecer, iria recolher-se em si mesma, silenciosa e impassível, mesmo que houvesse um vendaval; ao levantar do sol, ela despertava também, e estendia sua bênção luxuriante sobre o prado, sobre as colinas, sobre a terra.

Os gaios azuis estavam cantando e os esquilos estavam muito ativos naquela manhã. A beleza da árvore, na sua solitude, apertava o coração. Não era a beleza do que víamos, sua beleza estava em si mesma. Embora os olhos já tivessem visto muitas outras coisas lindas, não eram os olhos acostumados que viam aquela árvore, sozinha, imensa, plena de maravilhas. Devia ser muito velha, mas nunca

se pensava nela como sendo velha. Sentamos à sua sombra, as costas contra o tronco, sentimos a terra, o poder naquela árvore, sua grande indiferença. Podia-se quase falar com ela e ela nos contava muitas coisas. Mas havia sempre aquele sentimento de ela estar longe, embora tocássemos nela, e sentíssemos a casca áspera, por onde subiam muitas formigas. Nesta manhã sua sombra era bem definida e clara, e parecia estender-se para além das colinas, a outras colinas. Era realmente um lugar de meditação, se soubéssemos meditar. Era muito quieto e, se a mente fosse aguda, clara, também se tornava quieta, não influenciada pelos arredores, uma parte daquela brilhante manhã, com o orvalho ainda na grama e nos juncos. Haveria sempre aquela beleza ali, naquele prado, com aquela árvore.

Era um homem de meia-idade, bem cuidado, arrumado e trajado com bom gosto. Disse ter viajado muito, mas não em algum negócio em particular. O pai lhe deixara um pouco de dinheiro e ele tinha visto um bocado do mundo, não apenas o que está normalmente exposto, mas também aquelas coisas raras nos museus muito ricos. Disse que gostava de música e tocava de vez em quando. Parecia também muito lido. No meio da conversa ele disse: "Há tanta violência, tanta raiva e ódio entre os homens. Parece que perdemos o amor, que não temos nenhuma beleza em nossos corações; provavelmente nunca os tivemos. O amor tem-se tornado um artigo barato e a beleza artificial se tornou mais importante do que a beleza das colinas, das árvores e das flores. A beleza da criança logo se esvai. Tenho pensado sobre o amor e a beleza. Vamos conversar sobre isso se você tem um pouco de tempo".

Estávamos sentados num banco, à beira de um riacho. Atrás de nós estava uma ferrovia e colinas salpicadas de chalés e casas de fazendas.

O amor e a beleza não podem ser separados. Sem amor não há beleza; eles são entrelaçados, inseparáveis. Temos exercitado nossas mentes, nosso intelecto, nossa sagacidade, em tal extensão, com tal destrutividade que eles predominam, violentando o que se pode

chamar de amor. É claro que a palavra não é a coisa real, de forma alguma, assim como a sombra da árvore não é a árvore. Não teremos possibilidade de descobrir o que é esse amor, se não descermos da nossa sagacidade, das alturas da nossa sofisticação intelectual, se não sentirmos a água brilhante e se não estivermos atentos para a grama nova. É possível encontrar esse amor nos museus, na beleza ornamental dos ritos religiosos, no cinema, ou no rosto de uma mulher? Não é importante para nós descobrir, por nós mesmos, o quanto nos alienamos das coisas mais comuns da vida? Não que devamos neuroticamente adorar a natureza, mas, se perdemos o contato com a natureza, isso não é o mesmo que perder o contato com o homem, com nós mesmos? Buscamos a beleza e o amor fora de nós, em pessoas, em posses. Essas coisas se tornam mais importantes que o próprio amor. Posses significam prazer e, porque nos apegamos ao prazer, o amor é banido. A beleza se encontra em nós mesmos, e não necessariamente nas coisas que nos cercam. Quando as coisas que nos cercam se tornam mais importantes e as revestimos de beleza, então a beleza em nós mesmos diminui. Assim, mais e mais, à medida que o mundo se torna mais violento e materialista, os museus e todas aquelas outras posses se tornam as coisas com as quais tentamos cobrir nossa própria nudez e preencher nosso vazio.

"Por que você diz que, quando procuramos a beleza nas pessoas e nas coisas que nos cercam, e quando experimentamos prazer, isso diminui a beleza e o amor dentro de nós?"

Toda dependência cria em nós possessividade, e nós nos tornamos a coisa que possuímos. Eu possuo esta casa – eu sou esta casa. Aquele homem que passa montado a cavalo é o orgulho de sua possessão, embora a beleza e a dignidade do cavalo sejam mais significativas do que o homem. Assim, a dependência da beleza de uma linha, da graciosidade de um rosto, certamente deve diminuir o próprio observador. O que não significa que devemos pôr de lado a beleza de uma linha ou a graciosidade de um rosto; isso quer dizer que quando as coisas fora de nós assumem grande importância, interiormente ficamos empobrecidos.

"Você está dizendo que, se eu respondo àquele rosto gracioso, eu sou pobre interiormente. E ainda, se não respondo àquele rosto ou à linha de um edifício, eu estou isolado e insensível."

Quando existe isolamento deve, precisamente, existir dependência e dependência cria prazer, portanto, medo. Se você não responde nada – ou existe paralisia, indiferença, ou um sentimento de desespero, que surgiu através da impossibilidade de gratificação contínua. Assim, estamos eternamente aprisionados nessa armadilha de desespero e esperança, medo e prazer, amor e ódio. Quando há pobreza interior, há a urgência de preenchê-la. Esse é o poço sem fundo dos opostos, os opostos que preenchem nossas vidas e criam a batalha da vida. Todos esses opostos são idênticos, pois são ramos da mesma raiz. O amor não é produto da dependência, o amor não tem oposto.

"Não existe a feiúra no mundo? E ela não é o oposto da beleza?"

Claro que existe feiúra no mundo, como ódio, violência, etc. Por que você a compara com a beleza, com a não-violência? Nós a comparamos porque temos uma escala de valores, e colocamos o que chamamos beleza no topo, e feiúra no mais baixo. Você não pode olhar a violência sem ser de forma comparativa? E, se você o faz, o que acontece? Você descobre que está lidando somente com fatos, não com opiniões, ou com o que deveria ser, não com medidas. Nós podemos lidar com o que é e agir imediatamente; o que deveria ser se torna uma ideologia e, assim, fantasia e, portanto, inútil. A beleza não é comparável, nem o amor, e quando você diz: "Amo essa pessoa mais do que aquela", então isso cessa de ser amor.

"Voltando ao que eu estava dizendo, sendo sensível a gente responde prontamente e sem complicações ao rosto gracioso, ao belo vaso. Essa resposta não pensada desliza imperceptivelmente para a dependência, o prazer, e todas as complicações que você estava descrevendo. A dependência, portanto, parece-me inevitável."

Existe alguma coisa inevitável – exceto, talvez, a morte?

"Se a dependência não é inevitável, isso significa que eu posso regular minha conduta, que é, portanto, mecânica."

Ver o processo do inevitável é ser não-mecânico. A mente que se recusa a ver o que é, é que se torna mecânica.

"Se vejo o inevitável, continuo sem saber onde e como traçar a linha."

Você não traça a linha, mas ver traz sua própria ação. Quando você diz: "Onde traço a linha?" é a interferência do pensamento, que está com medo de ser pego e quer ser livre. Ver não é esse processo de pensamento; ver é sempre novo, fresco, ativo. Pensar é sempre velho, nunca fresco. Ver e pensar são duas ordens inteiramente diferentes, e esses dois jamais poderão ficar juntos. Assim, o amor e a beleza não têm opostos e não são produtos da pobreza interior. Portanto, o amor está no começo e não no fim.

18. TORNAR-SE BOM É A NEGAÇÃO DA BONDADE

O som dos sinos da igreja vinha pela floresta, através das águas, e por cima do intenso prado. O som era diferente, dependendo se vinha através da floresta, ou sobre o amplo prado ou atravessando o rio rápido e barulhento. O som, como a luz, possui uma qualidade que o silêncio traz; quanto mais profundo o silêncio, mais a beleza do som é ouvida. Naquela tarde, com o sol exatamente sobre as colinas do oeste, era mesmo extraordinário o som daqueles sinos da igreja. Era como se você ouvisse os sinos pela primeira vez. Eles não eram tão velhos como os das antigas catedrais, mas carregavam todo o sentimento daquele anoitecer. Não havia uma nuvem no céu. Era o mais longo dia do ano, e o sol estava se pondo mais ao norte do que jamais se poria.

Raramente escutamos o som do latido de um cão, ou o choro de uma criança, ou a risada de um homem que passa ao lado. Nós nos separamos de todas as coisas e, então, desse isolamento, olhamos e escutamos todas as coisas. É essa separação que é tão destrutiva, pois nela está todo conflito e confusão. Se você ouvisse o som daqueles sinos em completo silêncio, você iria com ele – ou, melhor, o som o carregaria através do vale e acima da colina. A beleza disso só é sentida quando você e o som não estão separados, quando você é parte dele. Meditação é o fim da separação, não pela ação da

vontade ou do desejo, ou pela busca de prazer em coisas ainda não experimentadas.

Meditação não é uma coisa separada da vida; é a própria essência da vida, a própria essência do viver diário. Escutar aqueles sinos, ouvir os risos daquele camponês ao caminhar com a esposa, escutar o som da campainha da bicicleta da menininha ao passar ao lado: é o todo da vida, e não somente um fragmento dela, que a meditação expõe.

"O que, para você, é Deus? No mundo moderno, entre os estudantes, trabalhadores e políticos, Deus está morto. Para os sacerdotes, é uma palavra conveniente que lhes possibilita conservar os seus empregos, seus interesses estabelecidos, físicos e espirituais; e, quanto ao homem comum, não penso que ele se importe muito com isso, exceto ocasionalmente, quando há algum tipo de calamidade, ou quando quer parecer respeitável aos olhos de seus respeitáveis vizinhos. De outro modo, tem muito pouca significação. Assim, fiz esta viagem um tanto longa até aqui para descobrir o que você acredita ou, se você não gosta dessa palavra, para descobrir se Deus existe na sua vida. Estive na Índia, e visitei vários instrutores, com seus discípulos, e todos acreditam ou, mais ou menos, afirmam que existe Deus e apontam o caminho para Ele. Eu gostaria, se me permite, de conversar com você sobre esta questão tão importante que tem perseguido o homem há muitos milhares de anos."

Crença é uma coisa, realidade outra. Uma leva à escravidão e a outra só é possível em liberdade. As duas não têm relacionamento. A crença não pode ser abandonada ou posta de lado a fim de se obter aquela liberdade. Liberdade não é uma recompensa, não é a cenoura na frente do burro. É importante compreender isso, desde o início – a contradição entre a crença e a realidade.

Crença nunca pode conduzir à realidade. Crença é resultado de condicionamento, ou produto do medo, ou resultado de uma certa autoridade externa ou interna, que dá conforto. Realidade não é nada disso. É uma coisa totalmente diferente; não há passagem da crença

para a realidade. O teólogo começa de uma posição fixa. Crê em Deus, num Salvador, ou em Krishna, ou em Cristo, e então tece teorias, conforme seu condicionamento e a sagacidade de sua mente. Ele está, como o teórico comunista, amarrado a um conceito, uma fórmula, e o que ele tece é produto de suas próprias deliberações.

Os descuidados são apanhados nisso, assim como a mosca descuidada é apanhada na teia de aranha. Crença nasce do medo ou da tradição. Dois mil ou dez mil anos de propaganda são a estrutura religiosa de palavras, rituais, dogmas e crenças. A palavra se torna, então, extremamente importante, e a repetição dessa palavra hipnotiza os crédulos. Os crédulos estão sempre dispostos a acreditar, a aceitar, a obedecer, não importa se o que é oferecido é bom ou mau, maléfico ou benéfico. A mente que acredita não é uma mente investigadora e, assim, permanece dentro dos limites da fórmula ou do princípio. É como um animal que, amarrado a uma estaca, só pode se mover dentro dos limites da corda.

"Mas, sem a crença, não temos nada! Eu acredito na bondade; acredito na santidade do matrimônio; acredito na vida futura e no crescimento evolucionário em direção à perfeição. Para mim essas crenças são de imensa importância, pois me mantêm na linha, na moralidade; se você me toma a crença, eu estou perdido."

Ser bom e tornar-se bom são duas coisas diferentes. O florescer da bondade não é tornar-se bom. Tornar-se bom é a negação da bondade. Tornar-se melhor é a negação do que é*;* o melhor corrompe o que é. Ser bom é agora, no presente; tornar-se bom é no futuro, que é uma invenção da mente que está presa à crença, a uma fórmula de comparação e de tempo. Quando há medida, o bom cessa.

O que é importante não é o que você acredita, o que suas fórmulas, princípios, dogmas e opiniões são, mas por que você os tem afinal, por que sua mente está carregada com eles. Eles são essenciais? Se você coloca essa questão para si mesmo, a sério, você descobrirá que eles são resultado do medo ou do hábito de aceitar. É esse medo básico que o impede de estar envolvido com o que realmente é. É esse medo que faz compromissos. Estar envolvido é natural; você está envolvido na vida, em suas atividades; você está na vida,

no inteiro movimento dela. Mas estar comprometido é ação deliberada da mente que funciona e pensa em fragmentos; a pessoa só está comprometida a um fragmento. Você não pode deliberadamente se comprometer com o que você considera o todo, porque essa consideração é parte de um processo de pensamento, e o pensamento é sempre separativo, funciona sempre em fragmentos.

"Sim, você não pode estar comprometido sem nomear aquilo a que você está comprometido, e nomear é limitar."

Essa sua afirmação é meramente uma série de palavras, ou uma verdade de que você se deu conta agora? Se é meramente uma série de palavras, nesse caso é uma crença e, portanto, sem nenhum valor. Se é uma verdade de fato que você agora descobriu, então você está livre e em negação. A negação do falso não é uma afirmação. Toda propaganda é falsa; e o homem tem vivido de propaganda, que vai de sabonete a Deus.

"Você está me encurralando com essa sua percepção. Não é isso também uma forma de propaganda – propagar o que você vê?"

Certamente não. Você mesmo está se encurralando e tendo que encarar as coisas como elas são, sem persuasão e sem ser influenciado. Você está começando a se dar conta, por você mesmo, do que está realmente na sua frente, portanto, você está livre do outro, livre de toda autoridade – da palavra, da pessoa, da idéia. Para ver, a crença não é necessária. Pelo contrário, para ver, é necessário ausência de crença. Você só pode ver quando há um estado negativo, e não no estado positivo de uma crença. Ver é um estado negativo, no qual o que é fica evidente por si mesmo. Crença é uma fórmula de inação que gera hipocrisia, e é contra essa hipocrisia que toda a geração mais nova está lutando e se revoltando. Porém, essa nova geração é apanhada nessa hipocrisia mais tarde na vida. Crença é um perigo que deve ser completamente evitado, se a pessoa vê a verdade do que é. O político, o sacerdote, a pessoa respeitável, funcionarão sempre de acordo com uma fórmula, forçando os outros a viver de acordo com essa fórmula, e os que não pensam, os tolos, ficam sempre cegos pelas suas palavras, suas promessas, suas esperanças. A autoridade da fórmula se torna muito mais importante do que o amor

pelo que é. Portanto autoridade é um mal, seja a autoridade da crença, ou da tradição, ou do costume, que é a chamada moralidade.

"Eu posso ser livre desse medo?"

Certamente você está colocando uma pergunta errada, não está? Você é o medo; você e o medo não são duas coisas separadas. A separação é o medo, que cria a fórmula: "Eu o conquistarei, o eliminarei, escaparei dele". Essa é a tradição, que dá uma falsa esperança de superar o medo. Quando você vê que você é o medo, que você e o medo não são duas coisas separadas, o medo desaparece. Então, as fórmulas e as crenças não são necessárias de forma alguma. Então você vive somente com o que é, e vê a verdade dele.

"Mas, você não respondeu à pergunta sobre Deus, respondeu?"

Vá a qualquer lugar de adoração – Deus está lá? Na pedra, na palavra, no ritual, na sensação de ver alguma coisa muito bem feita? As religiões dividiram Deus em seu e meu, os deuses do oriente e os deuses do ocidente, e cada Deus matou o outro Deus. Onde encontrar Deus? Debaixo de uma folha, no céu, no seu coração, ou ele é meramente uma palavra, um símbolo, representando alguma coisa que não pode ser colocada em palavras? Obviamente você deve pôr de lado o símbolo, o lugar de adoração, a teia de palavras que o homem teceu ao redor de si mesmo. Só depois de ter feito isso, e não antes, você pode começar a investigar se existe, ou não, uma realidade que é imensurável.

"Mas quando você descartou tudo isso, você está completamente perdido, vazio, sozinho – e, nesse estado, como você pode investigar?"

Você está nesse estado porque está sentindo pena de si mesmo, e a autopiedade é uma abominação. Você está nesse estado porque não viu, realmente, que o falso é falso. Quando o vê, isso lhe dá uma tremenda energia e liberdade para ver a verdade como verdade, e não como uma ilusão ou uma fantasia da mente. É essa liberdade que é necessária, de onde se pode ver se existe, ou não, alguma coisa que não pode ser colocada em palavras. Mas não é uma experiência, uma conquista pessoal. Todas as experiências, nesse sentido, produzem uma existência separativa, contraditória. É essa

existência separativa, como o pensador, o observador, que exige outras experiências, e cada vez mais amplas – e o que o observador exige, ele terá, mas não é a verdade.

A verdade não é sua ou minha. O que é seu pode ser organizado, consagrado, explorado. Isso é o que está acontecendo no mundo. Mas a verdade não pode ser organizada. Como a beleza e o amor, a verdade não está no reino das possessões.

19. A VIDA COMEÇA ONDE O PENSAMENTO ACABA

Se você atravessa a pequena cidade com sua única rua de numerosas lojas – a padaria, a loja de fotografia, a livraria, o restaurante ao ar livre – passa por baixo da ponte, pelo alfaiate, sobre outra ponte, passa pela serraria, então entra na floresta, e continua ao lado do riacho olhando para todas as coisas pelas quais você passou, com seus olhos e todos os seus sentidos plenamente despertos, mas sem um único pensamento na sua mente – então saberá o que significa ser sem separação. Você segue aquele riacho por dois ou três quilômetros – novamente sem nenhum movimento do pensamento – olhando para as águas correntes, ouvindo seu barulho, vendo sua cor, o verde-acinzentado do riacho da montanha, olhando as árvores, e o céu azul por entre os galhos, e as folhas verdes – novamente, sem um único pensamento, sem uma única palavra – então saberá o que significa não ter espaço entre você e a folhinha de grama.

Se você segue, atravessa os prados com suas mil flores de todas as cores imagináveis, do vermelho vivo ao amarelo e à púrpura, e a grama verde brilhante, lavada pela chuva da noite anterior, rica e verdejante – novamente, sem um único movimento do mecanismo do pensamento – então você saberá o que é o amor. Olhar para o céu azul, para as nuvens altas e bem desenvolvidas, para

as colinas verdes bem delineadas contra o céu, para o capim viçoso e a flor murchando – olhar sem uma só palavra de ontem; então, quando a mente está completamente quieta, silenciosa, não perturbada por nenhum pensamento, quando o observador está completamente ausente – então existe unidade. Não que você esteja unido com a flor, ou com a nuvem, ou com aquelas colinas arrebatadoras; antes, há um sentimento de completo não-ser, no qual a divisão entre você e o outro cessa. A mulher carregando aquelas provisões que comprou no mercado, o cão pastor grande e preto, as duas crianças brincando com a bola – se você pode olhar tudo isso sem uma palavra, sem uma medida, sem associação alguma, então a disputa entre você e o outro cessa. Esse estado sem a palavra, sem o pensamento, é a expansão da mente que não tem limites, que não tem fronteiras dentro das quais o eu e o não-eu possam existir. Não pense que isso é imaginação, ou algum vôo da fantasia, ou alguma desejada experiência mística; não é. É tão real como a abelha naquela flor ou a menininha em sua bicicleta ou o homem subindo na escada para pintar a casa – todo o conflito da mente, em sua separação, chegou ao fim. Você olha sem o olhar do observador, você olha sem o valor da palavra e a medida de ontem. O olhar do amor é diferente do olhar do pensamento. O olhar do amor leva a uma direção que o pensamento não pode seguir, e o olhar do pensamento leva à separação, conflito e sofrimento. Desse sofrimento você não pode passar ao amor. A distância entre os dois é feita pelo pensamento, e o pensamento não pode, nem a passos largos, alcançar o amor.

Ao caminhar de volta, passando pelas pequenas chácaras, pelo prado e a linha do trem, você verá que o ontem chegou a um fim: a vida começa onde o pensamento acaba.

"Por que é que não posso ser honesta?" – perguntou ela. "Naturalmente, sou desonesta. Não que eu queira ser, mas é algo que escapa de mim. Digo coisas que realmente não penso. Não me refiro à conversação polida, sobre nada – então a gente sabe que está falando apenas por falar. Mas, mesmo quando sou séria, vejo a mim

mesma dizendo coisas, fazendo coisas que são absurdamente desonestas. Já notei isso com meu marido também. Ele diz uma coisa e faz outra completamente diferente. Ele promete, mas você sabe muito bem que, enquanto ele está falando, não fala a sério, realmente; e quando você lhe mostra isso, ele se irrita, às vezes com muita raiva. Ambos sabemos que somos desonestos em muitas coisas. Outro dia ele fez uma promessa a uma pessoa a quem ele respeitava bastante, e aquele homem saiu acreditando em meu marido. Mas meu marido não manteve a palavra e ainda encontrou desculpas para provar que ele estava certo e o outro homem, errado. Você conhece o jogo que fazemos com nós mesmos e com os outros – é parte de nossa estrutura social e de nossos relacionamentos. Às vezes, isso chega a um ponto em que se torna muito feio e profundamente perturbador – e eu cheguei a esse estado. Estou imensamente perturbada, não só com meu marido, mas também comigo mesma e com todas as pessoas que dizem uma coisa, fazem outra e pensam ainda outra. O político faz promessas, e a gente sabe exatamente o que sua promessa significa. Promete o céu na terra, e a gente bem sabe que ele irá criar um inferno na terra – e ele reclamará de fatores além do seu controle. Por que é que somos assim basicamente desonestos?"

Que significa honestidade? Pode haver honestidade – isto é, clara percepção, ver as coisas como são – se existe um princípio, um ideal, um ponto de honra? Pode a pessoa ser direta se há confusão? Pode haver beleza, se existe o padrão do que é beleza, ou do que é retidão? Quando existe essa divisão entre o que é e o que deveria ser, pode haver honestidade – ou somente uma edificante e respeitável desonestidade? Somos criados entre as duas – entre o que realmente é e o que pode ser. No intervalo entre as duas – o intervalo de tempo e de espaço – está toda a nossa educação, nossa moralidade, nosso esforço. Mantemos um olhar distraído numa coisa e na outra, um olhar de medo e um olhar de esperança. E pode haver honestidade, sinceridade, nesse estado, o qual a sociedade chama de educação? Quando dizemos que somos desonestos, isso significa, essencialmente, que há comparação entre o que falamos e o que é. A pessoa diz uma coisa que não pensa talvez para dar

uma segurança passageira, ou porque a pessoa está nervosa, acanhada ou envergonhada de dizer algo que realmente é. Assim, a apreensão nervosa e o medo nos fazem desonestos. Quando buscamos o sucesso, devemos ser um tanto desonestos, enganar os outros, ser astutos, mentirosos, para alcançarmos nosso fim. Ou a pessoa adquiriu autoridade ou uma posição que quer defender. Assim, toda resistência, toda defesa é uma forma de desonestidade. Ser honesto significa não ter ilusões sobre si mesmo e nenhuma semente de ilusão – como o desejo e o prazer.

"Você quer dizer que o desejo gera ilusão! Eu desejo uma casa bonita – nisso não há nenhuma ilusão. Desejo que meu marido alcance uma posição melhor – não posso ver ilusão nisso também."

No desejo há sempre o melhor, o maior, o mais. No desejo há a medida, a comparação – e a raiz da ilusão é a comparação. O bom não é o melhor, e toda a nossa vida é gasta na busca do melhor – seja o melhor banheiro, seja a melhor posição, seja o melhor Deus. O descontentamento com o que é modifica o que é – sendo meramente uma continuação melhorada do que é. Melhora não é mudança, e é esse constante melhorar – tanto em relação a nós mesmos como à moralidade social – que gera desonestidade.

"Eu não sei se o estou seguindo, e não sei se quero segui-lo", ela disse, com um sorriso. "Compreendo verbalmente o que você diz, mas aonde você está nos levando? Acho isso bastante assustador. Se eu viver, de fato, o que você está dizendo, meu marido provavelmente perderia o seu emprego, pois no mundo dos negócios existe muita desonestidade. Nossos filhos, também, são educados para competir, para lutar pela sobrevivência. E, quando eu me dou conta, a partir do que você está dizendo, que nós os estamos treinando para serem desonestos – não obviamente, é claro, porém de maneira sutil e tortuosa –, fico assustada por eles. Como eles podem encarar o mundo, que é tão desonesto e brutal, a menos que eles mesmos tenham um pouco dessa desonestidade e brutalidade? Oh! Eu sei que estou dizendo coisas horríveis, mas aí está! Começo a ver o quanto sou totalmente desonesta!"

Viver sem princípio, sem um ideal, é viver encarando aquilo que é a cada minuto. Encarar de fato o que é – que significa estar

completamente em contato com o que é, não através da palavra ou de associações passadas e memórias, mas diretamente em contato com o que é – é ser honesto. Saber que você mentiu e não procurar desculpa para isso, porém ver o fato real, é honestidade; e nessa honestidade há uma grande beleza. A beleza não fere a ninguém. Dizer que se é mentiroso é um reconhecimento do fato; é reconhecer um erro como um erro. Mas o procurar razões, desculpas e justificações para o fato é desonestidade, e nisso há autopiedade. Autopiedade é a escuridão da desonestidade. Isso não significa que a pessoa tenha que ser cruel com ela mesma, porém, sim, que deve estar atenta. Estar atento significa cuidar, olhar.

"Eu certamente não esperava tudo isso, quando vim. Eu me sentia um tanto envergonhada de minha desonestidade e não sabia o que fazer a respeito. A incapacidade de fazer alguma coisa com isso me fez sentir culpada, e resistir ou lutar contra a culpa traz outros problemas. Preciso agora pensar cuidadosamente em tudo que você disse."

Se posso fazer uma sugestão, não pense nisso. Veja agora, tal como é. Desse ver, alguma coisa nova acontecerá. Mas, se você pensar sobre isso, você está de volta, novamente, à mesma velha armadilha.

20. NENHUMA PÍLULA DOURADA RESOLVERÁ NOSSOS PROBLEMAS HUMANOS

No animal, os instintos para seguir e obedecer são naturais e necessários à sobrevivência, mas no homem eles se tornam um perigo. Seguir e obedecer, no indivíduo, é imitação, ajustamento a um padrão da sociedade que ele próprio construiu. A inteligência não pode funcionar sem liberdade. Entender a natureza da obediência e da aceitação, na ação, traz liberdade. Liberdade não é o instinto para fazer o que se quer. Isso não é possível numa vasta e complexa sociedade; por isso, existe o conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre os muitos e o um.

Tinha estado muito quente por dias; o calor era sufocante e, naquela altitude, os raios de sol penetravam cada poro do seu corpo, fazia você ficar um pouco tonto. A neve estava derretendo rapidamente e o riacho se tornava cada vez mais marrom. A grande queda d'água caía em torrentes. Vinha de uma grande geleira, talvez de mais de um quilômetro de extensão. Aquele riacho jamais secaria.

Naquela tarde desabou o temporal. As nuvens tinham-se acumulado contra as montanhas e havia estrondos de trovão e relâmpagos, e começou a chover; podia-se cheirar a chuva.

Naquela pequena sala havia três ou quatro deles contemplando o rio. Vieram de diferentes partes do mundo e pareciam ter uma pergunta em comum. A pergunta não era tão importante como o próprio estado deles. O próprio estado da mente revelava muito mais do que a pergunta. A pergunta era como uma porta que se abria para o interior de uma casa de muitos aposentos. Eles não eram muito saudáveis; eram infelizes, cada um à sua maneira. Eram pessoas educadas – o que quer que isso signifique; falavam várias línguas e pareciam desleixados.

"Por que a pessoa não deve tomar drogas? Você, pelo visto, parece ser contra elas. Seus próprios amigos eminentes as tomaram, escreveram livros a respeito delas, encorajando outros a tomá-las, e eles experimentaram com grande intensidade a beleza de uma simples flor. Nós também as tomamos e gostaríamos de saber por que você parece se opor a essas experiências químicas. Afinal de contas, em nosso organismo há um processo bioquímico e, adicionando-lhe uma química extra, pode nos dar uma experiência que pode ser uma aproximação do real. Você mesmo nunca tomou drogas, não é? Então como você pode, sem ter experimentado, condená-las?"

Não, nunca tomamos drogas. A pessoa precisa embriagar-se para saber o que é sobriedade? Precisa fazer-se doente para descobrir o que é a saúde? Como há várias coisas envolvidas em tomar drogas, vamos entrar na questão inteira com cuidado. Qual é a necessidade de tomar drogas, afinal – drogas que prometem uma expansão psicodélica da mente, grandiosas visões e intensidade? Ao que parece, a pessoa as toma porque sua própria percepção está embotada. Sua clareza está embaçada, sua vida um tanto superficial, medíocre e sem sentido; ela toma drogas para ultrapassar essa mediocridade.

Os intelectuais fizeram da droga um novo modo de vida. A pessoa vê em todo o mundo a discórdia, as compulsões neuróticas, os conflitos, a dolorosa miséria da vida. A pessoa está atenta para a agressividade do homem, sua brutalidade, seu extremo egoísmo, que

nenhuma religião, nenhuma lei, nenhuma moralidade social foi capaz de amansar.

Há tanta anarquia no homem – e tanta capacidade científica. Esse desequilíbrio traz destruição no mundo. O espaço, sem ponte possível, entre a adiantada tecnologia e a crueldade do homem, está produzindo enorme caos e miséria. Isso é óbvio. Assim, o intelectual, que brincou com várias teorias – vedanta, zen, ideais comunistas, etc. – sem ter encontrado caminho para fora dessa situação desagradável do homem, volta-se agora para a pílula dourada que trará a sanidade e harmonia dinâmicas. O descobrimento dessa pílula dourada – a completa solução para todas as coisas – está sendo esperado do cientista, e ele provavelmente a produzirá. E os escritores e os intelectuais a recomendarão para pôr fim a todas as guerras, tal como ontem recomendavam o comunismo ou o fascismo.

Mas a mente, com sua extraordinária capacidade para descobertas científicas e suas implementações, continua insignificante, estreita e intolerante, e certamente continuará em sua insignificância, não continuará? Você pode ter uma experiência tremenda e explosiva através de uma dessas drogas, mas a agressão profundamente enraizada, a bestialidade e o sofrimento do homem, irão desaparecer? Se tais drogas podem resolver os intricados e complexos problemas do relacionamento, então não há mais nada para ser dito, pois então o relacionamento, a exigência pela verdade, o findar do sofrimento, são uma coisa muito superficial para serem resolvidos tomando uma pitada da nova droga dourada.

Certamente essa é uma abordagem falsa, não é? É dito que essas drogas dão uma experiência aproximadora da realidade, dando, portanto, esperança e encorajamento. Mas a sombra não é o real; o símbolo nunca é o fato. Como é observado através do mundo todo, o símbolo é adorado e não a verdade. Não é, assim, uma asserção falsificada dizer que o efeito dessas drogas está perto da verdade?

Nenhuma pílula dourada, dinâmica, irá resolver, em tempo algum, nossos problemas humanos. Eles só poderão ser resolvidos quando acontecer uma revolução radical na mente e no coração do

homem. Isso exige trabalho árduo e constante, exige ver e escutar e, assim, ser altamente sensível.

A mais alta forma de sensibilidade é a mais alta inteligência, e nenhuma droga, jamais inventada pelo homem, dará essa inteligência. Sem essa inteligência, não existe amor; e amor é relacionamento. Sem esse amor, não há equilíbrio dinâmico no homem. Esse amor não pode ser dado – nem pelos sacerdotes e seus deuses, nem pelos filósofos ou pela pílula dourada.

... Negar toda moralidade é ser moral, porque a moralidade aceita é a moralidade da respeitabilidade, e eu receio que todos desejemos ardentemente ser respeitados – que é sermos reconhecidos como bons cidadãos em uma sociedade apodrecida. A respeitabilidade é muito lucrativa, e assegura a você um bom emprego e uma renda fixa. A moralidade aceita, de avidez, inveja e ódio, é o modo de vida da ordem estabelecida. Quando você nega tudo isso, não da boca para fora, mas com o coração, então você é realmente moral.

(Krishnamurti, *A Única Revolução*)

... Um tipo diferente de cultura tem que surgir. A velha cultura está quase morta e ainda assim nos agarramos a ela. Aqueles que são jovens se revoltam contra ela, mas, infelizmente, não encontram um caminho que transforme a qualidade essencial do ser humano, que é a mente. E, a menos que haja uma revolução psicológica profunda, a mera transformação da periferia terá um efeito mínimo. E esta revolução psicológica, que é a única revolução, é possível na meditação.

(Krishnamurti, Brockwood Park, 12-9-1971)

... Certamente, a única revolução verdadeira é libertar a mente de seus próprios condicionamentos e, portanto, da sociedade – não a mera reforma da sociedade... Não é uma revolução política ou econômica, nem paz através do terror. Para um homem sério o problema real é descobrir se a mente pode ser totalmente livre de todos os condicionamentos e assim, talvez, descobrir naquele extraordinário silêncio aquilo que está além de todas as medidas.

(Krishnamurti, Londres, 17-6-1955)

J. KRISHNAMURTI
A ÚNICA REVOLUÇÃO